

**UNESP**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**ProfArtes – Mestrado Profissional em Artes**

**Ana Maria Minici Mirio**

**UM RELATO SOBRE A FORMAÇÃO DO  
EDUCADOR/MEDIADOR NO ÂMBITO DO CURSO TÉCNICO EM  
MUSEOLOGIA NA ETEC/PARQUE DA JUVENTUDE - SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, com área de concentração em Ensino de Artes, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rejane Galvão Coutinho.

**São Paulo**  
**2016**

**ANA MARIA MINICI MIRIO**

**UM RELATO SOBRE A FORMAÇÃO DO  
EDUCADOR/MEDIADOR NO ÂMBITO DO CURSO TÉCNICO EM  
MUSEOLOGIA NA ETEC/PARQUE DA JUVENTUDE - SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, com área de concentração em Ensino de Artes, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rejane Galvão Coutinho.

**São Paulo**

**2016**

**ANA MARIA MINICI MIRIO**

**UM RELATO SOBRE A FORMAÇÃO DO  
EDUCADOR/MEDIADOR NO ÂMBITO DO CURSO TÉCNICO EM  
MUSEOLOGIA NA ETEC/PARQUE DA JUVENTUDE - SP**

**Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes, ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, com a Área de concentração em Ensino de Artes, pela seguinte banca examinadora:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rejane Galvão Coutinho  
Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – Unesp –  
Orientadora**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Peixoto de Alencar  
Instituição**

---

**Prof.<sup>º</sup> Dr.<sup>º</sup> Erick Orloski  
Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo**

São Paulo, 22 de Agosto de 2016

## **MEUS AGRADECIMENTOS**

À minha filha Soraia e ao meu genro Guilherme, por todo o apoio que me deram nesse período de estudos e trabalho.

À Prof.<sup>a</sup> Rejane Coutinho, pela orientação e apoio.

À Prof.<sup>a</sup> Cecilia Machado, pela confiança e pela oportunidade de integrar o quadro de professores do curso Técnico em Museologia da ETEC/Parque da Juventude.

A todos os alunos do curso Técnico em Museologia, com quem tive a oportunidade de trabalhar e conhecer neste período.

À minha sobrinha Mia Denser, que me ajudou com o inglês.

À Rosa Maria Gonçalves, que me socorreu em várias ocasiões indicando textos e conversando sobre a vida.

A todos os amigos, companheiros de jornada desta primeira edição do ProfArtes, por toda a força, apoio, aprendizado e, principalmente, pela amizade.

Aos professores e funcionários do Instituto de Artes.

Aos amigos da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

A todos os grandes profissionais da área da Educação em Museus que encontrei ao longo dessa trajetória.

A CAPES, por tornar possível esse período de aprendizado.

Dedico esse trabalho à minha filha Soraia  
que sempre acreditou em mim e a toda a  
minha família, em especial à Sônia e à  
Therê, que muito me apoiaram.

*In memoriam* ao Si, meu grande amor e ao Beto, meu grande amigo. Tenho certeza que estariam contentes em presenciar a finalização de mais esta etapa da minha vida.

## RESUMO

Diante do crescente destaque do processo da mediação cultural no contexto das instituições museológicas brasileiras, as questões relativas à formação do educador/mediador, que é o profissional responsável por estabelecer este processo, adquiriu uma distinta importância. Trabalhando como educadora/mediadora em diversas instituições culturais desde 1997, com passagens também como professora do ensino formal, a autora pretendeu apresentar um trabalho relatando sua experiência como professora do curso Técnico em Museologia, na ETEC/Parque da Juventude, responsável pelos componentes curriculares “Mediação em Museus” e “Laboratório de Práticas de Mediação em Museus”. Com o objetivo de elencar os assuntos e as estratégias pedagógicas que poderiam contribuir para uma maior qualificação do profissional Técnico em Museologia, os questionamentos surgidos a respeito dos temas teóricos e práticos, a forma de apresentação e articulação entre eles, além da sua adequação aos profissionais que irão desempenhar seu trabalho em museus de diferentes tipologias, foram os principais desafios para a elaboração do plano de aulas, colocado em prática ao longo do segundo semestre de 2013 até o segundo semestre do ano de 2015. O trabalho relatado foi desenvolvido com cinco turmas atendidas no período especificado e aborda as quatro vertentes práticas desenvolvidas, a saber: temas das aulas - teoria e prática- e a bibliografia sugerida; parcerias com instituições culturais, orientação dos trabalhos de conclusão de curso e palestras com profissionais da área da Educação em Museus.

Palavras-chaves: Formação do Educador/Mediador; Curso Técnico em Museologia; Mediação em Museus; Plano de aulas; Educação em Museus.

## ABSTRACT

Given the increasing emphasis put on the cultural mediation process in the context of Brazilian museological institutions, the questions relative to the training of the educator/mediator; that is, the professional responsible for establishing the mediation process; acquired a distinct importance. Working as an educator/mediator in a multitude of cultural institutions since 1997, and having worked, also, as a formal education teacher, the author intended to present a paper portraying her experience as a teacher in the Technical course of Museology, at ETEC/Parque da Juventude, responsible for the curricular components Mediation in Museums and Laboratory of Mediation Practices in Museums. In order to list the subjects and pedagogical strategies that could contribute to a larger qualification of the professional museology technician, the questions arisen about the topics, both theoretical and practical, the form of presentation and articulation between them, as well as its suitability to the professionals that will perform their work in museums of different typologies, were the main challenges regarding the formulation of a lesson plan, put in practice from the second semester of 2013 to the second semester of the year 2015. The work reported was developed alongside five classes tended to during the specified period and covers four practical lines formulated, the themes of each lesson - theoretical and practical - and the suggested bibliography; the partnerships with cultural institutions, the orientation of course completion assignments and the lectures with professionals from the Education in Museums field.

*Keywords:* Development of the Educator/Mediator; Technical Course in Museology; Mediation in Museums; Lesson plan; Education in Museums.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E SOBRE A ETEC/ PARQUE DA JUVENTUDE – CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE O ASSUNTO E O LOCAL DE TRABALHO.....</b>	<b>15</b>
1.1. CENTRO PAULA SOUZA.....	16
1.2. PARQUE DA JUVENTUDE E ETEC/ PARQUE DA JUVENTUDE .....	18
1.3. O ESPAÇO MEMÓRIA CARANDIRU .....	23
1.4. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO .....	25
1.4.1. Educação Profissional Técnica de Nível Médio .....	26
1.4.2. Eixos Tecnológicos e Itinerários Formativos .....	27
1.4.3. Catálogos Nacionais de Cursos Técnicos .....	31
1.4.4. Classificação Brasileira de Ocupações .....	33
<b>2. UM NOVO CURSO: TÉCNICO EM MUSEOLOGIA .....</b>	<b>35</b>
2.1. SURGIMENTO DO CURSO.....	35
2.2. REFORMULAÇÃO DO CURSO TÉCNICO EM MUSEOLOGIA.....	37
2.3. ALGUNS DADOS ATUAIS.....	40
2.4. ESTRUTURA DO CURSO: COMPONENTES CURRICULARES.....	40
2.5. COMPONENTES CURRICULARES: MEDIAÇÃO EM MUSEUS E LABORATÓRIO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO EM MUSEUS.....	42
2.6. PLANO DE TRABALHO DOCENTE E PLANO DE AULAS.....	42
<b>3. A EXPERIÊNCIA DAS AULAS .....</b>	<b>45</b>
3.1. SELEÇÃO DOS TEMAS, DEFINIÇÕES DOS PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS E BIBLIOGRAFIA “BASE” .....	47
3.2. TEMAS DAS AULAS: TEORIA & PRÁTICA .....	54
3.2.1. Museus e Serviços educativos: breve histórico; Função social do museu: foco para público; Serviços educativos na atualidade: programas e projetos. Ação educativa: programa - cursos, ateliês, atividades extramuros, materiais educativos, materiais de apoio às visitas, kits de objetos; Avaliações.....	54

<b>3.2.2. Contextos educativos: Educação formal, não-formal e informal; Educação em Museus; Parceria museu-escola.....</b>	<b>60</b>
<b>3.2.3. Fundamentação- Alguns Pensadores: John Dewey, Paulo Freire, Ana Mae Barbosa.....</b>	<b>66</b>
<b>3.2.4. Bebês, Infantil, Adolescentes, Adultos, Familiar, Escolar, Pessoas Com Deficiência, Inclusão Sócio-Cultural, Idosos- Públicos de Museu: Características e Estratégias.....</b>	<b>70</b>
<b>3.2.5. Visitas Educativas: Modelos de Comunicação - Passivo e Participativo; Tipos/Modelos de Visita: Visita-Palestra, Discussão Dirigida e Descoberta Orientada; Estrutura da Visita - Acolhimento, Percurso/Desenvolvimento, Propostas Práticas e Fechamento; Roteiro de Observação de Visitas; Agendamento e Regras de Visitação.....</b>	<b>71</b>
<b>3.2.6. Mediação/Mediação em arte. Leitura de imagem, roteiros de leitura, níveis de desenvolvimento: Abigail Housen e Michael Parsons; Educação Patrimonial .....</b>	<b>80</b>
<b>3.2.7. Formação de educadores: postura profissional e dicas de atendimento ao público.....</b>	<b>93</b>
<b>3.3 PARCERIAS .....</b>	<b>95</b>
<b>3.3.1. Fundação Cultural Ema Gordon Klabin.....</b>	<b>96</b>
<b>3.4. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ORIENTAÇÃO .....</b>	<b>104</b>
<b>3.5. PALESTRAS.....</b>	<b>107</b>
<b>4. EPÍLOGOS (...) .....</b>	<b>123</b>
<b>4.1. CONVERSAS FINAIS .....</b>	<b>123</b>
<b>4.2. "IDÉIAS EM FORMAÇÃO" OU "EU E OS PÁSSAROS".....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO A</b>	
<b>ANEXO B</b>	
<b>ANEXO C</b>	
<b>ANEXO D</b>	

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o tema da mediação cultural tem sido abordado de modo bastante intenso tanto em trabalhos acadêmicos quanto em textos elaborados por profissionais ligados diretamente ao processo da mediação, alocados ou não em instituições museológicas e/ou culturais. Deste modo, hoje, podemos ter acesso a uma grande variedade de locutores que buscam refletir e, também, de algum modo, definir no contexto museológico aquilo que se entende por mediação, bem como uma profusão de discursos a respeito do universo contextual relacionado.

Num documento internacional redigido em 2009, de caráter referencial e traduzido recentemente para o português, o Comitê de Museologia do ICOM (Conselho Internacional de Museus) - (ICOFOM) assinala que:

Na museologia, o termo “mediação”, depois de mais de um século, veio a ser utilizado com frequência, principalmente na França e nos países francófonos da Europa, onde se fala em “mediação cultural”, “mediação científica” e “mediador”. O termo designa essencialmente toda uma gama de intervenções realizadas no contexto museal, com o fim de estabelecer certos pontos de contato entre aquilo que é exposto (ao olhar) e os significados que estes objetos e sítios podem portar (o conhecimento). A mediação busca, de certo modo, favorecer o compartilhamento de experiências vividas entre os visitantes na sociabilidade da visita, e o aparecimento de referências comuns. Trata-se, então, de uma estratégia de comunicação com caráter educativo, que mobiliza as técnicas diversas em torno das coleções expostas, para fornecer aos visitantes os meios de melhor compreender certas dimensões das coleções e de compartilhar as apropriações feitas. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 53).

E ainda, em nota constante na mesma página:

No Brasil e em Portugal, o termo “mediação” também passou a aparecer com mais frequência nos últimos anos no contexto dos museus, principalmente, com a ênfase dada atualmente à figura do “mediador”, responsável por desenvolver atividades educativas diretamente com o público de alguns museus e por transmitir a proposta pedagógica dessas instituições. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 53).

O campo da mediação cultural e, especificamente, a estratégia comunicativa das visitas mediadas, tem sido um campo de interesse particular já há algum tempo. Logo que comecei a trabalhar na área da educação em museus junto ao Serviço Educativo do MASP, em 1997, entender o processo

de formação do educador/mediador era uma questão com a qual eu me importava.

Desde essa época tive oportunidade de trabalhar em várias instituições culturais participando de vários processos formativos como educadora em formação e, mais tarde, formando novos educadores. Esta situação trouxe a possibilidade – e a responsabilidade – de começar a pensar numa seleção de conteúdos que seriam importantes para a formação destes profissionais. Que tipos de conteúdos deveriam estar presentes nesta formação? De que modo estes poderiam ser trabalhados? Seriam conteúdos fixos? Serviriam para os profissionais de qualquer museu/instituição cultural?

Anos mais tarde, integrando o Mestrado Profissional e recém atuando como professora na ETEC/Parque da Juventude, finalmente a oportunidade para refletir de modo sistemático a respeito do assunto – a formação do educador/mediador – se configurou.

Articulada com a minha trajetória de trabalho e, neste momento, pensando a formação deste profissional no âmbito de um curso técnico, esta pesquisa surge, também, como um importante procedimento para responder ao desafio de construir um plano de aulas que possa contemplar conteúdos teóricos e práticos considerados indispensáveis à formação de um educador/mediador, que é parte de uma temática mais abrangente prevista na constituição integral do profissional Técnico em Museologia.

Oferecido na ETEC/Parque da Juventude, o Curso Técnico de Museologia é composto por dezessete componentes curriculares<sup>1</sup> distribuídos ao longo de três módulos semestrais. O planejamento em questão refere-se aos componentes Mediação em Museus e Laboratório de Práticas de Mediação em Museus, ministrados por mim no período de agosto de 2013 a novembro de 2015.

Novamente destaco que minha atuação como educadora/mediadora desde 1997 em diferentes instituições museológicas e culturais, somada à experiência como professora em escolas públicas e particulares, serviu como base para a elaboração de um plano de aulas que contemplasse conteúdos e

<sup>1</sup> Segundo o Parecer CNE/CEB n.º 5/2011, “componente curricular” é um termo não obrigatório, adotado e assumido em alguns pareceres do Conselho Nacional de Educação – CNE e da Câmara de Educação Básica - CEB. No âmbito da LDB são, também, utilizados outros termos correlatos como, por exemplo, disciplina, estudo, conhecimento, ensino, matéria, conteúdo curricular. Cada escola tem autonomia para utilizar o termo que melhor se adequar às suas propostas curriculares, de acordo com suas concepções pedagógicas.

ações oriundos dos contextos educativos formais e não-formais, na tentativa de estabelecer uma articulação mais orgânica dos temas estudados em cada componente, tendo em vista uma contribuição mais qualificada para a formação deste profissional.

Para contextualizar a elaboração desse planejamento, iniciei uma pesquisa histórica sobre o ensino técnico profissionalizante no Brasil para conhecer um pouco mais sobre o contexto desse sistema de ensino e seus diferentes tipos e níveis. Na sequência, me empenhei na busca de dados sobre o Centro Paula Souza, a ETEC/Parque da Juventude, o surgimento do curso Técnico em Museologia, bem como a classificação e categorização deste curso. Após as breves explanações nos dois primeiros capítulos, tratarei das questões mais específicas da elaboração do plano de aulas para os dois componentes curriculares integrantes do segundo módulo do Curso Técnico em Museologia, seguidos de comentários sobre a experiência com as turmas no decorrer desses dois anos e meio de trabalho.

Nas pesquisas sobre o ensino técnico tive contato com vários materiais publicados e disponíveis na rede, principalmente aqueles produzidos por alguns importantes grupos de pesquisa, como o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional - GEPEMHEP/ Centro Paula Souza (1998); o grupo Políticas Públicas e de Ciência e Tecnologia (2008) e o Grupo Interinstitucional e Interdisciplinar de Pesquisa em Políticas, História-Memória, Gestão e Avaliação da Educação Profissional e Tecnológica- GEPETEC (2013), todos produzindo pesquisas sobre a educação profissional e tecnológica a partir das fontes documentais presentes nas escolas técnicas do Centro Paula Souza com o objetivo de contribuir com pesquisas e estudos voltados para a escola e para o mundo do trabalho. As pesquisas geradas constituem um “acervo documental permanente” e acessível para consulta, na intenção de estimular novos estudos e publicações sobre o ensino profissional.

Tive também a oportunidade de acessar material bibliográfico específico sobre o curso na forma de pesquisas e artigo realizados pela coordenadora, bem como de pesquisas e entrevistas realizadas por uma das turmas, como trabalho de conclusão de curso (TCC). Do mesmo modo procurei conversar com alguns profissionais – professores e ex-professores, ex-alunos e coordenação que, em diferentes momentos de suas carreiras, participaram (ou

ainda participam) da construção, implementação e manutenção do Curso Técnico em Museologia, pioneiro no país em seu gênero.

Assim sendo, busquei a experiência de trabalho que envolveu a seleção de temas, algumas estratégias pedagógicas e, principalmente, o desenvolvimento de uma bibliografia específica para compor e fundamentar a teoria e a prática dos planos de aulas relativos aos componentes curriculares do curso Mediação em Museus e Laboratório de Práticas de Mediação em Museus, que tratam das questões da educação em museus, presentes no Plano de Trabalho deste curso técnico.

## **1. SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E SOBRE A ETEC/ PARQUE DA JUVENTUDE – CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE O ASSUNTO E O LOCAL DE TRABALHO**

Segundo a legislação atual (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB n.º9394/1996 alterada pela Lei n.º11.741/2008), a educação profissional e tecnológica integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação<sup>2</sup>. Dependendo do sistema e nível de ensino, seus cursos poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos. A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) abrange os seguintes cursos:

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional: nível básico que atende, independente de escolaridade prévia, pessoas em busca de uma formação rápida para o trabalho ou que precisam se requalificar para buscar emprego. A partir de cursos de duração variável oferecidos em contexto de educação não-formal, permite a qualificação, requalificação e atualização para o exercício de funções demandadas pelo mundo do trabalho.

II – de educação profissional técnica de nível médio: contexto de educação profissional formal, destinado a jovens e adultos que estejam cursando ou tenham concluído o ensino médio, cuja titulação pressupõe a conclusão da educação básica;

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação: destinado à formação superior, tanto de graduação como de pós-graduação, de jovens e adultos.

Hoje, no Brasil, a EPT pode ser oferecida por escolas técnicas e faculdades de tecnologia federais, estaduais, municipais e privadas, sendo que nestas últimas estão incluídas as organizações patronais do chamado “Sistema S”, que promovem a formação profissional dos trabalhadores dos diversos setores produtivos: indústria (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI); comércio (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC);

---

<sup>2</sup> Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, educação de pessoas em regime de acolhimento ou internação e em regime de privação da liberdade, Educação especial e Educação à Distância.

agricultura (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR); transporte (Serviço Social do Transporte – SEST e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte - SENAT) e, empreendedorismo através do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Também departamentos de recursos humanos de empresas, organizações não-governamentais, instituições sindicais, comunitárias e filantrópicas; todas elas, públicas ou privadas, destinadas ao planejamento, execução e avaliação de práticas de educação profissional de nível básico, técnico (escolas técnicas) e tecnológico (faculdades de tecnologia).

Sobre essas possibilidades de formação profissional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Capítulo III, “Da Educação Profissional e Tecnológica”, assinala em seus artigos 40, 41 e 42 que:

- Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho.

- Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

- Art. 42. As instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não, necessariamente, ao nível de escolaridade.

## 1.1 CENTRO PAULA SOUZA

Segundo Passos (2006), em 1963 o Conselho Estadual de Educação de São Paulo começou a promover algumas reuniões no intuito de avaliar a implantação de uma rede de cursos superiores de tecnologia de curta duração para atender as demandas surgidas como desenvolvimento industrial do Estado. Como resultado dessas reuniões, em 1969, na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967-1971), foi lançado o Decreto-Lei que cria

o Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo – CEET, uma autarquia<sup>3</sup> ligada ao governo do estado de São Paulo.

A princípio, esta surgiu com o objetivo de organizar os primeiros cursos superiores de tecnologia, começando suas atividades em 1970. As duas primeiras Faculdades de Tecnologia do Estado foram instaladas nos municípios de Sorocaba e São Paulo, em 1971 e 1972, respectivamente. A alteração do nome para Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CEETEPS, em homenagem a Antonio Francisco de Paula Souza<sup>4</sup>, aconteceu em 1971 e inicialmente o Centro Paula Souza só se dedicava ao ensino superior. Porém, entre 1981 e 1982 ele acabou agregando também a educação profissional do Estado em nível médio, incorporando unidades já existentes e construindo novas Escolas Técnicas (ETEC's) e Faculdades de Tecnologia (FATEC's) para expandir o ensino profissional a todas as regiões do Estado.

Até os anos 1990 as Escolas Técnicas Estaduais (ETEs) não eram numerosas e a maior parte delas era localizada na grande São Paulo. Havia algumas incorporações de escolas técnicas conveniadas às prefeituras e outras poucas escolas haviam sido criadas. Porém, em 1993, o governo do estado de São Paulo transfere, por decreto, 82 escolas técnicas do estado para a rede do Centro Paula Souza.

A partir daí segue a ampliação da rede, tanto na incorporação de mais escolas quanto pelo aumento do número de FATEC's, que são as unidades de ensino superior. Além disso, são criados os cursos de pós-graduação *lato sensu* e mestrado profissional. Em relação a esse aumento da rede, algumas críticas são feitas tanto no que diz respeito à falta de investimentos do governo e também com relação a alguns outros problemas, como a falta de recursos e a defasagem salarial dos professores.

Hoje, o Centro Paula Souza centraliza o ensino técnico no estado de São Paulo oferecendo formação nos três níveis: básico, técnico e tecnológico.

---

<sup>3</sup> Autarquia é uma entidade autônoma, auxiliar e descentralizada da administração pública, porém fiscalizada e tutelada pelo Estado, com patrimônio formado com recursos próprios cuja finalidade é executar serviços que interessam a coletividade ou de natureza estatal.

<sup>4</sup> Antonio Francisco de Paula Souza (Itu/SP-1843 – São Paulo/SP- 1917) formou-se em Engenharia estudando na Alemanha e na Suíça. Foi professor e fundador da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), sendo seu diretor de 1894 até o ano de sua morte. Atuou como deputado, presidente da câmara estadual e ministro das Relações Exteriores e da Agricultura no governo do presidente Floriano Peixoto (1891 – 1894).

Segundo o site institucional, o Centro está vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) e administra 219 Escolas Técnicas Estaduais (ETEC's) e 65 Faculdades de Tecnologia (FATEC's) espalhadas em mais de 300 municípios. As ETEC's atuam nos Ensinos Técnico, Médio e Técnico Integrado ao Médio, com 135 cursos técnicos, incluindo habilitações na modalidade semipresencial, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e especialização técnica. Nas FATEC's são 72 cursos de graduação tecnológica em diversas áreas, além dos cursos de pós-graduação, atualização tecnológica e extensão.

Desde 2008 o Centro Paula Souza passou a implementar alguns planos de expansão<sup>5</sup> que, além de criar novas unidades de ETEC's, criaram as “classe descentralizadas” que é a ocupação de salas ociosas do período noturno da rede estadual de educação, mediante convênio. Desta forma, houve um destacado aumento do número de vagas oferecidas.

Hoje, 46 anos depois de sua fundação, o CEETEPS - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza tornou-se referência no ensino profissional brasileiro, sendo que a instituição apresenta excelentes resultados em exames como o ENEM<sup>6</sup> e o ENADE<sup>7</sup>.

## 1.2 PARQUE DA JUVENTUDE E ETEC/ PARQUE DA JUVENTUDE

O Parque da Juventude originou-se de um projeto urbanístico construído no mesmo local onde existia o chamado Complexo Penitenciário do Estado, o Carandiru. Este grande presídio<sup>8</sup> construído no bairro do Carandiru funcionou de 1920 até 2002, ano em que foi desativado. Um pouco antes, em 1999, o governo do estado de São Paulo promoveu um concurso público cujo edital exigia a criação de uma área que oferecesse à população educação, cultura e lazer, numa perspectiva social inclusiva. O Parque da Juventude foi o projeto

<sup>5</sup> Sobre “planos de expansão” na rede Paula Souza ver FRANCO, L. T. **A contribuição da memória no fortalecimento da reputação institucional: o caso dos 45 anos do Centro Paula Souza.** São Paulo, 2014, 93 fls.

<sup>6</sup> ENEM– Exame Nacional do Ensino Médio. Avaliação da educação média no Brasil e porta de entrada para a educação superior.

<sup>7</sup> ENADE– Exame Nacional de Desempenho de Estudantes. Avaliação dos estudantes de cursos superiores no Brasil.

<sup>8</sup> Em 1992 o Carandiru foi palco de um triste episódio que ficou conhecido como o “massacre do Carandiru”: um grande conflito entre detentos e policiais que resultou - entre os detentos-, no trágico número de 111 mortos e 130 feridos. Essa ocorrência de repercussão internacional aconteceu durante o governo de Antônio Fleury Filho (1991-1992), em 2 de outubro de 1992.

vencedor, responsável pela transformação física e simbólica daquele espaço: de um local marcado pela tragédia e violência, num ponto dedicado à cultura e ao lazer dos cidadãos paulistanos.

Em 2002 deu-se a desativação do Complexo do Carandiru com a transferência dos detentos para outros presídios. Em dezembro deste mesmo ano foram implodidos três pavilhões (de números 6, 8 e 9). Os outros quatro fariam parte do futuro parque, conservados como monumentos à memória do lugar. Porém, os recursos financeiros somente permitiram a recuperação de dois destes pavilhões sendo que, em 2005, foram implodidos os antigos pavilhões 2 e 5.

Em 2003 iniciou-se a construção do Parque da Juventude, realizada em três etapas e que durou até o ano de 2007. Em cada uma das fases foram concretizados os três espaços que compõem o parque: o Parque Esportivo, o Parque Central e o Parque Institucional.

No Parque Esportivo foram construídas instalações esportivas como pistas de skate, quadras para tênis, vôlei, futsal e basquete, pista para caminhada, vestiários, dentre outras coisas.

No Parque Central há uma grande área verde com alguns exemplares remanescentes da Mata Atlântica, além de jardins, bosques, árvores ornamentais e frutíferas. Também há cinco plataformas com alturas variadas para a prática do arborismo e trilhas para passeios e exploração da mata local.

Finalmente, o Parque Institucional que foi entregue em 2007, uma área onde se localizam as escolas técnicas estaduais de São Paulo, as ETEC's, escolas profissionalizantes que são instituições de ensino mantidas pelo governo estadual de São Paulo e subordinadas ao CEETPS- Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Os remanescentes pavilhões, nº 4 e nº 7, foram revitalizados e transformados em sedes das ETEC's Parque da Juventude e das Artes, respectivamente. Compondo a divisão institucional temos também o Acessa São Paulo, um local para inclusão digital com cursos e oficinas gratuitas, a Biblioteca de São Paulo e o Espaço Memória Carandiru, criado para oferecer ao público informações sobre o Carandiru e sediado no piso térreo da ETEC/Parque da Juventude.



#### Implantação geral

1. Parque Institucional / 2. Parque Central / 3. Parque Esportivo

Fig.1 - Parque da Juventude, Carandiru, zona norte da cidade de São Paulo.

Fonte: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/aflalo-amp-gasperini-arquitetos-parque-sao-31-10-2008>

A ETEC/Parque da Juventude, localizada à Avenida Cruzeiro do Sul, 2630, no bairro de Santana, foi criada pelo Decreto Estadual nº 51.629 de março de 2007, publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo - DOSP.

Segundo Cecília Machado<sup>9</sup>, a escola inicia suas atividades no prédio I do Parque da Juventude em fevereiro de 2007, sendo organizada a partir de quatro classes descentralizadas que existiam na ETESP- Escola Técnica de São Paulo Tiradentes. A diretora desta escola (2005/2006), Márcia Loduca Fernandes, acompanhou todo o processo desde a reforma até a implantação da ETEC/Parque da Juventude, assumindo sua direção bem como a responsabilidade pela implementação do plano pedagógico.

Arquitetonicamente ela foi planejada para ser um local aberto e interligado, sem os muros e as grades anteriores assinalando, desta maneira, a construção de um novo espaço inclusivo e integrador da comunidade escolar e do entorno. Inicialmente, a escola ofereceria os cursos técnicos de

<sup>9</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Fernando Luccas, em 2014.

Enfermagem, Informática e o novo curso Técnico em Museologia, em sua segunda edição.

Um ano depois, em 2008, inaugurou-se a outra ETEC, no prédio 2. Esta unidade foi direcionada para a área das Artes, e ficou também sob a direção de Márcia L. Fernandes. A diretora recebeu o encargo de implementar o ensino médio integrado ao técnico (ETIM) na ETEC/Parque da Juventude, que ainda estava sendo equipada. Com esta nova demanda, ela resolveu ficar na direção de uma única escola, optando pela unidade Parque da Juventude.

No site da Escola podemos ter acesso a algumas importantes informações, como textos que tratam do projeto político e pedagógico da escola, sua missão, visão e valores, organograma onde constam os nomes de todos os responsáveis gerais e de cada área que compõem a equipe da unidade, entre outros dados. Na apresentação de suas premissas, um destaque para a revelação dos ideais de uma nova educação profissional mais preocupada com a formação integral dos alunos:

São premissas da Escola a formação de um ser humano pensante, que atua e transforma e, ao mesmo tempo constrói o seu conhecimento individual e coletivamente, através da aproximação da teoria e prática, com referenciais positivos como a cooperação, respeito, diálogo, democracia e responsabilidade. Hoje, mais do que reproduzir dados, denominar classificações ou identificar símbolos, formar-se para a vida, num mundo de tão rápidas transformações e de tão difíceis contradições, significa saber informar-se, comunicar-se, argumentar, compreender e agir, enfrentar problemas de qualquer natureza, participar socialmente de forma responsável, ética e solidária, ser capaz de elaborar críticas ou propostas, ter competência profissional e, especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado. (<http://www.etcparquedajuventude.com.br/nossaescola.html>).

Ainda no site podemos obter informações a respeito da estrutura física da escola, composta por 15 salas de aula ambientadas de acordo com o componente curricular, 06 laboratórios de Informática, 01 laboratório de Montagem e Manutenção de Computadores (hardware), 01 sala de Info-Servidores, 01 laboratório de Enfermagem, 01 laboratório de Bioquímica, 01 laboratório de Robótica, 01 laboratório de Museu, 02 salas de multimeios (com capacidade para 80 alunos), 01 Espaço do Conhecimento (Biblioteca de Eventos), 01 Centro de Convenções e 01 Espaço Memória do Carandiru.

Para ingressar, o processo é igual ao de qualquer outra escola técnica do Centro Paula Souza. Caso queira cursar o Ensino Técnico Integrado ao Médio, o aluno deve prestar um vestibulinho que é realizado anualmente. Para os candidatos aos cursos técnicos modulares, o vestibulinho é realizado semestralmente.

A diretora geral da escola, conforme mencionado anteriormente, é a professora Márcia Loduca Fernandes, e a coordenadora do curso Técnico em Museologia, a professora Cecília de Lourdes Fernandes Machado. A escola tem uma equipe de aproximadamente 95 professores graduados e contratados em regime de CLT. Para ocupar as vagas os profissionais devem passar por concurso público ou processo seletivo.

Atualmente, a ETEC/PJ oferece os seguintes cursos: Administração - (EaD – Semipresencial); Administração - Integrado ao Ensino Médio; Biblioteconomia; Enfermagem; Informática para Internet - Integrado ao Ensino Médio; Logística; Marketing; Marketing - Integrado ao Ensino Médio; Meio Ambiente - Integrado ao Ensino Médio; Secretariado - (EaD – Semipresencial) e Museologia.



Fig.2 - Prédio da ETEC/Parque da Juventude.

Fonte: <http://www.etcparquedajuventude.com.br/nossaescola.html>

### 1.3 O ESPAÇO MEMÓRIA CARANDIRU

A origem do Espaço Memória do Carandiru - EMC está diretamente ligada à fotógrafa e antropóloga Maureen Bisilliat, que passou a se interessar pelo universo do Carandiru quando começou a registrar o trabalho desenvolvido no presídio, por sua filha nos anos 1980. Em entrevista dada a Federico Mengozi para a revista *Nossa América*, ela diz que sua familiaridade com o universo do Carandiru vem dos anos 1980 e é resultante de uma experiência como documentarista do projeto Teatro no Presídio. Este projeto foi desenvolvido na casa de detenção ao longo de cinco anos (de 1984 até 1990), com membros da população carcerária e um grupo de jovens profissionais.

Um tempo depois, de outubro de 2001 a agosto de 2002, foram feitos registros com os depoimentos dos presidiários que estavam no Carandiru em seus últimos meses de existência. Estas histórias revelam um cotidiano pouco conhecido da Casa de Detenção, regido por leis e ética próprias. A partir deste material, Maureen, sua filha Sophia e alguns outros profissionais produziram um livro e pensaram em ter um espaço de memória num dos pavilhões. Maureen acreditava na importância da memória ser preservada para apreciação e para isso ela reuniu fotos, vídeos, testemunhos, entrevistas.

Após cinco anos este espaço imaginado por Bisilliat para guardar a memória da penitenciária foi finalmente criado: o Espaço Memória Carandiru. No acervo há uma grande quantidade de objetos e documentos que ela coletou em 2003, durante o processo de desativação e implosão do Complexo Penitenciário do Carandiru. Nesta época ela havia pleiteado junto ao Governo do Estado que, dentro do novo projeto arquitetônico, fosse criado um espaço para a guarda deste acervo. Isso aconteceu só mais tarde, com a instalação do EMC no piso térreo da ETEC Parque da Juventude e posterior recebimento do acervo, que ficou durante anos sob sua guarda.

Segundo relata a professora Cecília Machado, coordenadora do curso de Técnico em Museologia da ETEC/PJ, no acervo há partes estruturais das construções - portas, portões e fragmentos de escombros - retiradas pela

equipe de engenharia e também, um conjunto fotográfico doado pela filha de um funcionário do extinto presídio.<sup>10</sup>

O Espaço Memória do Carandiru foi instituído pelo decreto estadual n.<sup>º</sup> 52.112 de 30 de agosto de 2007, na Secretaria de Relações Institucionais, com os seguintes objetivos básicos:

I - oferecer ao público em geral informações de caráter histórico, social e cultural sobre o Carandiru, organizadas em exposição permanente e em exposições temporárias;

II - propiciar a estudantes e estudiosos, programações específicas relativas à memória do Carandiru;

III - desenvolver trabalho educativo junto à população em geral.

O decreto também estipula que o EMC não se caracterizará como uma unidade administrativa, ficando subordinado diretamente ao Titular da Pasta. Como esta secretaria não teve condições de concretizar os objetivos programados, após várias reuniões, em 2008 o Governo do Estado entregou o EMC ao Centro Paula Souza, para que esta instituição financiasse o projeto.

Pouco tempo depois, com o Decreto Estadual n.<sup>º</sup> 54.929 de 16 de outubro de 2009, o Espaço Memória do Carandiru foi transferido para a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. Esta ficou com o encargo de adotar as “providências necessárias à plena consecução dos objetivos básicos do Espaço Memória do Carandiru, definidos pelo artigo 1º do Decreto n<sup>º</sup> 52.112, de 30 de agosto de 2007 (DE-SP 16/10/2009)”. Em 2013 a Secretaria altera o nome para Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, reafirmando sua intenção em promover as condições para a consecução dos objetivos básicos formulados na criação deste espaço.

A diretora da ETEC/ Parque da Juventude, Marcia Loduca, relata que o Centro Paula Souza, já em 2008, começou a estruturar o espaço de memória segundo o projeto de Maureen<sup>11</sup>. Porém, nas conversas entre a fotógrafa e os

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Fernando Luccas, em 2014.

<sup>11</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Agatha Ternoval, em 2014.

dirigentes do Centro Paula Souza, constatou-se a impossibilidade de financiamento, pela instituição, do projeto expográfico imaginado por ela. Neste momento foi lançada a ideia de transformar o Espaço Memória Carandiru num laboratório voltado para o curso de Museologia.

A proposta foi bem recebida e o EMC e seu acervo começaram a ser utilizados como laboratório do curso. Cecília Machado relata que em 2008 os alunos iniciaram a prática do curso com a primeira parte do acervo, aquele coletado dos escombros da implosão dos prédios<sup>12</sup>. O Laboratório do Museu foi criado com o objetivo de auxiliar a formação profissional dos alunos do Curso de Museologia visando conseguir a excelência no ensino bem como “na prática das técnicas museográficas levadas a cabo na organização, conservação, disponibilização e divulgação desse acervo para o público interessado, contribuindo para o resgate e a preservação da memória presidiária no Brasil”<sup>13</sup> (2014).

Desta forma, o Espaço Memória Carandiru tornou-se uma área de trabalho importante para o curso, pois, ao lidar com um acervo real, os alunos encontram a possibilidade de praticar e refletir sobre o processo museológico.

#### 1.4 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

Retomando as questões pertinentes à Educação Profissional e Tecnológica, as Diretrizes Curriculares Nacionais são normas obrigatórias fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Estipulando metas e objetivos a serem buscados em cada curso, procuram promover a equidade de aprendizagem na tentativa de garantir com que conteúdos básicos sejam ensinados para todos os alunos, sem deixar de levar em consideração os diversos contextos nos quais eles estão inseridos.

Considerando a autonomia da escola e da proposta pedagógica, incentivam as instituições a montar seu currículo recortando, dentro das áreas

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Fernando Luccas, em 2014.

<sup>13</sup> Idem.

de conhecimento, os conteúdos que lhes convêm para a formação daquelas competências que estão explicitadas nas diretrizes curriculares.

Atualmente, existem diretrizes gerais para a Educação Básica e cada etapa e modalidade também apresentam diretrizes curriculares próprias. Recentemente a Resolução n.º 06/2012, fundamentada no Parecer CNE/CEB nº 11/2012 definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Deste modo, com base nessa Resolução relataremos alguns dos princípios e critérios a serem observados pelos sistemas de ensino e pelas instituições de ensino públicas e privadas, na organização e no planejamento, desenvolvimento e avaliação da Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

#### **1.4.1 Educação Profissional Técnica de Nível Médio**

É desenvolvida nas formas articulada e subsequente ao Ensino Médio, sendo que a forma articulada pode ser integrada ou concomitante a essa etapa da Educação Básica.

Forma articulada integrada: para quem já concluiu o Ensino Fundamental, com matrícula única na mesma instituição, de modo que o estudante faça a habilitação profissional técnica de nível médio ao mesmo tempo em que conclui o Ensino Médio.

Forma articulada concomitante: para aqueles que ingressam no Ensino Médio ou já estejam cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso aproveitando oportunidades educacionais disponíveis, seja em unidades de ensino da mesma instituição ou em distintas instituições de ensino. Ou ainda, concomitante na forma, que é aquela desenvolvida simultaneamente em distintas instituições educacionais, mas integrada no conteúdo, mediante a ação de convênio ou acordo de intercomplementaridade para a execução de projeto pedagógico unificado.

Forma subsequente: para aqueles que já concluíram o Ensino Médio. Nesse tipo de oferta, o documento orienta que após uma avaliação diagnóstica, caso seja necessário, devem ser introduzidos conhecimentos inerentes à Educação Básica para complementar e atualizar os estudos de acordo com o

respectivo eixo tecnológico, garantindo deste modo o perfil profissional de conclusão.

A Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) possibilita a avaliação, o reconhecimento e a certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos. Organizada em etapas ou módulos, podem oferecer terminalidade profissional intermediária e também qualificação profissional para o trabalho. Para a obtenção do diploma de técnico é necessária a certificação do Ensino Médio.

#### **1.4.2 Eixos Tecnológicos e Itinerários Formativos**

Os cursos de EPTNM são organizados por eixos tecnológicos, possibilitando aos alunos a construção de itinerários formativos no mundo do trabalho seguindo seus próprios interesses e sujeitos às possibilidades das instituições educacionais, de acordo com as normas do respectivo sistema de ensino para essa modalidade de educação.

Segundo dados que constam do documento organizado por Eliezer Pacheco e que debateu as questões das diretrizes curriculares para a EPTNM<sup>14</sup>, a forma anterior de organização dos cursos técnicos e tecnológicos acompanhava a lógica das atividades econômicas, dividida em 21 áreas. A falta de unicidade na adoção de critérios para organizar as funções a partir destes setores da economia, resultou na criação de uma infinidade de áreas, onde os cursos podiam pertencer a mais de uma única área. Com o objetivo de organizar e orientar a oferta desses cursos foram elaborados os Catálogos Nacionais; primeiro o dos Cursos Superiores de Tecnologia, e depois o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos de Nível Médio.

Nesta mudança, o critério único para a classificação dos cursos passou a ser a tecnologia, objeto de estudo e intervenção da própria EPT. Tecnologia, entendida em definição recorrente, em sua capacidade de modificar a realidade a partir de um conjunto complexo de conhecimentos tecnológicos acumulados. Ainda segundo os debates, entendia-se que para os alunos dos cursos de nível

---

<sup>14</sup> Disponível em:  
<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8A8A8337ECDC2B0137ED025BFE393C> – Acesso em 21.set.2016

médio é importante compreender os princípios gerais sobre os quais se fundamentam a multiplicidade de processos e as técnicas fundamentais aos sistemas de produção, bem como compreender o processo histórico de produção científica e tecnológica. Assim é possível que eles entendam como tem se dado a apropriação social desses conhecimentos para a transformação das condições naturais da vida e para a ampliação das capacidades e potencialidades e dos sentidos humanos.

Na adoção dos eixos tecnológicos, a estruturação do currículo demanda a identificação das tecnologias que se encontram associadas na produção de um bem ou serviço. Após essa identificação, torna-se possível seu agrupamento sob uma determinada lógica. Esses agrupamentos ordenados de informações tecnológicas articulados em seus aspectos lógicos e históricos são chamados de matrizes tecnológicas.

Os eixos tecnológicos e suas respectivas matrizes tecnológicas encontram-se descritos no anexo do Parecer CNE/CES n.º 277/06, podendo ser atualizados a cada ano juntamente com os Catálogos Nacionais dos Cursos Superiores de Tecnologia e dos Cursos Técnicos de Nível Médio. A atualização permanente tenta acompanhar o dinamismo dos setores produtivos. Atualmente, de acordo com informações encontradas no site do PRONATEC, estão relacionados no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos no site do Ministério da Educação e Cultura, 13 (treze) eixos tecnológicos:

- Ambiente e Saúde
- Controle e Processos Industriais
- Desenvolvimento Educacional e Social
- Gestão e Negócios
- Informação e Comunicação
- Infraestrutura
- Militar
- Produção Alimentícia
- Produção Cultural e Design
- Produção Industrial
- Recursos Naturais
- Segurança

- Turismo, Hospitalidade e Lazer

Estruturando os componentes curriculares na perspectiva dos eixos e matrizes tecnológicas, os estudantes podem compreender, de forma reflexiva e crítica, os mundos do trabalho, dos objetos e dos sistemas tecnológicos dentro dos quais estes evoluem. Além de permitir o mapeamento das oportunidades educacionais disponíveis na busca daquelas que se encontram articuladas, considerando uma estrutura sócio-ocupacional.

Os eixos e as matrizes tecnológicas propiciam mais elementos para que o estudante - sob a orientação da instituição de ensino - defina as possibilidades de formação mais adequadas para a construção de uma trajetória educacional consistente, o seu itinerário formativo.

Portanto, voltando aos princípios e critérios expressos na Resolução CNE/CEB n.º6/2012 para a organização, planejamento e desenvolvimento da EPTNM, o itinerário formativo será composto pelas etapas organizadas e oferecidas pela instituição de educação profissional e tecnológica, no âmbito de um determinado eixo tecnológico, possibilitando contínuo e articulado aproveitamento de estudos e de experiências profissionais devidamente certificadas por instituições educacionais legalizadas.

Como já vimos, as bases para o planejamento dos cursos e programas segundo itinerários formativos são os Catálogos Nacionais de Cursos Técnicos (CNCT) mantidos pelos órgãos do MEC e a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Os dados constantes destas listagens, organizados por eixos tecnológicos, subsidiam as instituições educacionais na elaboração dos perfis profissionais de conclusão, bem como na organização e planejamento dos cursos, qualificações profissionais e especializações técnicas de nível médio.

Segundo as diretrizes, a estruturação dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, orientada pela concepção de eixo tecnológico considera, entre outras coisas, a matriz e os eixos tecnológicos, compreendendo os fundamentos científicos, sociais, organizacionais, econômicos, políticos, culturais, ambientais, estéticos e éticos que alicerçam as tecnologias, bem como sua contextualização no sistema de produção social.

Respeitando a autonomia das escolas e de seus profissionais, os currículos constantes nos planos de cursos são fruto do princípio do pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, prerrogativas e responsabilidade de cada instituição educacional, nos termos de seu projeto político-pedagógico. Este deve ser elaborado preferencialmente de forma colaborativa pela comunidade escolar, numa perspectiva dialógica e democrática.

Um critério importante a ser definido no planejamento dos cursos de EPTNM é a identificação de perfil profissional de conclusão próprio para cada curso, no objetivo de garantir o pleno desenvolvimento de conhecimentos, saberes e competências profissionais e pessoais requeridas pela natureza do trabalho segundo o respectivo eixo tecnológico, em função da estrutura sócio-ocupacional e tecnológica e em condições de responder de forma original e criativa aos constantes desafios da vida cidadã e profissional.

Os planos de curso são submetidos à aprovação dos órgãos competentes dos correspondentes sistemas de ensino a partir do envio obrigatório de alguns dados mínimos de identificação do curso, incluindo sua organização curricular que deve explicitar os componentes curriculares de cada etapa, com a indicação da respectiva bibliografia básica e complementar; orientações metodológicas; prática profissional desenvolvida nos ambientes de aprendizagem e estágio profissional supervisionado em situação real de trabalho, quando previsto.

Depois da aprovação é necessário inserir os dados do plano de curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, no cadastro do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (SISTEC), mantido pelo Ministério da Educação. Esse sistema organiza e divulga o Cadastro Nacional de Instituições de Ensino que oferecem cursos de EPTNM, bem como de estudantes matriculados ou diplomados. O SISTEC irá atribuir um código autenticador que deverá constar nos diplomas e certificados dos concluintes de curso técnico de nível médio ou correspondentes qualificações e especializações técnicas de nível médio para que os mesmos tenham validade nacional, permitindo o exercício profissional. As instituições de ensino também devem prestar informações ao censo escolar do Instituto Nacional e Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para fins de estatísticas e de exigência legal, tal como o cálculo do Fundo de Manutenção e

Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).

As diretrizes informam que no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos instituído e mantido pelo MEC serão encontradas as informações sobre a carga horária mínima de cada curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, segundo cada habilitação profissional em suas diferentes formas, integradas ou não ao Ensino Médio, bem como carga horária mínima para cada etapa com terminalidade de qualificação profissional técnica prevista em um itinerário formativo de curso técnico de nível médio.

Para finalizar, o documento também coloca que o Ministério da Educação, em regime de colaboração com os Conselhos Nacional e Estaduais de Educação e demais órgãos dos respectivos sistemas de ensino, promoverá periodicamente a avaliação da Educação Profissional Técnica de Nível Médio com a finalidade de promover maior articulação entre as demandas socioeconômicas e ambientais e a oferta de cursos; promover a expansão da oferta e a melhoria da qualidade pedagógica com ênfase no acesso, na permanência e no êxito no percurso formativo e na inserção socioprofissional.

#### 1.4.3. CATÁLOGOS NACIONAIS DE CURSOS TÉCNICOS

O Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) é um instrumento cuja proposta é regulamentar a oferta de cursos técnicos de nível médio nos diferentes sistemas de ensino Federal, Estadual/Distrital e Municipal do país.

Para cada curso constante do Catálogo foram destacadas importantes informações como, por exemplo, a nomenclatura adotada nacionalmente na denominação dos cursos, as atividades principais desempenhadas pelo profissional, possibilidade de locais de atuação, infraestrutura recomendada, carga horária mínima, entre outras. A divulgação destes dados possibilita à instituição de ensino qualificar a oferta de seus cursos e ajuda o estudante na escolha dos cursos profissionalizantes que irão compor sua trajetória de trabalho.

O Ministério da Educação procura analisar a oferta dos cursos técnicos de nível médio no país bem como as necessidades da sociedade contemporânea, a fim de promover constantemente a atualização do rol de

cursos. Deste modo, todos os anos o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos receberá sugestão de inclusão, exclusão e alteração de cursos.

Além disso, existe também a possibilidade de serem oferecidos cursos experimentais, que são aqueles com denominação e currículos inovadores, não constantes do Catálogo e cuja oferta está restringida ao prazo máximo de três anos. Após esse prazo, ou ele é incluído no Catálogo ou sua oferta deve ser suspensa.

Em consulta ao Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, na busca das informações sobre o curso Técnico em Museologia, temos acesso à descrição do eixo tecnológico ao qual o curso pertence: Produção Cultural e Design. Antes o curso era vinculado ao eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer.

Sobre o novo eixo, Produção Cultural e Design, o catálogo informa ser aquele que:

[...] compreende tecnologias relacionadas a representações, linguagens, códigos e projetos de produtos, mobilizadas de forma articulada às diferentes propostas comunicativas aplicadas. Abrange criação, desenvolvimento, produção, edição, difusão, conservação e gerenciamento de bens culturais e materiais, ideias e entretenimento aplicadas em multimeios, objetos artísticos, rádio, televisão, cinema, teatro, ateliês, editoras, vídeo, fotografia, publicidade e projetos de produtos industriais. A organização curricular dos cursos contempla conhecimentos relacionados a: leitura e produção de textos técnicos; raciocínio lógico e estético; ciência e tecnologia; tecnologias sociais, empreendedorismo, cooperativismo e associativismo; prospecção mercadológica e marketing; tecnologias de comunicação e informação; desenvolvimento interpessoal; legislação e políticas públicas; normas técnicas; saúde e segurança no trabalho; gestão da qualidade; responsabilidade e sustentabilidade social e ambiental; qualidade de vida; e ética profissional. (CATÁLOGO NACIONAL DE CURSOS, 2016, p.171).

Ainda nesse documento, temos que o profissional Técnico em Museologia é aquele que:

Promove a difusão dos bens culturais sob tutela de instituições museológicas e afins. Organiza exposições de diferentes naturezas e duração. Realiza pesquisa, planejamento e gerenciamento de acervos e de respectivos espaços. Oferece produtos e serviços ao público de espaços museológicos. Orienta na seleção de bens culturais para fins de preservação. (CATÁLOGO NACIONAL DE CURSOS, 2016, p.192).

Além disto, outras informações ainda são disponibilizadas: possibilidades de formação continuada, de campos de atuação e infraestrutura recomendada.

Para finalizar, no Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos podemos consultar a Tabela de Convergência (p. 273) que orienta quanto às denominações a serem utilizadas nacionalmente para os cursos técnicos brasileiros. Sobre o curso técnico pesquisado, atestamos nesta tabela a atualização do Catálogo em relação à denominação de Técnico em Museu para Técnico em Museologia.

#### 1.4.4. CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES

Segundo informações contidas no site do Ministério do Trabalho e Emprego, a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO é o documento que normaliza o reconhecimento, para fins classificatórios, da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro.

Criada em 1982, a CBO sofreu sua primeira grande alteração na edição de 2002, momento em que passou a utilizar uma nova metodologia de classificação, revisando e atualizando todo o seu conteúdo. Essa reformulação foi decorrente das profundas mudanças que aconteceram no cenário cultural, econômico e social do país nos últimos anos e que acarretaram alterações estruturais no mercado de trabalho.

A nova versão contém as ocupações do mercado brasileiro organizadas e descritas por famílias, que são o conjunto de ocupações similares correspondente a um domínio de trabalho mais amplo que aquele da ocupação. É, ao mesmo tempo, uma classificação enumerativa e uma classificação descritiva.

Classificação enumerativa: codifica empregos e outras situações de trabalho para fins estatísticos de registros administrativos, censos populacionais e outras pesquisas domiciliares. Inclui códigos e títulos ocupacionais e a descrição sumária.

Classificação descritiva: inventaria detalhadamente as atividades realizadas no trabalho, os requisitos de formação e experiência profissionais e as condições de trabalho.

A CBO tem uma dimensão estratégica importante relevante para a integração das políticas públicas do Ministério do Trabalho e Emprego, sobretudo no que concerne aos programas de qualificação profissional e

intermediação da mão de obra, bem como no controle de sua implementação. O Ministério do Trabalho e Emprego é responsável pela gestão e manutenção da Classificação Brasileira de Ocupações.

Nas páginas de consulta da CBO, a ocupação denominada Técnico em Museologia (Código 3712-10) consta como pertencente à Família Ocupacional Técnicos em Museologia e afins (Código 3712), cuja descrição sumária informa que são os profissionais que “auxiliam especialistas das diversas áreas de museus, nos trabalhos de organização, conservação, pesquisa e difusão de documentos e objetos de caráter histórico, artístico, científico, literário ou de outra natureza”. Ainda neste site podemos acessar as mais variadas informações sobre essa família ocupacional, como: condições gerais de exercício, formação e experiência, áreas de atividade, competências pessoais, recursos de trabalho, finalizando com as instituições e especialistas participantes da descrição desta ocupação, entre elas, a coordenadora do curso Técnico em Museologia da ETEC/PJ, professora Cecília de Lourdes Fernandes Machado.

## 2. UM NOVO CURSO: TÉCNICO EM MUSEOLOGIA

### 2.1. SURGIMENTO DO CURSO

A criação do curso Técnico em Museologia surgiu a partir de uma necessidade da Secretaria de Estado da Cultura (SEC) para a especialização e certificação de funcionários pertencentes aos quadros dos museus do Estado. Diante desta demanda, a Secretaria da Cultura em conjunto com o Centro Paula Souza iniciam a formatação de um curso técnico de museu, que seria desenvolvido numa parceria estabelecida entre o Departamento de Museus (DEMU) e o Centro Paula Souza, em projeto coordenado por Beatriz Cruz, museóloga funcionária da SEC.

O curso começou em 2005 na Escola Técnica São Paulo - ETESP e a ideia era que fosse ministrado em edição única, especialmente formatada para atender a necessidade de mão de obra especializada para a área de museus do Estado. Os primeiros alunos deste curso não precisaram passar por nenhum processo de seleção, pois eram pessoas indicadas pelas direções dos museus estaduais.

Segundo Wilton Guerra, atual professor e aluno participante da primeira turma do curso, ele reconhece a importância do curso técnico de museu, pois na época, havia poucos profissionais da área de museologia em atuação nos museus, uma mão de obra fundamental para ser absorvida no processo de profissionalização empreendido por estas instituições<sup>15</sup>.

Os professores desta primeira turma eram profissionais da Secretaria da Cultura, atuantes e de larga experiência na área museológica. Muitas vezes tinham de viajar a trabalho para cidades do interior do estado, momento em que as aulas eram substituídas por visitas técnicas aos museus da cidade. As visitas acabaram se tornando importantes no processo de formação, pois compensavam de certo modo a parte prática, inexistente no curso. Lembrando que, neste momento, o curso era composto somente por disciplinas teóricas, porque havia sido elaborado especialmente para os profissionais que já trabalhavam e exerciam a prática no próprio cotidiano de trabalho.

A primeira edição do curso teve a duração de três semestres – do segundo semestre de 2005 até o final do ano de 2006. Ainda segundo o

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida a Silvia Lemos, aluna do curso Técnico em Museologia, em 2014.

mesmo relato de Wilton Guerra, este primeiro curso enfrentou problemas; alguns decorrentes da falta de infraestrutura necessária para o curso, a “não-integração” do curso no cotidiano da ETESP Tiradentes e, também, o fato de ser um novo curso, sujeito a “experimentações” naturais decorrentes do processo de implantação de um curso piloto. No final, apenas 10 alunos se formaram, de um total inicial de 37.

Mesmo assim, por interesse do Centro Paula Souza e atendendo a um interesse político, a diretora Márcia Loduca divulgou a continuidade ao curso sob o argumento de que “houve sim uma manifestação de interesse na continuidade do curso. Agora não mais para as pessoas que já trabalhavam (em museus), mas para o público em geral (...)<sup>16</sup>”.

Quando recebe a incumbência de dar continuidade ao curso, a diretora resolve chamar as professoras Fernanda Martins e Cecília Machado - esta última atuando como professora de filosofia na ETESP Tiradentes - para reestruturar o curso, agora voltado para uma nova clientela. A nova edição do curso, do ano de 2007, também aconteceria em outro local: a ETEC Parque da Juventude, dirigida por Márcia Loduca e sob a coordenação pedagógica da professora Fernanda Martins.

Ao abrigar o curso Técnico em Museologia no início no ano de 2007, a nova escola ainda demorou cerca de seis meses para ter a infraestrutura completa. Com o passar do tempo e a divulgação, aumentou a procura pelo curso que, no segundo semestre de 2007, teve 244 inscritos. Segundo Cecília Machado<sup>17</sup>, o aumento na procura foi resultado de uma política de investimento em museus empreendida pelo Estado e que ela pode acompanhar quando assumiu, em 2008, a diretoria do Sistema Estadual de Museus- SISEM<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Agatha Ternoval em 2014.

<sup>17</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Fernando Luccas, em 2014.

<sup>18</sup>O Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP) é uma instância de articulações, promoção e fortalecimento das políticas públicas ligadas à Secretaria de Estado da Cultura (SEC), que atua junto aos museus do Estado de São Paulo, com o objetivo de qualificar, aperfeiçoar e valorizar as organizações e os acervos museológicos paulistas. Desenvolve este trabalho em parceria com outras unidades de atividades culturais da SEC/SP, as Organizações Sociais de Cultura – responsáveis pela gestão dos museus da Secretaria – e Prefeituras Municipais. É coordenado pela Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado da Cultura (UPPM/SEC), tendo como instância organizacional o Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus (GTC SISEM-SP). A Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico é o setor que dá suporte técnico e operacional para desenvolvimento da política cultural dos museus e arquivos no âmbito do Governo do Estado.

## 2.2. REFORMULAÇÃO DO CURSO TÉCNICO EM MUSEOLOGIA

Em 2012 terminou o prazo de cinco anos necessário para a reformulação do curso em processo piloto. A coordenadora Cecília Machado conta que neste momento pensou em extinguir o curso. Porém, tanto a diretora Márcia Loduca quanto o Centro Paula Souza, representado por sua diretora superintendente, Laura Laganá, manifestaram-se favoravelmente pela continuidade.

Novamente, a reformulação ficou a cargo de Cecília Machado e Fernanda Martins, que estruturaram a matriz curricular de forma a estabelecer a divisão de áreas, enfatizando em cada semestre as principais áreas do museu: estruturação, comunicação e gestão, cada uma delas destinada a um dos módulos do curso.

Falando sobre os critérios utilizados nessas mudanças, Cecília Machado conta que<sup>19</sup>:

Os critérios eram de enfatizar em cada semestre uma das três principais áreas. Então, na primeira a gente enfatizou as questões que a gente fala estruturantes, que é conservação e documentação e a teoria museológica. No segundo módulo toda a área de comunicação, que é a ação educacional, a comunicação museológica e a expografia, e no terceiro, toda área de gestão porque a gente já tem a possibilidade de orquestrar todas as áreas técnicas de museu e apresentar, porque o foco do terceiro é o mercado de trabalho com que a gente tem trabalhado hoje em dia.

Esta nova matriz curricular foi resultado do trabalho em equipe formulado pelo Grupo de Formulação e Análises Curriculares (GFAC), instituído pelo Centro Paula Souza, responsáveis pela orientação para a elaboração das novas matrizes.

Segundo Demai (2011), a concepção de currículo escolar em Educação Profissional vigente no Centro Paula Souza nos dias atuais pode ser definida como a organização de perfis profissionais, atribuições, atividades, competências, habilidades e bases tecnológicas, distribuídos em cargas horárias e em componentes curriculares. E ainda:

A metodologia atualmente utilizada pelo Grupo de Formulação e Análises Curriculares (Unidade de Ensino Médio do Centro Paula

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Fernando Luccas, em 2014.

Souza) pauta-se primordialmente na pesquisa dos perfis e atribuições profissionais na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO [...] e na seleção de competências, de habilidades e de bases tecnológicas, de acordo com os perfis profissionais e com as atribuições. Consultase o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do MEC, [...] para adequação da nomenclatura da habilitação, do perfil profissional, da descrição do mercado de trabalho e da possibilidade de temas a serem desenvolvidos. Posteriormente, são estabelecidos os componentes curriculares e respectivas cargas horárias, de acordo com as funções do processo produtivo. Esses componentes são constituídos pela descrição da função profissional subjacente à ideologia curricular, bem como pelas habilidades (capacidades práticas), pelas bases tecnológicas (referencial teórico) e pelas competências profissionais, a união das diretrizes conceituais e das pragmáticas. (DEMAI, 2011, p. 62-63).

Falando sobre a primeira reformulação do curso para a edição de 2007, a diretora Márcia Loduca relata<sup>20</sup> que as professoras Cecília Machado e Fernanda Martins haviam formatado um curso que posteriormente passou a ser modelo para outros cursos.

A grande evasão da primeira edição foi vista como um resultado ruim para o curso estimulando sua readequação, inclusive, no objetivo de integrá-lo na listagem de cursos que são oferecidos e reconhecidos pelo MEC. Como existe um alto custo envolvido na proposta de um curso técnico, a diretora ainda lembra que, sendo escolas públicas, as ETEC's tem seus resultados cobrados a todo tempo. Portanto, caso o curso oferecido não apresente um resultado satisfatório, este deve ter sua oferta suspensa. O próprio curso técnico em museus teve algumas edições no interior do estado de São Paulo, sem sucesso.

A reformulação de 2011/2012 incorporou as mudanças na metodologia de elaboração de currículo decorrentes das transformações políticas e históricas do período de 2005 a 2010, como as novas legislações, diretrizes curriculares oficiais e as mudanças nos mercados produtivos e de trabalho. Além disso, adotou as novas nomenclaturas do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos do MEC (DEMAI, 2011).

O curso Técnico em Museologia foi o primeiro desta área no estado de São Paulo e o primeiro e único curso Técnico em Museologia de nível médio existente no Brasil. O curso busca contribuir para a formação de profissionais

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Agatha Ternoval em 2014.

de nível técnico para suprir uma carência de mão de obra especializada no mercado de trabalho.

De acordo com Cecília Machado<sup>21</sup>, apesar de existirem limites bem específicos no campo de atuação dos museólogos graduados e do Técnico em Museologia - que é o profissional que auxilia o museólogo – em alguns museus, ocorre certo preconceito em relação ao técnico. Segundo ela isso se deve a uma questão de reserva de mercado, onde uns poucos museólogos atuam em diversos museus. O caso é que alguns desses profissionais imaginam que, quanto mais técnicos houver, menos eles irão atuar; em outras palavras, o preconceito se deve à concorrência pelo mercado de trabalho.

Atualmente, a coordenação está fechando uma parceria com o SISEM, da Secretaria de Estado da Cultura, para a construção de um banco de currículos dos profissionais formados que estará disponível também no site do Centro Paula Souza e da ETEC/Parque da Juventude para oportunidades de trabalho para o Técnico em Museologia. Desta forma, as prefeituras do interior poderão contratar estes profissionais e o SISEM os encaminhará para estágios em museus da capital.

Ainda em relação ao mercado de trabalho, há um ponto importante a destacar segundo o professor Wilton Guerra<sup>22</sup>, quando observa que o mercado não absorve todos os técnicos formados, mas que, em média, 50% dos formados conseguem emprego na área. Ele complementa ainda que:

É que também a gente está focando em São Paulo, na capital. O que acontece é que a ideia desse curso também, na verdade acho que a maior ideia é que essa mão de obra migrasse pro interior que é onde precisa mais de técnico, porque é onde você não consegue pagar um museólogo(...) e o técnico é mais fácil de você absorver no interior, então a ideia desse curso também ele pudesse migrar pro interior e essa mão de obra que tá aqui na capital não ficasse circulando aqui só porque é óbvio que chega uma hora que satura e não vai receber todo mundo e aí é esse pessoal formado ir pro interior, mas acho que a perspectiva era essa, eu acho que os museus precisam de técnicos e o curso está formando [...] acho que tem campo pra atuação de todos com certeza.

<sup>21</sup> Entrevista concedida aos alunos do curso Técnico em Museologia, Tatiana Suzuki e Fernando Luccas, em 2014.

<sup>22</sup> Entrevista concedida a Silvia Lemos, aluna do curso Técnico em Museologia em 2014.

### 2.3. ALGUNS DADOS ATUAIS

O curso Técnico em Museologia pertence ao eixo tecnológico Produção Cultural e Design, é de composição modular e oferecido semestralmente, com 40 (quarenta) vagas no período noturno. Falando sobre as atribuições profissionais, o site que contém informações sobre os cursos técnicos e que trata dos vestibulinhos nas escolas técnicas estaduais<sup>23</sup> informa que:

O TÉCNICO EM MUSEOLOGIA é o profissional que auxilia os trabalhos técnicos nos processos de organização, de conservação, de pesquisa e de difusão de documentos e de objetos de caráter histórico, científico, artístico, literário ou de outras naturezas, em museus e em instituições afins. Atua no planejamento e no gerenciamento de acervos e de respectivos espaços, nas instâncias pública e particular. Gerencia oferecimento de produtos e de serviços ao público de espaços museológicos. (VESTIBULINHO ETEC).

O mercado de trabalho para o profissional egresso deste curso são os museus públicos e privados, arquivos, entidades culturais e de ensino, setores de documentação de empresas, fundações e outras instituições públicas e privadas. Para fazer o curso o candidato deve ter concluído ou estar cursando o Ensino Médio regular; concluído ou estar cursando a modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA ou ter boletim ou certificado de aprovação do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos – ENCCEJA.

Hoje o curso Técnico em Museologia só existe na ETEC/PJ, mas em suas primeiras edições ele também foi oferecido na cidade de São José dos Campos, localizada no interior do Estado de São Paulo.

### 2.4. ESTRUTURA DO CURSO: COMPONENTES CURRICULARES

Na página virtual da escola temos acesso às grades curriculares deste

---

<sup>23</sup> Para mais informações, acessar <http://www.vestibulinhonetec.com.br/unidades-cursos/curso.asp?c=607>.

curso na forma de documentos disponíveis em arquivos para transferência, referentes aos períodos que vão desde o primeiro semestre do ano de 2013, sequenciais até o primeiro semestre do ano de 2016.

Os documentos trazem informações sobre a estrutura modular do curso, descrevendo cada um dos módulos com seus componentes curriculares (disciplinas) e suas respectivas cargas horárias. Também apontam a qualificação intermediária (Qualificação Técnica de Nível Médio de Mediador em Museus) e a final (Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Museologia).

Durante este período não houve nenhum tipo de alteração nos dados constantes das grades curriculares, sendo que o curso se estrutura da seguinte forma:

#### **MÓDULO I- Componentes Curriculares (1º semestre):**

- I.1. Teoria e Prática Museológica;
- I.2. Gestão e Política de Acervo;
- I.3. Documentação Museológica;
- I.4. Banco de Dados para Museologia;
- I.5. Processos Biodeteriorativos;
- I.6. Conservação de Acervo.

Este módulo tem carga horária total de 450 h/a (400 h/a teóricas e 50 h/a de prática) e não prevê certificação técnica.

#### **MÓDULO II- Componentes Curriculares (2º semestre):**

- II.1. Comunicação Museológica;
- II.2. Linguagem, Trabalho e Tecnologia;
- II.3. Mediação em Museus (100 h/a teóricas);
- II.4. Laboratório de Práticas de Mediação em Museus (50 h/a práticas);
- II.5. Projeto Museográfico;
- II.6. Planejamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Museologia.

Este módulo tem carga horária total de 450 h/a (300 h/a teóricas e 150 h/a de prática) e prevê saída intermediária com Qualificação Profissional Técnica de Nível Médio de Mediador em Museus.

### MÓDULO III- Componentes Curriculares (3º semestre):

- III.1. Gestão Museológica;
- III.2. Legislação Patrimonial;
- III.3. Ética e Cidadania Organizacional;
- III.4. Produção de Exposições;
- III.5. Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Museologia.

Este módulo final tem carga horária total de 400 h/a (250 h/a teóricas e 150 h/a de prática) e prevê Habilitação Profissional de Técnico em Museologia.

## 2.5. COMPONENTES CURRICULARES: MEDIAÇÃO EM MUSEUS E LABORATÓRIO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO EM MUSEUS

Os componentes curriculares Mediação em Museus (MM) e Laboratório de Práticas de Mediação em Museus (LPMM) foram assumidos por mim no segundo semestre do ano de 2013 seguindo até o segundo semestre de 2015, totalizando dois anos e meio de trabalho. Desde o início tive autorização da coordenadora do curso, professora Cecília Machado, para compor um plano de aulas que considerasse mais adequado para o desenvolvimento da proposta de formação deste profissional naquilo que se referia aos componentes curriculares ministrados.

No planejamento dos referidos componentes – MM e LPMM – dois documentos de cada componente curricular são elaborados e encaminhados à coordenação, a cada semestre: o Plano de Trabalho Docente – PTD e o Plano de Aulas, este último com as alterações decorrentes do desenvolvimento da prática em sala de aula.

## 2.6. PLANO DE TRABALHO DOCENTE E PLANO DE AULAS

O Plano de Trabalho Docente, PTD é um documento composto por cabeçalho, com as identificações básicas sobre o curso, componente curricular, carga horária e professor seguido de 8 (oito) campos, a saber:

- I. Atribuições e atividades profissionais relativas à qualificação ou à habilitação profissional que justificam o desenvolvimento das competências previstas nesse componente curricular;
- II. Competências, Habilidades e Bases Tecnológicas do Componente Curricular;
- III. Procedimento Didático e Cronograma de Desenvolvimento;
- IV. Procedimentos de Avaliação;
- V. Material de Apoio Didático para Aluno (inclusive bibliografia);
- VI. Estratégias de Recuperação Contínua (para alunos com baixo rendimento/dificuldades de aprendizagem);
- VII. Identificação e assinatura do professor e,
- VIII. Parecer do Coordenador de Área.

Os PTDs dos componentes curriculares MM e LPMM contêm as mesmas informações se diferenciando unicamente no campo do cronograma de desenvolvimento constante do item III.

No PA temos um cabeçalho com identificação básica do curso seguido da Ementa do Curso, Plano de Ensino, Sistema de Avaliação e Plano de Aula. Na ementa do curso, temos:

- Origem e desenvolvimento e organização dos setores de educação dos museus e instituições culturais.
- Evolução de sistemas de comunicação utilizados nas atividades educativas.
- Estudo e estratégias de captação dos públicos de museus; parcerias e sistemas de avaliação das atividades.
  - Formação do profissional mediador.
  - Estudo dos objetivos educacionais como norteadores da ação educativa.
  - Análise dos setores e ações educativas oferecidas pelas instituições culturais e museológicas da atualidade.

O Sistema de Avaliação é composto por:

- Atividades e debates em sala de aula;

- Elaboração de relatórios de observação de atividades educativas;
- Produção de textos, exposição oral, planejamento atividades educativas.
- Trabalhos individuais e em grupo.

Nos Planos de Aulas referentes aos componentes curriculares MM e LPMM as informações se repetem, apenas se diferenciando no que se refere aos conteúdos e datas dos planos de aula. Na comparação dos dois documentos, também temos informações que se repetem. Por exemplo, o Plano de Ensino constante nos PAs se repete no item I dos PTDs. São eles:

#### 1. AUXILIAR NA PREPARAÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVAS E/ OU CULTURAIS

- Exercer serviços de monitoria.
- Auxiliar no estabelecimento de estratégias para públicos especiais.
- Participar de ações educativas e/ou culturais.
- Auxiliar no desenvolvimento de estudos de público-alvo.
- Auxiliar na preparação de material educativo.

#### 2. AUXILIAR NOS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO E DE DIFUSÃO DE ACERVOS

- Auxiliar na divulgação de eventos na mídia.
- Interagir com outros profissionais e com o público da instituição.
- Manter *mailing* atualizado de escolas e de outras instituições.

Para finalizar esse item, relacionamos alguns documentos inseridos como Anexos. São eles PTD: MM – Anexo A; PTD: LPMM – Anexo B; PA: MM – Anexo C e PA: LPMM – Anexo D; todos eles, referentes ao 1.º semestre do ano de 2015.

### 3. A EXPERIÊNCIA DAS AULAS

O presente capítulo trata da experiência de elaboração do plano de aulas para dois componentes curriculares integrantes do segundo módulo do Curso Técnico em Museologia: Mediação em Museus e Laboratório de Práticas de Mediação em Museus. O relato abrange o desenvolvimento e a experimentação do referido plano de aulas em cinco turmas de alunos do Curso Técnico em Museologia da ETEC Parque da Juventude, no período de julho de 2013 a novembro de 2015. Em decorrência de algumas particularidades, tanto das turmas quanto do próprio calendário da escola, o plano sofreu algumas (poucas) alterações. Porém, em cada turma foram ministradas todas as aulas no período de um semestre.

Ao assumir as aulas no curso Técnico em Museologia em julho do ano de 2013, passei também a integrar a equipe de educadores num projeto de exposição de longa duração desenvolvido na unidade Itaquera do SESC. Essa dupla atividade permitiu que eu pudesse, de forma concomitante, trabalhar de maneira reflexiva e prática o processo da mediação cultural ao qual tenho me dedicado desde o final dos anos de 1990. Deste modo, ao assumir a regência destes componentes curriculares tive total liberdade e apoio da coordenadora do curso, professora Cecília Machado, para elaborar um plano de aulas que contemplasse os assuntos considerados fundamentais para a formação do profissional Mediador em Museus, em módulo intermediário do Curso Técnico em Museologia. Conforme já citado no capítulo anterior, a formatação atual deste curso permite que o aluno, ao terminar o segundo semestre, possa ter uma certificação intermediária, neste caso, de Mediador em Museus.

Neste capítulo não haverá qualquer tipo de análise sobre as questões que envolvem as certificações intermediárias nem sobre as atuais legislações que regem o campo do ensino profissional. Somente registro o quanto essa oportunidade trouxe, de forma conjunta, uma carga intensa de responsabilidade e reflexões sobre o tema da formação de mediadores culturais, mesmo se tratando de certificação intermediária em curso profissionalizante de ensino médio.

Comecei a definir quais seriam os assuntos que imaginava serem importantes para a formação deste profissional, buscando referências em

processos de formação de diferentes instituições, mas, principalmente, contando com as minhas experiências de trabalho e formação acadêmica como educadora formadora de outros educadores. Mesmo assim, a incumbência de fazer um plano de aulas integrante de um curso profissionalizante em sistema de educação pública e contexto educativo formal apresentou-se como um grande desafio e oportunidade de aprendizado.

Após selecionar as referências, os assuntos foram elencados e cotejados com os Planos de Trabalho Docente - PTDs para que os mesmos pudessem contribuir de modo efetivo no desenvolvimento das habilidades e competências requeridas na formação deste profissional.

Outra preocupação no momento da elaboração destes planos de aulas foi a busca de atividades práticas que pudessem ser trabalhadas no componente curricular “Laboratório de Práticas”, de modo associado e complementar aos conteúdos teóricos selecionados. Neste componente também era possível fazer o agendamento da turma para visitas aos museus da cidade para observação dos profissionais de museu em ação, oportunidade sempre muito enriquecedora.

Juntamente com a seleção destes conteúdos gerais (teóricos e práticos) comecei a pensar a articulação destes com outros eventos integrantes do calendário do curso e promovidos, em grande parte, pela iniciativa da coordenação do curso: as palestras e as parcerias.

Como procedimento habitual, durante as reuniões mensais de área com a coordenação, os professores de todos os módulos deste curso devem indicar profissionais da área de museus para conversas com os alunos, cada um na sua área de trabalho: gestão, conservação e restauração, comunicação, educação, entre outras. As palestras podem ser organizadas e agendadas para uma única turma ou, de modo conjunto, em eventos que reúnam dois ou os três módulos.

Já as parcerias são definidas muitas vezes por intermédio da coordenação, geralmente de modo antecipado e informadas aos professores no fechamento ou início de cada semestre. Essas sociedades acontecem tanto por iniciativa das próprias instituições, futuras parceiras, como também cumprindo interesses mais amplos que podem prever contratações de estagiários ou mesmo de mão de obra formada pelo curso. Algumas vezes

essas parcerias planejavam atividades conjuntas tanto no espaço escolar quanto na instituição parceira, ou apresentavam-se vinculadas à produção do Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos, que geralmente começava a ser desenvolvido ainda no primeiro módulo do curso.

Logo no início de cada semestre os professores devem planejar suas aulas, dia a dia, levando em conta as datas reservadas às visitas técnicas externas, os dias de palestra e de atividades com instituições parceiras, bem como àquelas reservadas para avaliações, reuniões de área, conselhos de classe e feriados, entre outros.

Para finalizar acrescento que a divisão desse capítulo contemplará as quatro vertentes de trabalho que integraram as práticas desenvolvidas nos componentes curriculares do curso, a saber: Temas das Aulas: Teoria & Prática; Palestras, Parcerias e TCC.

Em cada subitem discorrerei brevemente sobre a experiência com as turmas, doravante designadas Turmas 1, 2, 3, 4 e 5, ou T1, T2, T3, T4 e T5, atendidas em aulas ocorridas no 2º semestre de 2013; 1º semestre de 2014; 2º semestre de 2014; 1º semestre de 2015 e 2º semestre de 2015, respectivamente. Em cada um deles haverá também a inserção de uma pequena bibliografia sugerida, lembrando que a mesma sofreu diversas alterações incluindo alguns acréscimos posteriores ao trabalho com as turmas. Importante acrescentar que muitos dos exercícios, atividades e textos para leitura inseridos nos planos de aulas se devem a inestimáveis trocas, compartilhamentos e contribuições de diversos setores e profissionais da área de educação em museus, todos eles colegas e amigos generosos.

Essas trocas também foram extensivas aos próprios grupos de alunos das diferentes turmas, de forma que pude contar com a contribuição de alguns deles que, apontando lacunas ou mesmo sugerindo questões, permitiram-me tentar preencher, suprimir - ou apenas contorná-las! -, dentro daquilo que foi possível.

### 3.1. SELEÇÃO DOS TEMAS, DEFINIÇÕES DOS PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS E BIBLIOGRAFIA “BASE”

Na preparação dos planos de aulas da primeira turma selecionei alguns assuntos dentro de um universo de temas considerados importantes e até

mesmo fundamentais para a formação do futuro profissional Mediador em Museus - Técnico em Museologia.

Norteando essa primeira seleção tive a minha própria experiência em processos de formação vivenciados ao longo de minha trajetória de trabalho como educadora em formação e como formadora, bem como o valioso auxílio de uma publicação do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciência da Faculdade de Educação da USP- GEENF/FEUSP de 2008, organizada pela professora Martha Marandino, intitulada “Educação em museus: a mediação em foco”. Além dessa, outras publicações disponibilizadas no site do GEENF serviram de bibliografia “base” indicadas por mim aos alunos do curso a cada começo de semestre.

De início os temas elencados para o desenvolvimento ao longo das aulas dos componentes curriculares: Mediação em Museus e Laboratório de Práticas de Mediação em Museus foram:

- Museus e Serviços Educativos – breve histórico; Função social do museu – foco para público; Serviços educativos na atualidade – programas e projetos;
- Ação educativa: programa - cursos, ateliês, atividades extramuros, materiais impressos, materiais de apoio, kits de objetos; Avaliações;
- Contextos educativos: educação formal, não-formal e informal; Educação em museus; Parceria museu-escola;
- Fundamentação - Alguns pensadores: John Dewey, Paulo Freire, Ana Mae Barbosa;
- Públicos de museu: bebês, infantil, adolescentes, adultos, familiar, escolar, pessoas com deficiência, inclusão sociocultural, idosos - características e estratégias;
  - Visitas educativas: modelos de comunicação - passivo e participativo; Tipos de visita/modelos de visita: visita-palestra, discussão dirigida e descoberta orientada; Estrutura da visita: acolhimento, percurso/desenvolvimento, propostas práticas e fechamento; Roteiro de observação de visitas; Agendamento e regras de visitação;

- Mediação/Mediação em arte: leitura de imagem, roteiros de leitura, níveis de desenvolvimento estético (Abigail Housen e Michael Parsons); Educação Patrimonial;
- Formação de educadores; Postura profissional e dicas de atendimento ao público.

Após essa primeira seleção o desafio foi o de distribuir os assuntos ao longo do calendário escolar intercalando com os diversos eventos e buscando certa organicidade na apresentação dos temas, na alternância entre teoria e prática.

A preocupação sobre quais seriam as melhores (ou mais indicadas) estratégias pedagógicas também ocupou grande parte das reflexões durante a elaboração dos planos de aulas. Imaginava que um componente curricular intitulado Mediação em Museus não poderia ser apresentado num formato que não acolhesse o próprio processo de mediação na sua ocorrência. Essa ideia se fortaleceu e transformou-se no fio condutor que orientou as práticas em sala de aula: as aulas deveriam ser todas mediadas pelo diálogo.

Afora essa decisão, delineei, similarmente, outras possibilidades de apresentação e desenvolvimento dos temas nesse primeiro momento, incluindo as atividades práticas possíveis dentro desse planejamento.

Percebi que havia a necessidade de realização de aulas expositivas, uma estratégia mais tradicional para trazer novas informações e conceitos, por exemplo. Porém, a ideia principal era transformá-las a partir do diálogo. Deste modo, poderia introduzir temas constituindo, posteriormente, rodas de conversa e debates alimentados por diferentes fontes: textos, vídeos, artigos de imprensa, bem como os casos e “causos” surgidos a partir das interações entre o grupo.

Foram estabelecidas as visitas técnicas, para observação do trabalho dos educadores em ação nos museus e instituições culturais, a leitura e discussão de textos, vídeos e, também, a realização de seminários. Além disso, a conversa com importantes profissionais da área da Educação em Museus trouxe importantes contribuições para a formação destes alunos. As palestras que aconteceram ao longo de todos os semestres muitas vezes

abordavam e aprofundavam alguns assuntos que não encontrariam tempo hábil para desenvolvimento nas aulas regulares dentro do calendário escolar.

A partir deste ponto deter-me-ei em cada grupo de temas relacionando a bibliografia sugerida brevemente comentada e, também, um pouco sobre as experiências de trabalho com as turmas. Porém, ainda antes, comentarei de modo breve sobre a bibliografia “base”, alguns materiais bastante úteis que costumava indicar em cada início de semestre para as novas turmas. São manuais que tratam de forma bastante geral sobre o tema da educação em museus, oferecendo um panorama abrangente de várias questões referentes ao trabalho da mediação. Estas publicações serviam como material de consulta para muitos dos temas trabalhados ao longo do semestre e, como todos eles estão disponíveis na internet, indicava essa leitura aos alunos para que eles pudessem ter uma noção geral sobre a área a ser investigada.

Abaixo, a relação destas publicações e algumas observações a respeito de cada uma delas:

- **Educação em museus: a mediação em foco, organização de Martha Marandino.** Tive contato com esse pequeno manual por ocasião de um curso de mesmo nome oferecido na Faculdade de Educação da USP e ministrado pela professora Martha Marandino. De acordo com o texto de apresentação deste trabalho, essa proposta surge a partir de um curso de extensão promovido pelo GEENF para trabalhar questões relativas à formação e atuação de mediadores e educadores de museus. Segundo eles, isso se mostrava necessário já que o trabalho dos mediadores ganhava uma importância crescente e essa função se tornava fundamental nos processos de educação e comunicação com o público.

A ideia então era propor um curso de formação que se diferenciasse daqueles geralmente oferecidos pelos museus, fornecendo um material que pudesse contribuir para a formação dos educadores em seus aspectos pedagógicos vinculados ao campo da educação em museus. Deste modo, mesmo reconhecendo a diversidade de formação dos profissionais que se dedicam ao trabalho de mediação, os autores perceberam que existia um ponto em comum que era a própria especificidade do trabalho dos mediadores que “assumem a tarefa de tornar o conhecimento produzido acessível aos mais

variados públicos, despertando curiosidades, aguçando interesses, promovendo o contato com o patrimônio" (MARANDINO, 2008, p.05). Assim, a partir da percepção dessa unidade do processo de mediação foi possível elaborar esse pequeno manual, dividido em três capítulos.

No primeiro deles, um breve histórico da educação em museus e a consolidação do papel educativo dessas instituições ocorridas ao longo do século XX. Ainda nesta parte, uma pincelada no tema da Nova Museologia, os contextos educativos formais, não-formais e informais; o segundo capítulo aborda os elementos da pedagogia museal: o tempo, o espaço e os objetos, os tipos de visita, os públicos de museu, a importância das avaliações e também questões sobre o papel do mediador nos museus aprofundando alguns aspectos a partir de conceitos trazidos de Donald Schön, sobre reflexão-na-ação e reflexão sobre a reflexão-na-ação. Na última parte do livro algumas sugestões de propostas práticas que abordam os temas discutidos no livro, aprofundando as reflexões sobre todo o processo e terminando com duas páginas de referências bibliográficas. Pode-se perceber que mesmo sendo um livro pequeno, com apenas 36 páginas, a quantidade e densidade dos assuntos permitia um desdobramento bastante pertinente para ser trabalhado em sala de aula.

•Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais, de Luciana Conrado Martins e colaboradores. Outro trabalho voltado para educadores e que se tornou uma importante referência para o curso. São cinco capítulos, além da parte final com sugestões de oficinas práticas, de leitura e bibliografia. Traz um breve histórico dos museus e seus públicos; a pedagogia museal: tempo, espaço e objeto; os públicos de museu, suas características e possibilidades de aprendizagem; as ações educativas nas exposições, atividades com e sem a presença dos educadores, os tipos de visita e seus modelos de comunicação: visita-palestra, discussão dirigida e descoberta orientada; os educadores e sua formação, sobre as visitas e seus diferentes momentos. No final algumas oficinas práticas para conhecer o perfil de público visitante; para caracterização do setor educativo; para elaboração de um roteiro de visita e para avaliação da visita educativa.

•Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência, organizado por Luisa Massarani, Matteo Marzagora e Paola Rodari. Nesta

publicação voltada às questões da mediação em museus de ciência encontram-se interessantes artigos que tratam sobre o perfil dos mediadores europeus, sobre o papel e a função dos mediadores em exposições de ciência, sobre os tipos de comunicação mais adequados. Também, sobre formação/capacitação para mediadores em centros de ciência.

Nos primeiros artigos estão relatos de experiências estrangeiras, e a seguir temos os artigos que tratam da questão da mediação e formação de mediadores e interatividade em museus de ciência brasileiros, como os casos do Museu da Vida, no Rio de Janeiro; do Museu de Ciências e Tecnologia da PUC do Rio Grande do Sul; do Museu Exploratório de Ciências da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e também sobre a mediação de visitas ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Destaco aqui dois artigos que recomendei aos alunos pelo fato de trazerem temas de interesse: um sobre a interatividade – atualmente, muito trabalhada em grandes exposições e sobre a mediação e formação do mediador.

O primeiro deles intitulado *Hands-on? Minds-on? Hearts-on? Social-on? Explainers-on!*, trata sobre a evolução do conceito de interatividade dentro dos centros e museus de ciência. Coloca o trabalho do mediador como um contraponto ao uso inadequado e indiscriminado das interatividades *hands-on*, pois,

por sua intervenção competente, os visitantes são estimulados a interagirem uns com os outros (*social-on*) e com o objeto do conhecimento (*hands-on/minds-on/hearts-on*). Ao estimular essas trocas, o monitor favorece a criação de um espaço de comunicação e interlocução de saberes. (PAVÃO e LEITÃO, 2007, p.40).

Os mesmos autores ressaltam ainda que:

Esta proposta, que aqui por analogia, denominamos de *explainers-on*, reconhece o papel do monitor dentro do museu como instrumento interativo por excelência, com potencial invejável para mediar processos de construção do conhecimento. Não se trata de oferecer respostas, mas de estimular a crítica, a curiosidade e a indagação (PAVÃO e LEITÃO, 2007, p.40).

O segundo artigo, Mediação – a linguagem humana dos museus, de Ribeiro e Frucchi (2007), salienta a importância da mediação humana colocando-a como fundamental para a aproximação do público à exposição, seus conteúdos e à própria instituição museal.

E o reconhecimento, a valorização do papel da mediação como a linguagem humana dos museus, revela a mudança de foco que vem ocorrendo, de modo especial nos museus de ciências: do conteúdo, do objeto, da técnica, para o homem, para o público, com sua sensibilidade, suas referências culturais, suas demandas de informação, de conhecimento científico e tecnológico, sua necessidade de sentir-se inserido/incluído nesse contexto (RIBEIRO e FRUCCHI, 2007, p.67).

Comenta ainda que a mediação seria responsável pelo retorno de muitos visitantes ao Museu com interesse em retomar conteúdos abordados durante as visitas, e também sobre a necessidade de formação ampla, continuada e interdisciplinar desse profissional, investindo não só no reconhecimento dessa profissão como na possibilidade de abertura de vagas para mediadores em todos os museus.

- Educação em museus: pesquisas e prática, de Paulette MacManus e organizado por Martha Marandino e Luciana Monaco. Este material foi produzido pelo GEENF a partir de um curso ministrado pela autora em 2005, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP. Inicia abordando de modo relativamente extenso a história dos museus de ciência na Inglaterra e sua relação com a educação; a importância dos contextos educativos não-formais e informais no aprendizado dos indivíduos; a perspectiva da educação como um processo contínuo por toda a vida e que pode ocorrer em qualquer espaço, inclusive nos museus; a função educativa dos museus; o processo de aprendizagem nos museus abordando testes de inteligência (Q.I.); aponta que o museu deve levar em conta a individualidade de cada um, apresentando Howard Gardner e o conceito das inteligências múltiplas; apresenta também algumas das principais Teorias da Aprendizagem: Behaviorismo ou Comportamentalismo, Cognitivismo, Construtivismo de Piaget, entre outras. Também trata sobre o assunto da pesquisa de avaliação de impacto da visita com diferentes tipos de público, perfil e função do educador de museus na Inglaterra. No final da publicação, duas propostas de reflexão e planejamento de ações educativas a partir de um cenário hipotético proposto.

### 3.2. TEMAS DAS AULAS: TEORIA & PRÁTICA

#### 3.2.1. Museus e Serviços educativos: breve histórico; Função social do museu: foco para público; Serviços educativos na atualidade: programas e projetos. Ação educativa: programa - cursos, ateliês, atividades extramuros, materiais educativos, materiais de apoio às visitas, kits de objetos; Avaliações.

Para tratar desse primeiro grupo de temas em sala de aula, geralmente iniciava com um pequeno histórico dos museus e serviços educativos, abordando a mudança de foco de interesse ocorrida nestas instituições em meados do século XX que apontaram o deslocamento da importância e atenção dos objetos/acervos para os públicos. Continuava o assunto comentando como e quando esse tipo de serviço se estrutura e se populariza no contexto brasileiro.

Para entender os programas, projetos e ações dos serviços educativos, foram selecionados alguns textos com recomendações gerais, porém, muito esclarecedoras, no sentido de relacionar quais as medidas necessárias para a criação de Setores de Educação e também como planejar e colocar em práticas as ações educativas nos museus.

As minhas experiências de trabalho e a de alguns alunos se mostraram bastante importantes no desenvolvimento dos diálogos em torno destes assuntos na sala de aula. O início das visitas técnicas, seja para elaborar os relatórios de observação, ou para as atividades relacionadas aos TCCs também contribuiu para o melhor entendimento dos setores educativos e suas ações, bem como para constatar as grandes diferenças existentes entre as várias instituições pesquisadas.

Como bibliografia sugerida, foram indicados:

- Plano de Acção Educativa: Alguns contributos para sua elaboração, escrito pela portuguesa Sara Barriga. Nesse texto a autora detalha o Plano de Ação Educativa (PAE), um documento que identifica a função e as competências do Serviço Educativo de uma instituição cultural, orientando os trabalhos a serem desenvolvidos na objetivação das metas de longo e médio prazo, as estratégias de ação, o público-alvo, as parcerias e as formas de

avaliação regular que deverão ser empreendidas durante este processo num determinado período. Descreve todos os passos que as equipes devem proceder para elaborar, de forma conjunta e participativa, esse importante documento.

• *Educação em Museus*, traduzido por Maria Luiza Pacheco Fernandes. O texto é um roteiro básico destinado aos responsáveis por museus que queiram criar um setor educativo, com sugestões e orientações para organização de planos de trabalho e formulação de políticas educacionais. Foi escrito por um órgão britânico que presta serviços de consultoria ao governo sobre assuntos relacionados aos museus com o objetivo de estabelecer parâmetros relativos aos trabalhos desenvolvidos nos museus da Inglaterra, aprimorando e elevando seus padrões. A partir de um pequeno conjunto de perguntas e respostas sobre como gerenciar educação em museus, eles abordam assuntos como: função educativa dos museus, suas políticas e planejamentos; as necessidades relativas aos recursos materiais e humanos; a importância da direção e do Conselho do museu nas responsabilidades, no apoio e reconhecimento do papel educativo da instituição, finalizando com dois estudos de casos de museus ingleses.

• *Ação Educativa em Museus*, de Neilia Marcelina Barbosa, Anna Luiza Barcellos de Oliveira e Maria Letícia Silva Ticle. Este documento faz parte de uma série de cadernos destinados a disseminar conceitos e práticas para incentivar, aprimorar e valorizar as atividades relacionadas aos museus e às artes visuais. No formato de um pequeno “manual de ação” para os museus, trata sobre o potencial educativo e as especificidades da educação em museus; a importância de planejar as ações educativas a partir de reflexões sobre as questões relativas ao tempo, o espaço e o objeto, fundamentando-as na vocação do museu, definida em sua missão. Alerta sobre a importância do educador participar junto à curadoria, desde o início do processo de construção da exposição e também, de adequar as ações educativas e seu planejamento a partir das especificidades dos diferentes públicos. O texto vai abordar diferentes categorias de público sugerindo algumas ações para facilitar o atendimento e diálogo com os mesmos, bem como a participação de toda a equipe na concepção destas práticas educativas entendendo-as como um importante momento de reflexão e formação. Em relação à definição de ações

educativas como processos de mediação, observa a necessidade de alinhamento à Pedagogia Crítica, onde a aprendizagem e a construção de novos conhecimentos se dão por uma postura ativa do indivíduo, fundamentada no diálogo. O texto ainda traz bibliografia e três documentos com modelos de avaliação de visita pelo professor e pelo educador, além de um modelo para pesquisa de visitantes.

- *Proyectos educativos y culturales em museos – Guía básica de planificación*; Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Este documento também foi criado como um guia para a realização de projetos educativos e culturais em museus com o objetivo de aprimorar a qualidade dos serviços oferecidos nas instituições museais espanholas. O documento surge como uma ferramenta de apoio ao planejamento de um projeto educativo em museus, de forma independente ou em sistema de parceria, detalhando os diversos aspectos necessários à organização deste projeto, desde sua concepção até sua avaliação final.

Como o documento é relativamente recente, utilizei-o com as últimas turmas como um guia para o projeto educativo que os grupos deveriam elaborar como parte do trabalho de conclusão de curso (TCC). Traduzi o documento elaborando um “esqueleto” para orientar os projetos dos alunos disponibilizando, também, o acesso ao conteúdo original, escrito no idioma espanhol.

Mais um documento interessante no apontamento de orientações para a elaboração de programas educativos em museus com alguns detalhamentos sobre materiais didáticos, metodologias e processo de aprendizagem e sobre as diversas possibilidades de ações educativas é o texto de Cornelia Brüninghaus-Knubel, diretora do departamento de Educação de um Museu da Alemanha, intitulado “A Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas”, integrante de uma publicação, elaborada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM)<sup>24</sup>.

Outros materiais selecionados para o trabalho com o tema dos serviços e ações educativas dos museus foram o conjunto de livretos com textos reflexivos sobre os processos educativos desenvolvidos pelas instituições culturais da cidade de São Paulo, produzido pela curadoria educativa da 29<sup>a</sup>

---

<sup>24</sup> In *Como gerir um museu: manual prático*.

Bienal de São Paulo. Posteriormente, foi utilizado o documento ampliado intitulado “Plano de Educação”, do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, divulgado pelo museu como material do curso “Diálogos em Educação e Museu”, em 2015. Os livretos foram produzidos em 2010 num projeto de parceria entre a Bienal e 24 instituições culturais da cidade de São Paulo que abriram suas portas para receber em visitas os quinhentos estudantes candidatos a educadores da 29.<sup>a</sup> Bienal. Como parte da formação desses estudantes, nessa ocasião as instituições apresentaram seus setores educativos mostrando os trabalhos desenvolvidos, suas concepções sobre educação, o papel do educador e o processo de mediação, os diversos programas, projetos, oficinas e ateliês, tudo isso evidenciado em diferentes maneiras de perceber e oferecer as ações educativas.

Utilizei esse material na aplicação de duas atividades práticas em sala de aula com as T2 e T4. Na primeira turma pedi que os alunos pesquisassem sobre a missão, os valores e objetivos de diferentes instituições e seus respectivos setores de educação. Minha intenção era que eles pudessem perceber a relação direta que existe entre a missão de um museu e aquilo que professa e almeja o seu setor educativo. Com o outro grupo pedi que apenas fizessem uma pesquisa sobre educativos a partir dos referidos textos. Em que pesem as diferenças em relação à abordagem e atualidade dos textos produzidos, grande parte deles se mostrou muito proveitosa no sentido de constatar a diversidade de fundamentações, estratégias e ações promovidas por estes setores.

O documento da Pinacoteca intitulado o “Plano de Educação”, do NAE (que era uma ampliação do texto contido no livreto da bienal), por se mostrar bastante completo serviu como uma referência de fundamentação e definição dos objetivos gerais e específicos, bem como das ações dos projetos educativos elaborados para os trabalhos de conclusão dos alunos das turmas de 2015, T4 e T5.

Outra indicação para as turmas foram as publicações do SISEM que podem ser acessadas pela internet, que disponibiliza títulos referenciais do campo da museologia. Também os relatórios produzidos pela Organização Social de Cultura (OS) responsável pelas Pinacotecas da Luz e Estação e Memorial da Resistência: a Associação Pinacoteca Arte e Cultura. No site da

instituição podemos acessar os relatórios trimestrais que atestam a realização dos planos de trabalho de todos os setores, incluindo as metas programadas. É bastante interessante conhecer a respeito do funcionamento dos museus do Estado e também sobre as programações concebidas por estes locais. Conhecer de forma detalhada as informações sobre eventos, pesquisas de satisfação de público, número de visitantes, entre outras tantas informações. Por ocasião do encontro com a educadora e museóloga Telma Moskën<sup>25</sup>, tivemos acesso a um jogo completo de relatórios impressos, juntamente com a informação da possibilidade de acessá-los diretamente no site.

Para tratar sobre o tema dos materiais educativos produzidos pelos setores, além do conteúdo já presente nos diversos manuais indicados, foram selecionados três textos e um exercício para uma experiência prática de análise de materiais educativos.

A publicação “Textos nas exposições – escolha para se comunicar melhor com seus públicos”, elaborado pela Percebe Educa - uma empresa de consultoria e treinamento educacional - é um material que cuja abordagem é simples e bastante direta nas orientações para a elaboração de textos educativos, que são aqueles que têm uma proposta de comunicação bem diferente dos textos de especialistas.

O segundo e terceiro textos selecionados, “Materiais gráficos e sala de aula: um diálogo possível?”, de Christiane de Souza C. Orloski e “Estratégias de mediação e a abordagem triangular”, de Rejane Galvão Coutinho e que será comentado mais adiante, foram indicados para estimular e orientar a elaboração de propostas que os alunos deveriam fazer para os projetos educativos dos TCCs.

Como exercício prático, utilizei uma proposta elaborada pelo GEENF, integrante do material do Curso de Educação em Museus: a Mediação em Foco, já referido anteriormente. Este exercício sugere uma dupla análise do material educativo produzido pelos museus em relação às suas características gerais como, por exemplo, título, autoria, público-alvo e formato, bem como sua dimensão educativa, como linguagem, especificidades da educação em museus, concepções pedagógicas, entre outros. A estas análises acrescentei um terceiro tópico, de caráter avaliativo, para que os alunos se manifestassem

---

<sup>25</sup> Telma Moskën, funcionária da Pinacoteca Luz, veio conversar com os alunos em 5 de outubro de 2015.

em relação à adequação do material ao público-alvo destinado, justificando suas respostas. Os exercícios eram feitos de modo individual e depois compartilhados entre todos, na forma de breves apresentações.

Os materiais educativos utilizados nos exercícios foram oriundos de diferentes instituições como a Pinacoteca de São Paulo, Fundação Bienal, Itaú Cultural, SESC, Museu da Língua Portuguesa, Casa das Rosas, MAC/SP, MASP, CCBB/SP, Instituto Tomie Ohtake entre outros, e voltados para diferentes públicos.

Para propor este exercício em sala de aula eu transportava minha coleção pessoal de materiais educativos e isso sempre foi bastante trabalhoso, já que não possuo automóvel para esse transporte. Pensei, então, em reunir um pequeno acervo de materiais educativos para consulta e pesquisa dos alunos do curso. Tive total apoio da coordenadora para iniciar essa coleção, porém, em decorrência da falta de tempo para tal empreitada a ideia não pôde ser concretizada. Penso que seria muito bom para a escola dispor desses materiais numa coleção que poderia ser constituída a partir de doações dos setores educativos dos museus.

Para tratar do tema das avaliações das ações educativas em museus, o texto de Adriana Mortara de Almeida intitulado “Avaliação de ações educativas em museus”, de 2007, é bastante esclarecedor, tanto na exposição do próprio conceito de avaliação, ou seja, daquilo que a autora entende como avaliação, quanto na explanação de uma nova abordagem avaliativa. Esta nova abordagem é trazida da experiência britânica denominada *Generic Learning Outcomes* (GLO) ou Resultados Genéricos de Aprendizado, segundo tradução da autora, mais adequado para avaliar a aprendizagem num sentido mais amplo e que comprehende cinco diferentes dimensões: Conhecimento e compreensão; Habilidades; Atitudes e Valores; Criatividade, Inspiração e Divertimento; Atividade, Comportamento Atual e Futuro. A partir destas dimensões - que são os resultados de aprendizagem - foram estabelecidos descriptores que são as ações, atitudes, habilidades, ideias verbalizadas ou escritas que indicariam a aprendizagem tornando possível, desta forma, especificá-las e mensurá-las.

Outro texto selecionado para trabalhar a questão é “Da mediação cultural aos mecanismos de avaliação - o lugar da educação em museus de

arte”, de Júlia Rocha Pinto que, além da avaliação, também aborda o processo de mediação. É um artigo feito a partir de sua pesquisa de mestrado defendida em 2012 e que pode ser acessada na internet.

Para finalizar esse tema, o texto “Avaliação de Ações Educativas em Museus”, de Rachel S. Vianna, disponível no site do Fórum Permanente, traz o assunto a partir da experiência de avaliações feitas em algumas instituições culturais brasileiras, como o Museu Lasar Segall, Instituto Itaú Cultural e o Museu Paulista.

Em sala de aula, para ilustrar o assunto foram disponibilizados para consulta alguns instrumentos de avaliação de ações educativas coletados em diferentes instituições como, por exemplo, SESC Itaquera, Bienal, Pinacoteca do Estado, Instituto Tomie Ohtake, entre outros. Da Pinacoteca, por ocasião da palestra da Telma Moskën, recebemos vários outros exemplares de avaliação das diferentes ações promovidas pelo setor educativo deste museu.

### **3.2.2. Contextos educativos: Educação formal, não-formal e informal; Educação em Museus; Parceria museu-escola.**

De modo geral, depois de recomendar a leitura dos manuais e explanar e conversar sobre os serviços educativos e suas ações bem como compartilhar as ideias e experiências dos alunos com estes setores, eu costumava fazer a aproximação do assunto Educação, apresentando alguns materiais para fomentar nossas conversas. Inicialmente, selecionei alguns vídeos e uma bibliografia para debatermos questões relativas ao contexto formal da educação que, por ser um assunto de domínio de todos, rendia muitas discussões com posições mais ou menos radicais em relação a esse sistema de ensino. Para informar e, muitas vezes, polemizar o assunto, fazia questão de contrapor à experiência mais comum de educação formal alguns conceitos sobre educação democrática que sempre me pareceram mais apropriados para abordar posteriormente a educação em contextos não-formais, caracterizados na maioria das vezes por relações mais horizontais e práticas mais livres.

Trabalhar o contexto formal – incluindo o tradicional – sempre foi fundamental, já que o público escolar corresponde em todos os seus níveis ao público de maior visitação aos museus. Outra questão importante relativa a

esse público são as parcerias *museu X escola*, que muitas vezes são fontes de muitos conflitos e de situações desafiantes para ambos os lados.

Os vídeos escolhidos foram:

- Quando sinto que já sei: esse documentário apresenta projetos de educação democrática inovadores que acontecem aqui no Brasil com depoimento de vários especialistas como, por exemplo, José Pacheco, educador e idealizador da Escola da Ponte, em Portugal.
- Pro dia nascer feliz: documentário sobre educação brasileira.
- Sociedade sem escolas (3 capítulos): publicados pelo professor André Azevedo da Fonseca, traz em três capítulos algumas ideias do pensador Ivan Illich para o campo da Pedagogia. Seu livro “Sociedade sem escolas”, de 1971, aponta os problemas decorrentes de um discurso e sistema que valoriza a educação como um produto de consumo propondo a criação de um novo modelo de aprendizagem.
- Capital Cultural, de Pierre Bourdieu: uma brevíssima abordagem do conceito de capital cultural para conhecimento dos alunos.

Como bibliografia sugerida, além dos conteúdos sobre o assunto contidos nos manuais recomendados, o texto “Educação não-formal: um mosaico,” de Valéria Aroeira Garcia, foi uma das leituras indicadas para as turmas. Nestas páginas a autora aborda o surgimento e a configuração da área da educação não-formal no Brasil relatando as práticas que já aconteciam antes mesmo de existir uma nomenclatura específica. Revela que aqui, essas atividades e ações no campo da educação não-formal tiveram diferentes denominações como, por exemplo, educação alternativa, educação complementar, jornada ampliada, educação fora da escola, educação extraescolar, contraturno escolar, entre outros. Esclarece ainda que a falta de interesse da pedagogia nesse campo fez com que ele se constituísse a partir das necessidades surgidas da própria prática desenvolvida por profissionais de diferentes formações. Sobre sua origem, afirma que a educação não-formal sempre foi vista como tendo um papel complementar à educação formal, mesmo se constatando a existência de diferentes espaços e práticas nestes dois contextos educativos.

Recomendei para algumas turmas também a leitura do texto da professora Martha Marandino, “Museu como lugar de cidadania”, que trata dos museus como espaços de educação não-formal e do desenvolvimento de suas dimensões educativas.

Outro texto bem apropriado para refletir sobre as relações entre os contextos formais e não-formais, é de autoria de Maria Margaret Lopes, intitulado “A favor da desescolarização dos museus” e que trata do processo de escolarização dos museus, responsável pela incorporação pelos museus nas finalidades e nos métodos do ensino escolar. Nesse artigo ela revela os fatores que acarretaram esse processo nos museus brasileiros trazendo vários pontos interessantes para discussão como, por exemplo, a necessidade que os museus têm da clientela escolar e, também, sobre as deficiências da escola supridas de certo modo, pelas “aulas” dadas pelos museus. Além disso, muitas outras questões levantadas irão tratar das contribuições particulares que cada uma das partes, museu e escola, podem oferecer no processo de construção do conhecimento em nossa sociedade.

Na busca de um maior preparo para as discussões, pesquisando e estudando sobre os temas encontrei alguns livros que considerei importantes para ampliar aspectos das discussões do tema surgidas em sala de aula. Com exceção dos dois textos anteriores, já comentados, essa bibliografia era apenas sugerida e não obrigatória, já que o tempo que dispúnhamos não era suficiente para maiores aprofundamentos. São eles:

- Volta ao mundo em 13 escolas: trata sobre experiências inovadoras em educação a partir de treze escolas localizadas em nove países diferentes.
- República de crianças: sobre experiências escolares de resistência, de Helena Singer. Sobre educação democrática, este livro apresenta um interessante histórico sobre essa modalidade de ensino.
- Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/ Zygmunt Bauman. O livro traz registros de conversas com o autor na discussão de temas muito oportunos para reflexões sobre vários assuntos que orbitam nos horizontes da juventude nas sociedades contemporâneas.

Outro vídeo sugerido foi *A Educação Proibida*, filme produzido no ano de 2012 e que também aborda novos modelos de educação. Como é muito longo não cheguei a passar em sala de aula, somente recomendá-lo aos alunos que se interessaram em conhecer mais sobre o assunto.

Sobre o tema da educação em museus, um documento que considerei importante disponibilizar e comentar com os alunos foi o “Conceitos-chave da Educação em Museus – Documento aberto para discussão”, criado pelo Comitê Educativo<sup>26</sup> ao longo dos anos de 2013 e 2014. O objetivo era realizar um levantamento e reflexão sobre termos e conceitos-chave para a educação museal utilizados habitualmente nas áreas educativas das instituições visando estabelecer um entendimento comum destes termos nas comunicações entre estas, o comitê e a Secretaria da Cultura. Trata de termos como monitor, mediador, educador, sobre programa, projetos e ações, públicos de museus, entre outros.

Ainda para discutir termos e conceitos da área da Educação em Museus, outra das publicações selecionadas foi “Conceitos-chave de Museologia”. O trabalho é resultante de um projeto de 1993, proposto pelo Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM, colocando-se como uma ferramenta de referência para os profissionais de museus e estudantes de museologia, contribuindo para a reflexão teórica e crítica sobre os museus. Isso se mostrou necessário pelas grandes transformações que ocorreram nessa área, trazendo com elas muitas diferenças tanto no que diz respeito às especificidades do trabalho em museus quanto nos cursos de formação ministrados em diferentes culturas.

A publicação é uma versão preliminar de um “Dicionário Encyclopédico” que vem sendo desenvolvido a mais de vinte anos por uma equipe internacional e que apresentará cerca de 400 verbetes, cada um deles expandido em artigos de até 30 páginas cada. Essa versão traz o resumo de 21 termos e, mesmo publicado originalmente em francês, a tradução toma como ponto de referência o contexto cultural e social brasileiro. Essa versão em português foi coordenada pela vice-presidente do ICOM Brasil, Adriana

<sup>26</sup> Segundo esse documento, os comitês técnicos “são instâncias de articulação entre a Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM) e as Organizações Sociais de Cultura Parceiras na Gestão” dos museus da Secretaria da Cultura [...]. Visam a parametrização de políticas públicas para a área museológica, ao aprimoramento técnico e ao fortalecimento institucional dos museus da Secretaria” (p.03). Atualmente existem três comitês técnicos: de Acervo, de Infraestrutura e de Educação.

Mortara Almeida. O objetivo deste documento é listar alguns termos correntes na área dos museus ampliando as reflexões críticas e teóricas sobre o tema. Mesmo não tendo trabalhado diretamente com esse material em sala de aula, creio que ele possa render boas discussões.

Continuando a abordagem desse grupo de assuntos, para trabalhar os temas “Educação” e “Educação em Museus”, que por sinal são muito amplos, selecionei alguns trabalhos que considerei importantes, seja para acrescentar informações para a elaboração de ações educativas, seja para elucidar ou aprofundar um pouco mais alguns termos recorrentes nesse universo. Sempre lembrando que os profissionais das áreas educativas dos museus nem sempre detêm conhecimentos pedagógicos em suas formações e, portanto, longe de pretender dar conta de uma bibliografia completa, extensa ou essencial para a área da educação, estou ainda compondo um repertório bibliográfico e de estratégias pedagógicas, substituindo e acrescentando novos títulos e atividades com o objetivo de contribuir melhormente para a formação dos profissionais mediadores em museus.

Em sala de aula eu explanava de forma bastante sintética sobre as principais concepções pedagógicas na história da educação brasileira, disponibilizando para eles um quadro-síntese dessas tendências que descreve em poucas palavras alguns de seus aspectos centrais, como o papel da escola, os conteúdos abordados, os métodos utilizados, a relação professor e aluno, a aprendizagem e os nomes dos expoentes de cada uma delas.

Utilizava, também, o quadro “Os Nomes da Arte na Educação”, que traz algumas informações-chave sobre o ensino da arte no Brasil - valores, ações metodológicas e influências, em diferentes períodos históricos. Também utilizei outro quadro comparativo do ensino da arte contraposto ao ensino geral brasileiro, elaborado pela professora Ana Mae Barbosa, sendo esses dois últimos acessados nas aulas da professora Rejane Coutinho, no curso Fundamentos da Cultura e das Artes no IA/UNESP, em 2009.

Os termos “profissional reflexivo” e “aprendizagem significativa” são muito citados em textos da área e correntes nos meios educativos. Para conhecer um pouco sobre o primeiro termo o estudante pode ler o texto “Formar professores como profissionais reflexivos”, de Donald A. Schön. Já para saber um pouco mais sobre o segundo, ele deverá se inteirar sobre a

“Teoria da Aprendizagem Significativa”, do psicólogo norte-americano David Paul Ausubel, ou então, ler um texto muito elucidativo de um professor espanhol que faz algumas reflexões sobre esse conceito, o “Significado e Sentido na Aprendizagem Escolar. Reflexões em torno do Conceito de Aprendizagem Significativa”, de César Coll.

Além desses, um texto de George Hein que trata sobre o construtivismo na educação<sup>27</sup>, refletindo sobre o significado destes princípios para os museus, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento de programas educativos. Segundo esse autor,

[...]existe uma constelação de teorias de aprendizagem baseadas na crença de que as pessoas constroem conhecimento. Muitas teorias educacionais recentes seguindo os textos de John Dewey, o trabalho empírico de Piaget e seus seguidores, e as teorias de aprendizagem de Vygotsky enfatizam a ativa participação da mente na aprendizagem e reconhecem que o processo de aprendizagem não é uma simples adição de itens em algum tipo de banco de dados mental, mas a transformação de esquemas em que o aprendiz desempenha um papel ativo e que envolve a construção de significados sobre uma gama de fenômenos mentais. (HEIN, 1998, p. 116-117).

Com tudo isso, percebemos o quanto todos esses assuntos são importantes para o futuro educador que deverá, de algum modo, se posicionar perante essas formulações elaborando suas ideias sobre o assunto da aprendizagem, pois estas irão refletir de forma direta em suas práticas e no papel que irá desempenhar nas instituições.

Gostaria de finalizar com a indicação de mais três textos que trazem alguns conteúdos sobre a educação em museus de ciência e, também, em comparações com os processos educativos em museus de arte. O primeiro deles foi disponibilizado pela própria autora para a turma, é “O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e arte”, da professora Adriana Mortara Almeida; outro texto que trabalha as duas tipologias de museu é o de Luciana Conrado Martins, “Como é criado o discurso pedagógico dos museus? Fatores de influência e limites para a educação museal”. O último é um trabalho que busca identificar as tendências pedagógicas que referenciam as ações educativas de três museus de

---

<sup>27</sup> Síntese da conferência “Constructivist Learning Theory” de George Hein, 1991. CECA – “The museum and the needs of people”. (trad. Livre de Luciana Chen e disponibilizado em curso de formação no Museu de Arte Brasileira - MAB/FAAP).

ciência, intitulado “Concepções Pedagógicas das Ações Educativas dos Museus de Ciência”, da professora Martha Marandino e de Isabella Tacito Ianelli, ambas da FE/USP.

### **3.2.3. Fundamentação- Alguns pensadores: John Dewey, Paulo Freire, Ana Mae Barbosa**

Desde o início esse tópico se destacou por despertar em mim um maior interesse, já que entender as fundamentações das práticas desenvolvidas sempre mobilizou minhas atenções. Na verdade todo o sentido - pelo menos grande parte dele - se revela a partir de um maior entendimento das bases que sustentam aquilo que você está fazendo.

Posso afirmar que na minha experiência de trabalho isso foi se dando de forma gradual a partir de um processo de pesquisa, reflexão e, sem dúvida, das ações práticas desenvolvidas nos espaços dos museus. Tenho claro em minha lembrança alguns momentos de “despertamento”, de *insights* que trouxeram entendimentos e aprendizagens significativas que, além de gratificantes no sentido de confirmação e reforço de um determinado caminho, se mostraram extremamente prazerosas.

Um dos autores muito utilizado na fundamentação das práticas de educação em museus é John Dewey. Durante muito tempo a leitura de um único texto deste autor, que descreve de forma detalhada - e também complexa - seu conceito de *experiência*, serviu como justificativa para um enorme leque de ações que aconteciam no museu. Confesso que somente aos poucos é que pude me aproximar, verdadeiramente, desta e de outras referências que depois tive oportunidade de conhecer e até hoje ocupam grande parte de meus estudos e reflexões.

Aliás, acredito que a reflexão sobre as bases do trabalho de mediação é um aspecto que não se mostra muito contemplado em grande parte do cotidiano de trabalho de muitos educadores. Com frequência, uma grade de atendimentos lotada impede o desenvolvimento de um processo de formação continuada em serviço, que considero importante para o pleno desenvolvimento do potencial dos profissionais envolvidos.

Mas, voltando ao assunto, lembro-me que no início, o primeiro – e único! - contato com o autor John Dewey deu-se a partir da leitura do capítulo 3 intitulado “Tendo uma experiência”, do livro “A Arte Como Experiência”, na época em capítulo traduzido e extraído da coleção “Os Pensadores”, da Editora Abril<sup>28</sup>.

O referido texto continua sendo repassado por mim como uma bibliografia importante, mas, no sentido de clarear um pouco sua leitura, acrescento a indicação de outros dois textos que, entre outros recursos e situações, me ajudaram bastante na aproximação com o autor: “Dewey e os Museus: teóricos da Educação para educadores de museu” e “A pedagogia de Dewey (Esboço da teoria de educação de John Dewey)”, escrito por Anísio Teixeira.

O primeiro texto é uma tradução parcial de um artigo da autora Peggy Ruth Cole, feito por Denise Grinspun, que trata justamente da importância de compreensão dos fundamentos das ações educativas explicando e exemplificando de forma clara sobre o planejamento de ações educativas baseadas no conceito de experiência de Dewey.

O segundo está contido numa publicação do MEC com vários ensaios, cronologia, textos selecionados e bibliografia para maior aprofundamento nas ideias do autor. A publicação faz parte de uma coleção sobre grandes educadores, que tem 50 títulos e está disponível na web.

Outra referência capital que fundamenta muitas práticas da educação em museus é “A Abordagem Triangular”, sistematizada pela professora doutora Ana Mae Barbosa. Para apresentá-la aos alunos costumo trabalhar com um DVD realizado pela *Ação Educativa*<sup>29</sup>, onde a professora conta sua trajetória, além de indicar outros três textos. Dois deles, de autoria da própria Ana Mae, apresentam a abordagem triangular já revisada. São eles: “Proposta ou Abordagem Triangular – uma breve revisão” e “Arte/Educação Pós-Colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular”. O terceiro, da professora Rejane Galvão Coutinho, chama-se “Estratégias de mediação e a abordagem triangular”, que trata da utilização da Abordagem triangular na fundamentação de ações educativas em exposições.

<sup>28</sup> O livro completo, **Arte como experiência**, foi traduzido e editado no Brasil somente em 2010.

<sup>29</sup> Percursos da Arte na Educação - Coleção com 10 DVDs com depoimentos de 20 arte-educadores; Curadoria de Rosa Yavelberg e Antonio Eleilson Leite, 2013.

Outro autor que trouxe para trabalhar com os alunos foi Paulo Freire. Confesso que ainda estou iniciando minha aproximação com sua obra e até o momento tenho somente utilizado um único livro, “Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários às práticas educativas”.

Entre as tendências pedagógicas que orientam as práticas dos professores e educadores brasileiros, Paulo Freire é classificado como um educador orientado por teorias críticas, que são aquelas que levam em consideração a influência de todos os contextos na prática de ensinar: social, econômico, político e cultural. Sua tendência pedagógica denominada “crítico libertadora”, é regida por alguns princípios e práticas referenciais para educadores de todo o mundo como, por exemplo,

a valorização do cotidiano do aluno; a construção de uma práxis educativa que estimulava a sua consciência crítica, tornando-o sujeito de sua própria história; o diálogo amoroso entre professor e aluno; o professor como mediador entre o aluno e o conhecimento; o ensino dos conteúdos desvelando a realidade. (CEDERJ, p. 27).

Como podemos perceber, se compararmos com muitas das práticas da educação em museus, conseguimos aproximar esse contexto de uma educação fundamentada na pedagogia crítica que em última instância busca a transformação da sociedade e de suas instituições na tentativa de estabelecer relações mais horizontais, pautadas em valores mais humanos, solidários e, também, mais afetivos.

A semelhança dessa proposta com aquelas sugeridas para os museus no I Encontro Nacional do ICOM - Brasil<sup>30</sup> nos faz pensar que, na verdade, a própria instituição *Museu* deve se colocar mais acessível para as suas comunidades, atuando como espaço educativo transformador ao promover ações fundamentadas na pedagogia crítica que, também, busca estimular a consciência do indivíduo. O documento ainda afirma que os museus devem ser espaços de referência da memória dos grupos, agentes que catalisam e socializam o conhecimento. Precisam ser locais onde o passado e a história possam funcionar como suporte para debater questões cruciais para as comunidades, de forma a instrumentalizá-las para exercerem um senso crítico

---

<sup>30</sup> I Encontro Nacional do ICOM-Brasil “Museus e Comunidades no Brasil: realidade e perspectivas, de 1 a 5 de maio, 1995, Museu Imperial,Petrópolis/RJ: Documento final não publicado in apostila **Curso Ações Multiplicadoras** – NAE/PESP, 2015.

da realidade contemporânea. Enfim, devem ser espaços que promovam a multiplicidade de visões de mundo, estimulando assim o espírito crítico das pessoas e da comunidade.

A proposta de trabalhar Paulo Freire com os alunos iniciava com a apresentação de três programas em vídeo para que eles pudessem conhecer o educador, ou mesmo relembrar alguns aspectos de seu trabalho. Depois, propunha a leitura e discussão, em grupos, do capítulo 3 do livro “Pedagogia da Autonomia”, tomando esse texto como base para a reflexão sobre o trabalho do educador e sobre a educação em museus. Como trabalho final, os grupos deveriam produzir um texto autoral, posteriormente compartilhado e discutido com toda a sala. O capítulo indicado tem como título “Ensinar é uma especificidade humana”, sendo constituído por nove subcapítulos, a saber: Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade; Ensinar exige comprometimento; Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; Ensinar exige liberdade e autoridade; Ensinar exige tomada consciente de decisões; Ensinar exige saber escutar; Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica; Ensinar exige disponibilidade para o diálogo e Ensinar exige querer bem aos educandos. Cada um destes tópicos deveria gerar uma reflexão e aproximação com os temas citados.

Para esse exercício produzi algumas cópias desse capítulo, disponibilizando-as para que os alunos pudessem trabalhar em sala. Mesmo assim, informei a todos que as obras de Paulo Freire estão disponíveis para baixar, de forma gratuita, no site do Instituto Paulo Freire.

Os vídeos que trabalhei em sala foram escolhidos por mim após uma extensa pesquisa e análise de vídeos disponíveis no site do *YouTube*. Intitulados “Pra você ver - Paulo Freire”, os vídeos foram produzidos pela Rede TVT, em 2012, na comemoração dos 90 anos do educador.

Para finalizar esse item citarei somente outro nome que inspira novas, produtivas e poéticas relações com o trabalho da Educação em Museus: Jorge Larrosa. O trabalho desse professor é bastante conhecido, especificamente a partir de um texto que circula em muitos setores educativos, em processos de formação de educadores e chama-se “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. O conceito de experiência deste autor (que é diferente de

Dewey), também fundamenta as propostas educativas dos museus e, para conhecê-lo, indiquei aos alunos seu livro “Tremores”, lançado recentemente aqui em São Paulo.

### **3.2.4. Bebês, Infantil, Adolescentes, Adultos, Familiar, Escolar, Pessoas com Deficiência, Inclusão Sócio-Cultural, Idosos - Públicos de Museu: Características e Estratégias.**

Para iniciar em sala de aula o tema que será assunto deste subitem, trabalhei com um filme que conheci por intermédio da professora Viviane Panelli Sarraf. Resolvi adotá-lo para iniciar o assunto da acessibilidade, inserido no tema maior dos Públicos de Museu. O nome do vídeo é “Dicas de Convivência”, produzido pelo Instituto Mara Gabrilli - IMG<sup>31</sup>, que leva o nome de sua fundadora e que atualmente é deputada federal e militante em defesa dos direitos das pessoas com deficiência. O vídeo – com a duração de apenas 15 minutos - mostra alguns comportamentos que as pessoas têm ao se deparar e se relacionar com as pessoas com deficiência, tratando o assunto de forma leve e bem humorada.

Como o assunto “Públicos de museu” é um tema bastante amplo, sugeri a realização de seminários a serem produzidos e apresentados pelos alunos. Esta proposta foi desenvolvida em quase todas as turmas que, divididas em grupos, se responsabilizavam pela pesquisa sobre um determinado tipo de público. Para a apresentação os alunos tinham cerca de 20 minutos, podendo encaminhá-la como exposição oral ou na forma de uma apresentação virtual. No seminário o grupo deveria compartilhar suas pesquisas caracterizando o público estudado a partir de alguns dados como, por exemplo, as formas particulares de aprendizagem ou estratégias mais adequadas para esse público; quais as necessidades mais evidentes no sentido do desenvolvimento de uma ação educativa; a necessidade ou facilitação da mediação a partir de materiais de apoio às visitas; tempo de duração de visita recomendado, tipo de comunicação mais adequada, entre outras coisas. Os grupos também deveriam pesquisar uma proposta específica para o público estudado que

---

<sup>31</sup> O IMG é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1997, que desenvolve e executa projetos voltados para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência.

estivesse sendo desenvolvida em alguma instituição museológica brasileira. Além disso, os alunos elaboravam um texto para ser compartilhado e uma proposta de atividade específica para o público pesquisado que comporia o rol de atividades previstas nos projetos educativos dos TCCs.

Nesse sentido, ao escolher os seminários pensava numa proposta de aprendizagem ativa onde os alunos deveriam pesquisar e elaborar as informações que seriam posteriormente compartilhadas, beneficiando toda a turma. Para fomentar e estimular as pesquisas selecionei uma bibliografia mais extensa sendo que, para tratar do público de pessoas com deficiência, tive o cuidado de tentar complementar as pesquisas dos alunos com as informações e contribuições trazidas nas palestras ministradas por pessoas de referência nessa área.

De modo geral, os textos sugeridos fornecem informações sobre os seguintes públicos: bebês, crianças, adolescentes, terceira idade e de inclusão sociocultural, sendo que esta relação está inserida nas páginas de bibliografia geral deste trabalho.

**3.2.5. Visitas Educativas: Modelos de Comunicação - Passivo e Participativo; Tipos/Modelos de Visita: Visita-Palestra, Discussão Dirigida e Descoberta Orientada; Estrutura da Visita - Acolhimento, Percurso/Desenvolvimento, Propostas Práticas e Fechamento; Roteiro de Observação de Visitas; Agendamento e Regras de Visitação.**

Para tratar desse conjunto de tópicos cujo objeto central é a “visita educativa”, os manuais já indicados são extremamente pródigos em orientações assim como muitos dos textos que, vez por outra, abordam alguns desses pontos. Portanto, neste item tratarei um pouco mais sobre as experiências práticas desenvolvidas durante o curso que contemplavam as observações *in loco* dos procedimentos e metodologias utilizados pelos educadores nas visitas educativas e que os alunos puderam acompanhar.

Como estratégia pedagógica foi proposta para todas as turmas a observação de visitas educativas em museus e instituições culturais da cidade de São Paulo. Iniciava a aproximação com o tema solicitando aos alunos que visitassem um museu acompanhados por um educador para fazer,

posteriormente, um relatório apontando tudo aquilo que eles considerassem importante na observação do desempenho do profissional durante a visita educativa. Na leitura dos relatórios eu tinha uma ideia a respeito da familiaridade ou não da turma com o trabalho da educação em museus.

Muitas vezes, mesmo cursando o segundo semestre do curso, alguns alunos não tinham feito em nenhum momento uma visita ao museu acompanhados de um educador. Alguns deles tinham lembranças de visitas feitas na época da escola e outros, nunca tinham feito ou nunca tiveram interesse em fazer. A ideia era que os alunos, além de criarem o hábito de frequentar os museus e espaços culturais, solicitassesem o serviço educativo destes locais para observação do profissional da educação em ação.

O relatório pedido continha informações desde o momento de chegada ao espaço cultural até o final da visita. Depois da experiência discutíamos sobre algumas características das visitas educativas, sua estrutura, o tipo de atividades que poderiam ser desenvolvidas durante o percurso, o tipo de visita (dialógica ou do tipo palestra). Em seguida apresentava aos alunos uma segunda proposta de visita, novamente acompanhada de educador, desta vez com o compromisso de preencher um Roteiro de observação de visitas<sup>32</sup>. Adotei esse documento que tive oportunidade de conhecer num curso de especialização intitulado “Monitoria em Artes”, feito no MAC em 2002. O preenchimento desse roteiro era solicitado na disciplina Prática em Museu, ministrada pelas professoras Amanda Tojal e Maria Angela Francoio.

O documento é dividido em dois campos: desenvolvimento da visita e entrevista com o educador. No primeiro campo, o preenchimento de dados sobre a recepção do grupo, o percurso realizado, as obras analisadas, os aspectos enfatizados nas leituras, a utilização de material de apoio, as atividades práticas e o tipo de mediação. Depois, perguntas sobre a formação do educador, o tipo de formação oferecido pela instituição, as parcerias entre o educativo e a curadoria, o tempo das visitas, os tipos de público atendidos, o atendimento às pessoas com deficiência, o sistema de agendamento, atendimento ao professor, finalizando com um campo livre para anotações adicionais consideradas importantes.

---

<sup>32</sup> Conforme informação constante desse documento, esse material foi desenvolvido por educadores do curso do MAC/USP em parceria com o Projeto Monitoria – Mostra do Redescobrimento – Brasil 500 anos/Fundação Bienal- São Paulo.

Com essa estratégia, os relatórios de observação entregues após o exercício do roteiro foram muito mais detalhados em questões específicas das visitas educativas. Após a entrega e compartilhamento das experiências de visitas em sala de aula, iniciávamos uma discussão sobre aspectos adequados ou inadequados observados nos atendimentos buscando, de forma conjunta, “descobrir” os possíveis fatores que geraram tais situações.

Para elaborar o roteiro de observação os alunos fizeram visitas em muitos museus e instituições culturais levantando variadas questões a respeito dessas experiências. Lembrando que alguns apontamentos, de caráter avaliativo ou mais subjetivo, puderam ser melhor explorados nas discussões em sala.

As instituições visitadas foram: Galeria de Arte do Sesi-SP, Itaú Cultural, Museu de Arte Sacra de São Paulo, Museu de Energia de Itu, Museu da Energia de São Paulo, Centro Cultural Banco do Brasil, MASP, Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, Museu Lasar Segall, Museu do Futebol, Museu da Cidade de São Paulo, Casa do Tatuapé, Casa do Bandeirante, Casa do Sertanista, Casa da Imagem, Beco do Pinto, Casa Modernista, Solar da Marquesa de Santos, Sítio Morrinhos, Casa n.º 1. Também o Instituto Tomie Ohtake, Centro Cultural Paço Imperial/RJ, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Caixa Cultural de São Paulo, Museu da Diversidade – Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo, Museu da Casa Brasileira, Museu Vicente de Azevedo, Museu de Arte Brasileira – FAAP, SESC Pompéia, Estação Pinacoteca, Instituto Butantan, Museu de Microbiologia e Museu Biológico, Museu da Vida Marinha - São Sebastião/SP, Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, Museu Penitenciário Paulista, Museu Casa de Portinari, Museu da Imigração, Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, Museu da Língua Portuguesa, Centro Cultural FIESP, Casa Guilherme de Almeida e MAC Ibirapuera.

Destas observações destaco que os aspectos levantados faziam referência não só à formação e atuação dos educadores, mas também às questões referentes às dinâmicas dos setores educativos ou mesmo às políticas institucionais, situações que geralmente escapam da alçada de autonomia destes profissionais. Na verdade, muitas vezes, a pertinência

desses casos pode ser atribuída tanto a uma quanto a outra instância, ao setor ou à instituição.

Por exemplo, na análise dos comentários das turmas, registrei como aspectos adequados referentes aos setores a disponibilização de maquete para trabalho com deficientes visuais, uma equipe de educadores com diferentes formações bem como a oferta de diferentes tipos de visita e oficinas para crianças. Já a falta de educadores para atendimento aos sábados, a falta de material de apoio e a brevidade do encontro com o educador seriam os aspectos inadequados, que bem poderiam ocorrer não só por displicência do setor, mas, também, pela falta de investimento em recursos materiais e humanos da instituição em seu setor educativo.

No concernente ao âmbito de diretivas institucionais temos como positivos o atendimento telefônico em geral e a solicitação de educador atendida. Como negativos, o acompanhamento obrigatório; a rispidez da recepção ou da equipe de segurança do museu; um atendimento telefônico burocrático ou ruim; abertura em horário diferenciado dificultando a visitação. Além disso, uma estrutura física insuficiente para recebimento de grupos (banheiro, bebedouros); a inexistência de um serviço de educação bem como de folder, texto de parede, legenda e a falta de textos, sinalização e visitas educativas em outros idiomas. Outro ponto negativo, muitas vezes, ocorre quando a instituição recebe uma exposição itinerante como um pacote pronto, sem possibilidades de adaptação ou mesmo aprimoramento do projeto, como questões referentes ao desenho universal e outros aspectos museográficos que prejudicam a boa comunicação da exposição, como iluminação baixa, situação de insegurança no deslocamento no espaço e temperatura incômoda e etc.

Dos aspectos pertinentes ao educador, foram relatados tanto aqueles que dizem respeito à sua formação quanto aos mais específicos/particulares relativos à sua postura ou mesmo à característica pessoal do profissional como, por exemplo, o atraso de 15 minutos no atendimento programado e a “boa educação” do educador.

Foram relatados como positivos o interesse manifestado pelas dúvidas e repertório do visitante; o aprofundamento do conteúdo teórico sobre obra (visita-palestra de duas horas sobre uma obra); a discussão e oportunidade

para debater ideias, as associações feitas entre o conteúdo da exposição e assuntos da atualidade. E ainda, a boa comunicação; a boa e equilibrada mediação com diálogo; o contato afetuoso no acolhimento; a comunicação clara das regras de segurança; a disponibilidade do educador para indicar ou atender à pesquisa; a disposição para atendimento de pessoas com deficiências; boa formação e profissionalismo decorrentes de maior tempo dedicado à pesquisa e formação do educador, e até olhares especulativos mais ricos.

Como negativos, as turmas destacaram o excesso de informação em visita do tipo palestra; a ausência de acolhimento e de fechamento; a perda do domínio da visita, permitindo a desatenção e dispersão do grupo; a falta de domínio dos conteúdos gerando especulação sobre obras pouco conhecidas; muitas abstrações e exagero de especulações por parte do educador, o que foi considerado como falta de profissionalismo. Alguns alunos também consideraram que o atendimento individual não se mostrava tão rico quanto o atendimento em grupo; a falta de disponibilidade para atendimento de grupos de pessoas com deficiência e, da mesma forma inadequado, quando o educador limitava sua atuação agindo como orientador de espaço.

Curioso destacar que a visita do tipo palestra, carregada de informações, foi classificada nas duas categorias, tanto como um aspecto positivo como negativo, fato que indica a variedade de expectativas do público visitante.

Devo acrescentar que a constatação de alguns aspectos inadequados ou negativos na atuação do profissional não tinha como objetivo nenhum caráter avaliativo do profissional ou da instituição e sim, como dados a serem debatidos em sala de aula na reflexão sobre a função e atuação dos educadores em museus.

Como grande parte destas observações encontrava sua justificativa em aspectos relacionados à formação do educador, aproveitei para desenvolver esse tema, sempre a partir das discussões compartilhadas dos roteiros de observação de visitas, conforme relatado mais adiante.

Ainda no conjunto de temas das visitas educativas, outros tópicos discutidos foram *Regras de Visita e Agendamento de Grupos* nos diferentes museus. Na T3, por exemplo, os alunos fizeram essa pesquisa – presencialmente ou em sites, em diferentes museus brasileiros. Depois

compartilhamos e discutimos as informações refletindo sobre diversas questões trazidas, principalmente, a partir das peculiaridades dos públicos mais freqüentes destas instituições. Nessa atividade, os locais pesquisados foram: Museu dos Transportes, Palácio do Governo, Museu India Vanuire, Museu Oscar Niemeyer, Museu Nacional do Rio de Janeiro, Fundação Iberê Camargo, Museu da Imigração, Sítio Morrinhos, Museu Casa de Portinari, Museu de Artes e Ofícios de BH, Museu Internacional de Ufologia e Ciências, Casa Guilherme de Almeida, Museu do Futebol, Museu da Vida/ RJ, Museu Felicia Leirner, Museu Nacional de Belas Artes/RJ, Museu da Língua Portuguesa, Museu do Homem do Nordeste e Museu de Arte Moderna da Bahia.

Como parte prática do curso havia o acompanhamento de visitas que nós, professores, fazíamos juntamente com os alunos. No caso dos meus componentes curriculares, as visitas eram sempre agendadas com os educadores das instituições, uma oportunidade a mais para investigarmos essas práticas. Durante esse período pude acompanhar diferentes turmas em visitas aos seguintes espaços: Memorial da Inclusão: os Caminhos da Pessoa com Deficiência, SESC Santana, Casa Guilherme de Almeida, Museu da Casa Brasileira, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Memorial da Resistência, Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, Jardim da Luz, Centro Cultural Correios; sendo que essas visitas se mostraram como ocasiões muito enriquecedoras para todos nós.



Fig. 3 - Visita Memorial da Resistência, 26/setembro/2015.

Fonte: arquivo próprio.



Fig. 4 - Visita Memorial da Inclusão, em 19/março/2014.

Fonte: arquivo próprio.



Fig. 5 - Visita Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1.º semestre de 2014.

Fonte: arquivo próprio.



Fig. 6 - Visita Educativa no Espaço Cultural Correios, 2.º semestre 2015.

Fonte: arquivo próprio.

Numa delas, quando uma das turmas ia visitar o Museu da Língua Portuguesa, ocorreu de não poder acompanhá-los, de modo que resolvi elaborar um exercício para ser feito em grupo quando estivessem no museu e, posteriormente, conversamos em sala sobre a experiência. De modo resumido, o exercício solicitava que eles planejassem duas visitas e tinha a seguinte proposta: Imagine que você trará dois grupos para este museu e precisa fazer um planejamento prévio destas visitas. A primeira delas será uma discussão dirigida para um público de adolescentes do ensino médio e a segunda, uma visita do tipo descoberta orientada para um grupo de crianças entre 9-12 anos. A partir do enunciado percorram os espaços do museu, propondo: 1) Para a Discussão dirigida: Em cada espaço, elenque cinco temas que, eventualmente, poderiam ser discutidos; 2) Para a Descoberta orientada: Eleja um único tema, estabelecendo possíveis relações entre este e cada um dos espaços.

Todas as práticas relatadas nesse item foram bem recebidas pelos alunos e avaliadas por mim como momentos de formação não só mais dinâmicos, mas também como mais próximos do universo de trabalho dos mediadores em museus, tanto nas reflexões e discussões sobre os aspectos concernentes às práticas, quanto na simulação do próprio trabalho ao planejar as visitas solicitadas nos exercícios.

Também relacionado com as visitas educativas, existem as chamadas propostas ou ações, práticas ou poéticas, que podem acontecer em algum momento durante o percurso no espaço expositivo. Essas atividades práticas, que podem utilizar materiais plásticos ou mesmo jogos cênicos, costumam ser propostas em momentos variados: logo após o acolhimento dos grupos, no meio do percurso ou mesmo, ou no fechamento de uma visita. Segundo a professora Mila Chiovatto, coordenadora geral do NAE da Pinacoteca do Estado de São Paulo, essas ações denominadas “propostas poéticas” (no âmbito desse museu) são atividades lúdico-educativas cujo objetivo é criar situações de aprendizagem de âmbito mais concreto e vivencial, visando assim complementar as leituras de imagem que são realizadas nas visitas à exposição de longa duração.

Em muitos museus a elaboração de propostas práticas é uma das atribuições do trabalho do educador. Para isso ele deve ter em mente que, ao criar essas propostas para desenvolvimento durante o percurso, elas deverão ter relação direta com aquilo que foi ou será trabalhado na visita. Criar atividades totalmente descoladas da visita não agrega consistência ao trabalho educativo. Um exemplo disso são os jogos, que podem tanto ser propostos como atividades pertinentes ou não ao processo educativo da visita.

Como bibliografia sugerida para trabalhar este assunto, selecionei o texto “Jogos como instrumentos de mediação no Museu do Futebol”<sup>33</sup>, produzido por educadores desta instituição, que relata a sistematização de uma prática de criação de jogos utilizados no processo de mediação. Deste modo, potencializando as dimensões educativas da brincadeira e do jogo, tem como objetivo ampliar a relação entre o visitante e o conteúdo exposto no museu.

Um texto ainda não publicado e disponível num dos materiais didáticos produzidos pelo NAE/PESP, intitulado “Potencialidades do uso de recursos educativos: reflexões e práticas” é bastante ilustrativo na descrição do que são os recursos educativos em museus de arte, como desenvolvê-los e algumas propostas, sendo este conteúdo referenciado e exemplificado pelas práticas desenvolvidas na Pinacoteca. Um ponto que considero interessante neste texto é a afirmação, bem apropriada, que o recurso educativo não deve receber maior destaque do que a obra e que estes, quando utilizados pelos

---

<sup>33</sup> Material produzido por Leilyanne Ferreira Marques da Silva, Lucas Donato Santos e Simone Vieira de Moraes.

educadores, têm papel coadjuvante na mediação entre os participantes e as obras de arte.

Para finalizar, mais duas indicações de leituras: “Estratégia de mediação para a exposição Morte das Casas – Nuno Ramos”<sup>34</sup>, que relata de forma bem explicativa todo o projeto de criação de um jogo para essa exposição, feito pela equipe do Arteseducação Produções, que integrou as dimensões da leitura da obra, da contextualização e da produção, destacando-se nesse sentido como uma proposta diferenciada. O último texto é parte da dissertação de mestrado da professora Maria Angela Serri Francoio, “Museu de Arte e Ação Educativa: Proposta de uma Metodologia Lúdica” que conta a experiência de curadoria de exposição e criação do Espaço Lúdico do MAC/USP, bem como as ações promovidas no atendimento de grupos de crianças em visita à exposição “Retratos e autorretratos: jogos, brinquedos e brincadeiras”, ocorrida neste museu entre os anos de 1997 e 1999.

### **3.2.6. Mediação/Mediação em arte. Leitura de imagem, roteiros de leitura, níveis de desenvolvimento: Abigail Housen e Michael Parsons; Educação Patrimonial**

Um dos livros integrados à bibliografia do curso com recomendação da leitura de alguns de seus capítulos foi “Arte/Educação como Mediação Cultural e Social”, organizado por Ana Mae Barbosa e Rejane Galvão Coutinho. O artigo “Mediação cultural é social”, de Ana Mae Barbosa traz, entre outros assuntos, uma análise dos processos de mediação usados na condução das visitas levantando pontos importantes para avaliação das ações educativas propostas pelos setores de educação dos museus, inclusive os materiais educativos produzidos.

Ainda neste livro, o texto “Estratégias de mediação e a abordagem triangular”, de Rejane Galvão Coutinho que, a partir das experiências de trabalho de uma equipe de educadores independentes, descreve as estratégias de mediação cultural elaboradas para duas exposições de arte ocorridas numa grande instituição cultural da cidade de São Paulo, tendo como fundamento a abordagem triangular sistematizada pela professora Ana Mae Barbosa.

---

<sup>34</sup> Produzido por Alberto Tembo, Camila S. Lia e Christiane Coutinho.

Considero que esse artigo é importante para mostrar, resumidamente, como se dá o processo de elaboração de propostas práticas e poéticas feitas no momento das visitas, bem como de materiais gráficos para projetos de exposição, quais as preocupações, quais escolhas que são feitas. A partir das ideias de Bernard Darras, o texto reflete sobre pontos importantes relativos à formação dos educadores, que deve ultrapassar a questão de aquisição de conteúdos e articulação de um discurso, para se estender num verdadeiro compromisso desse profissional em direção de uma autoformação reflexiva. Isso se torna fundamental já que, segundo a autora:

a pessoa que conduz o processo de mediação realiza uma atividade que depende de suas concepções de arte e de cultura, assim como essa atividade é permeada pelas concepções intrínsecas ao cenário em que ela acontece (COUTINHO, 2009, p.178).

Outra publicação indicada para conversar sobre mediação foi o “Caderno de Mediação” da 8.<sup>a</sup> Bienal do Mercosul, organizado por Pablo Helguera. Nela, o texto “A arte de ensinar no Museu”, de Rika Burnham e Elliot Kai-Kee, descreve de forma prática dois diferentes percursos de visitas educativas fundamentadas no conceito de experiência de John Dewey. Segundo este filósofo, uma experiência com arte é modelar para definir de forma apropriada o que é “ter uma experiência”. Uma experiência de caráter integrador, mobilizadora de aspectos físicos, mentais e emocionais do sujeito e que se diferencia das experiências comuns pelo grau de integriteza e unidade que ela apresenta. Como Dewey é muito utilizado para fundamentar diversas ações de educação em museus, considero esse texto muito bom para o entendimento dessa fundamentação.

Os autores conseguem descrever de forma clara de que modo os diálogos entre educadores e visitantes se desenvolvem, mostrando a potência das interações dialógicas alertando e incentivando diálogos autênticos, onde as perguntas dos educadores aos grupos são verdadeiramente abertas, sem limitações ou roteiro pré-definido de perguntas ou percursos; situação onde o educador se veja como parte integrante do grupo, aprendendo junto com todos. Afinal, Burnham e Kai-Kee advertem que, “como o próprio processo de criação

do artista, a experiência com uma obra de arte não é um processo habitual e previsível" (p. 14). Deste modo,

O instrutor do museu reitera e reafirma as observações dos visitantes, com base na vontade de todos em conversar sobre os efeitos que as obras de arte têm e o que há de interessante nelas. Todos são convidados a compartilhar suas ideias; alguns veem coisas que outros não veem. Quase todo mundo tem uma opinião. Muitas vozes são melhores que uma. Todos devem se sentir bem-vindos a esta conversa, mas a meta do instrutor não é necessariamente que todos contribuam ativamente. O instrutor pode fazer perguntas, solicitar comentários, fazer uma declaração ou dar informações. Os participantes podem fazer perguntas ou meditar silenciosamente. Um vocabulário compartilhado é desenvolvido entre os membros do grupo. As pessoas começam a reagir às ideias umas das outras e a comentá-las. A conversa expande a experiência que cada um tem dos objetos, movida por um senso de descoberta. (BURNHAM, KAI-KEE, 2011, p.14).

No mesmo livro, o texto “Conversas interessantes em Museus de arte”, de Melinda M. Mayer, vai propor o trabalho educativo em museus fundamentado na conversa que se diferencia do diálogo por ser mais investigativa e informal. Ela define um tipo de conversa, a denominada “comum”, dizendo que:

A conversação comum é o bate-papo diário que travamos com outras pessoas, por meio do qual ouvimos, respondemos e respeitamos uns aos outros. Da mesma forma que o aprendizado em museus, a conversa comum é informal. Conversando, nós investigamos, imaginamos, confundimos, contamos histórias, fazemos comentários e descobrimos propósitos e significados. (MAYER, 2011, p. 20).

E continuando sua fala sobre as conversas em museus de arte, lembra que o relacionamento entre os participantes, educador e visitantes, se coloca adiante do objeto ou do próprio assunto do qual se conversa. Isso facilita a construção de vínculos entre eles que resultam “em relações mais fortes e memoráveis com as obras de arte do que quando os objetos são o foco principal” (p. 20). Como resultado dessa atenção para com o visitante temos a transferência desse cuidado e valorização para a relação dele com as obras de arte. Para que essas conversas sejam cultivadas são necessárias algumas condições relacionadas ao ambiente, que deve se mostrar confortável e seguro; ao educador que deve promover a conversa envolvente centralizada no

visitante, numa escuta ativa e atenta; e no desenvolvimento de um relacionamento horizontal, onde o interesse sincero pelo visitante traduza a consideração e respeito mútuo.

Na entrevista “Uma conversa sobre a aprendizagem centrada no objeto em Museus de Arte”, dois educadores em museus de arte falam sobre suas práticas apresentando diferentes possibilidades de mediação. O texto é indicado para tratar sobre conceitos e fundamentações que geram diferentes práticas percebendo que essas diferenças são – todas elas - enriquecedoras dos encontros entre os públicos e as obras.

Um destes educadores, trabalhando a partir da pesquisa de Abigail Housen, acredita que a maioria dos visitantes de museu está inserida nos dois primeiros estágios de nível de apreciação estética formulado por essa pesquisadora. Deste modo, para que haja uma primeira e significativa interação entre o visitante e a obra de arte, considera que esses espectadores não devem receber nenhum tipo de informação, considerada secundária, para a interpretação das obras. Secundário para ele são fatos e opiniões que não são evidentes na imagem como, por exemplo, informações sobre a vida do artista. Também, sobre como o objeto foi feito ou ainda os significados que são atribuídos por aqueles que conhecem a história da arte, assim como as implicações ou mesmo o simbolismo específico da arte.

Na verdade, para estes espectadores ele escolhe imagens que poderão ser interpretadas sem a necessidade de informações adicionais. Desse modo, acredita estar desenvolvendo um olhar ativo e não uma recepção passiva, o que segundo ele é fundamental para que haja uma conexão com a arte, estimulando-os a olhar e pensar por si próprios.

Para a outra educadora, “seduzir” para a observação de uma obra compartilhando as experiências e sua perspectiva informada sobre a arte com os visitantes é fundamental. Utiliza a informação para reforçar as respostas dos visitantes encorajando-os para análises mais aprofundadas. As distintas formas de mediação descritas nessa entrevista renderam boas discussões, ou melhor, conversas em sala de aula.

Outro livro incluído na bibliografia foi organizado pela professora Mirian Celeste Martins, “Pensar juntos a Mediação Cultural: [entre]laçando experiências e conceitos”, com textos sobre o assunto produzidos pelos

integrantes do Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas.

Mais um texto que considerei bastante elucidativo a respeito do processo da mediação em exposições de Arte é “Exposições de Arte e recepção educativa do público”, de Evandro Carlos Nicolau. O autor inicia suas reflexões sobre o campo da educação propriamente dito, passando depois para o reconhecimento das abordagens e estratégias educativas utilizadas em exposições que, baseadas em conceitos de recepção de obras de arte, leva em consideração a relação de observação direta entre o espectador e a obra de arte e os discursos diante do objeto artístico. Lembra que são vários os aspectos que orientam a percepção do espectador diante da obra, motivo pelo qual o mediador deve estar atento a essa pluralidade de perspectivas dos diferentes sujeitos facilitando a emergência destes repertórios de conhecimento quando dá voz ao grupo para construir um discurso coletivo. Deste modo, se aproximaria daquilo que Bakthin (2007 apud Nicolau, 2009) caracterizou como discurso polifônico, um discurso tido como democrático por natureza,

cujas vozes interagem com a obra e interagem entre si, numa construção de conhecimento coletiva, pela qual todos são atores envolvidos no processo cultural e aprendem uns com os outros (BAKTHIN, 2007 apud NICOLAU, 2009, p.76).

Elegendo o caminho do diálogo, propondo questões de caráter investigativo que estimulem a curiosidade dos visitantes ou mesmo colocando algumas considerações provocativas, o mediador deve permitir que os visitantes sintam-se à vontade para expressar percepções e opiniões diante das obras. O autor vai compartilhar a sua visão sobre as pesquisas de Michael Parsons e Abigail Housen que, a partir de estágios ou níveis de desenvolvimento estético, classificam os espectadores fazendo, também, considerações sobre o sistema do educador Robert William Ott, salientando que este último, não busca classificar e sim, promover a autonomia na relação do visitante com a obra de arte. Esse é um texto que traz muitos elementos para pensar a função do educador, bem como a respeito do processo da mediação cultural.

Outro texto selecionado no último ano foi um relato de Cayo Honorato, “Status e funções da mediação educacional da arte”, sobre um encontro com

Carmen Mörsch, responsável pelo programa de mediação educacional da *Documenta 12*, uma importante mostra de arte contemporânea. Em sua palestra, entre outros interessantes assuntos, Mörsch apresentou suas ideias sobre as quatro funções da mediação da arte nas instituições culturais, resultado dos quinze anos de pesquisas da autora feita no contexto europeu. Segundo ela, essas classificações poderiam, também, ser experimentadas no contexto brasileiro. Segue a transcrição destas funções:

1. Função Afirmativa: a mais difundida no museu. Instrumento do museu para sua autoafirmação como máquina da verdade, narradora de grandes histórias. Expressa nas visitas guiadas tradicionais, em que apenas se apresenta o texto curatorial aos visitantes; postura de que o público do museu é a clientela reservada dos profissionais ou especialistas.

2. Função Reprodutiva: preocupada com a formação do público de amanhã, com a manutenção do museu, por exemplo, daqui a vinte anos, diante da diminuição de seu público tradicional e tendo que concorrer com as sempre novas ofertas de lazer.

3. Função Desconstrutiva: aumentando a temperatura, questiona o museu em si – o que ocorre de vez em quando em muitas instituições. Influenciada pela Nova Museologia anglo-saxã, pelas teorias feministas a partir da década de 1960 e pelos estudos pós-coloniais, questiona o museu em suas funções, por exemplo, a de selecionar, para lembrar as histórias que são caladas pelas histórias contadas; questiona os ritos civilizatórios que ele processa. Empreendida também por artistas em suas intervenções com ou para o público, como um comentário crítico do que ocorre.

4. Função Transformativa: mais difícil de ser efetivada. Por um lado, perspectiva compartilhada pela instituição de que o trabalho da mediação mude e melhore a vida das pessoas, as condições sociais e combata a desigualdade; por outro, tentativa de redefinir ou ampliar as funções do museu.

Ainda segundo a pesquisadora, mesmo sabendo que as duas primeiras são as mais comuns, não deve haver nenhum tipo de valoração entre elas, sendo que o mais importante é a consciência dos mediadores em relação ao trabalho que desejam fazer, onde querem chegar com ele. De todo modo,

acredito que essas “funções” possam servir como pontos de reflexão para todos os profissionais da área no constante questionamento sobre o alcance e os limites de suas práticas.

Outra metodologia utilizada por educadores no processo de mediação é a “Educação Patrimonial”, divulgada principalmente a partir das ações desenvolvidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em trabalhos coordenados pela museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta, Diretora do Museu Imperial de Petrópolis/RJ. O resultado dessas experiências foi concretizado numa publicação intitulada “Guia Básico de Educação Patrimonial”, que apresenta um método inspirado num trabalho pedagógico desenvolvido na Inglaterra, que tem como objetivo a valorização do patrimônio a partir da experiência direta dos bens e fenômenos culturais.

Segundo a museóloga, a Educação Patrimonial é:

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, 1999, p. 06).

A Educação Patrimonial tem no objeto real (que pode ser um objeto de uso cotidiano, uma edificação, uma cidade, uma manifestação festiva ou religiosa, entre outras) sua principal fonte de informação. A habilidade de interpretação dos objetos amplia nossa capacidade de compreender o mundo em que vivemos podendo ser desenvolvida por qualquer pessoa. Para a investigação do objeto cultural a ação educativa deverá se desenvolver ao longo das seguintes etapas metodológicas: Observação, Registro, Exploração e Apropriação. Cada uma delas prevê um conjunto de recursos, atividades e objetivos culminando na apropriação e valorização do bem cultural.

Segundo material publicado pelo IPHAN, nos últimos anos as iniciativas voltadas à preservação do patrimônio se multiplicaram em nosso país, porém, a grande quantidade de propostas acaba confundindo as práticas educativas

mais significativas com aquelas que não apresentam nem uma orientação programática definida.

### A Coordenação de Educação Patrimonial – CEDUC

defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (HORTA, 1999, p. 14).

No sentido de fortalecer e fomentar projetos mais consistentes no âmbito da Educação Patrimonial, um decreto do ano de 2009 vincula essa coordenação (CEDUC) ao recém-criado Departamento de Articulação e Fomento – DAF.

Além dessas referências bibliográficas, os já citados “manuais” e outros textos já apontados que, juntamente com outros assuntos, abordam também as questões da mediação, existem várias outras publicações que propõem valiosas reflexões sobre o processo. Aliás, temos cada vez mais publicações que abordam o processo de mediação, geralmente escritos por teóricos ou acadêmicos que se dedicam a pesquisar o assunto. Recentemente foi lançada uma publicação de título “Obras comentadas: mediações”, com ensaios sobre a mediação desenvolvida a partir das obras da coleção do MAM/SP, elaborados pelos próprios educadores da instituição.

Até hoje são pouco frequentes as oportunidades para que os educadores possam deixar registradas suas experiências acumuladas de atendimento aos diferentes públicos fora dos depoimentos e registros feitos nos inúmeros relatórios de visita que são convidados a preencher de forma sistemática para reflexão e, muitas vezes, somente para avaliação valorativa de seu desempenho cotidiano. Acredito que os textos autorais de educadores possa ser uma tendência que irá se multiplicar em outras instituições daqui a algum tempo.

Conforme citações já relatadas anteriormente, outros autores referenciados nos museus de arte para a estratégia da leitura de

imagens/obras durante os processos de mediação são Abigail Housen, Michael Parsons e Robert Ott. Tomei contato com o método de trabalho deste último autor, ainda durante o período de estágio, no final do curso de graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. Logo depois, ao entrar para o universo de trabalho dos museus, pude conhecer de maneira mais constante as pesquisas que fizeram e norteiam boa parte dos trabalhos de educadores dos museus de arte, no sentido de orientá-los sobre a melhor forma de auxiliar o desenvolvimento das percepções dos visitantes nos percursos em espaços expositivos.

Housen e Parsons fizeram algumas pesquisas que permitiram classificar os espectadores em diferentes níveis de desenvolvimento estético, estabelecidos a partir das respostas dadas na apreciação das obras de arte. Essas classificações não correspondem necessariamente ao desenvolvimento cronológico, já que outras situações interferem no resultado desses contatos.

Segundo Parsons (1992), os estágios de desenvolvimento cognitivo e estético definidos a partir de suas características fundamentais são: Preferência; Beleza e Realismo; Expressividade; Estilo e Forma e, Autonomia. Já para Housen (1983), os estágios definidos a partir de suas pesquisas são: Narrativo; Construtivo; Classificatório; Interpretativo e Recreativo.

Como sugestão bibliográfica para conhecer a respeito dessas pesquisas, utilizei um texto do livro “Compreender a arte”, de Michael Parsons e “Níveis de desenvolvimento estético”, de Abigail Housen. Outro material relevante é o texto que, além de falar sobre mediação, traça um comparativo entre as duas pesquisas: “Mediação: um acesso pelo foco do caleidoscópio”, de Mirian Celeste Martins, recebido como material de formação durante a Mostra do Redescobrimento. Sobre Parsons e Housen, textos da professora Maria Helena Wagner Rossi são referenciais como, por exemplo, “A Compreensão das Imagens da Arte” (Parsons) e “A compreensão do desenvolvimento estético” (Housen).

Para a leitura de obra de arte, Robert William Ott propõe um sistema, o *Image Watching*, dinâmico e integrado por seis momentos ou categorias que, articuladas, possibilitam a ocorrência de uma experiência completa, *deweyana*. São elas: Aquecimento/Sensibilização (*Thought Watching*); Descrevendo; Analisando; Interpretando; Fundamentando e Revelando. Para saber mais

sobre esse sistema, um bom texto é o da professora Christina Rizzi, “Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte *Image Watching*”.

Em relação às propostas práticas sugeridas no curso, além dos relatórios de visita produzidos pelos alunos, com e sem roteiro, e das visitas externas acompanhadas pela professora, alguns exercícios de leitura de imagens e de objetos foram indicados aos alunos com o objetivo de introduzi-los nos assuntos pertinentes às teorias de desenvolvimento estético e leitura de imagens, muito populares nas formações de educadores em museus de arte.

No decorrer desses dois anos e meio tive a possibilidade de fazer o atendimento a cinco turmas diferentes e, em cada uma delas, as possibilidades se mostraram diversas, com maior ou menor integração entre os grupos e até mesmo entre os grupos e a professora-mediadora.

Em todas as turmas adotei uma dinâmica de apresentação pessoal trazida de uma experiência vivenciada no curso de especialização *lato sensu* “Fundamentos da Cultura e das Artes”, oferecido pelo Instituto de Artes da UNESP, em disciplina ministrada pela professora doutora Rejane Galvão Coutinho. Nela, a professora pediu aos alunos que se apresentassem a partir de algumas imagens de obras de arte que ela dispôs no chão da sala de aula. Imaginando que esse tipo de dinâmica poderia ser bastante apropriada para inaugurar os encontros que tratariam sobre a mediação em museus, resolvi adotá-la.

Deste modo, repliquei a dinâmica a cada início de semestre no primeiro encontro com as turmas, solicitando que os mesmos se apresentassem de forma breve com alguns dados principais como nome, formação, expectativas em relação aos componentes curriculares, sempre a partir de uma imagem escolhida. Mesmo deixando de forma livre, na maior parte das vezes a escolha da imagem era explicitada e justificada, trazendo dessa forma diferentes modos de ver e ler as imagens. Tudo isso se mostrava bastante potente para um início de conversa sobre o processo de Mediação e uma de suas estratégias, a leitura de imagens. Também adotando essa dinâmica pude sempre ter uma ideia mais clara da turma que acabava de ingressar no segundo módulo do curso. De modo geral, posso dizer que a maior parte dos alunos de todas as turmas eram alunos já graduados, principalmente em cursos da área de

Humanas e uns poucos apenas eram de nível de ensino médio, ou mesmo mais jovens.

Para exercitar a prática da leitura de imagem em sala de aula, expandi o exercício e solicitei aos alunos que, a partir das imagens - as mesmas utilizadas na dinâmica anterior, distribuídas de forma aleatória entre eles - fizessem um texto onde, primeiramente, descreveriam de forma objetiva essas imagens, aquilo que estavam vendo e, depois, na outra parte, eles poderiam interpretá-las. Propus esta atividade por acreditar que, muitas vezes, os dois tipos de análise se interpenetram, confundindo dados objetivos com aqueles advindos de nossa particular subjetividade.

A descrição e a interpretação são duas das etapas utilizadas na leitura de imagens de Edmund Feldman<sup>35</sup>, outra referência utilizada nos museus de arte para a prática da leitura de imagens. Para este autor, existem quatro aspectos para proceder a uma análise completa de uma imagem/obra: Descrição, que é a observação atenta dos elementos e prevê tudo aquilo que se observa no objeto, sem julgamentos ou interpretações; Análise, que procura discriminar as relações entre os elementos formais da imagem e como se influenciam; Interpretação, onde se decide a significação da imagem, organizando as observações de modo significativo conectando as ideias e sensações experimentados diante da imagem; e o Julgamento, que é decidir a respeito da qualidade da imagem. Este é um estágio que necessita de fundamento crítico baseado, segundo Feldman, numa das três grandes filosofias da arte: formalista, expressivista e instrumentalista, cada uma delas salientando a excelência de um dos aspectos da imagem.

Esta atividade também se mostrou como uma possibilidade diagnóstica da turma, na percepção do quanto cada um dos alunos se entregava ou mesmo se permitia envolver com o universo das imagens. Os textos produzidos eram reveladores, porém, pela duração do curso, não houve oportunidade para construir ou desenvolver particularmente cada aluno no sentido do aprofundamento dessa relação.

---

<sup>35</sup> Um texto bem esclarecedor desses estágios de Feldman: PILLAR, A. D. **A leitura da imagem**, publicado originalmente em Pesquisa em Artes Plásticas. Porto Alegre: UFRGS/ANPAP, 1993. p. 77-86.

Para proceder a leitura de objetos, adotei como referência um “Exercício com Objeto” proposto numa das disciplinas do curso do MAC<sup>36</sup>. Para esta atividade levei para a sala alguns objetos comuns solicitando que os alunos se debruçassem na análise detalhada dos mesmos. Nessa proposta os alunos trabalham em grupos, cada um deles sendo responsável por um dos objetos em análise. O exercício prevê respostas coletivas e pessoais para observação de aspectos relativos ao objeto no tocante à sua definição, características físicas, função, forma, valor financeiro, estético, cultural e afetivo, bem como às ideias que eles suscitam. Na parte final do exercício os alunos devem pensar em qual tipo de exposição o objeto poderia participar, escolhendo uma das possibilidades imaginadas para desenvolver as seguintes questões: um conceito central para a exposição; uma relação de outros objetos participantes da mesma e fazer um planejamento espacial desta exposição. Os alunos responderam positivamente a estes exercícios, alguns comentando que até então não tinham imaginado quantas questões e observações podem ser feitas até mesmo a partir dos objetos mais comuns. Além disso, os alunos acrescentaram o quanto essa observação transformou o modo de enxergar não só aqueles objetos, mas percebendo de modo evidenciado que esse olhar mais aprofundado pode e deve ser empregado de modo mais constante, num processo de transformação do “ver” a partir de um olhar mais ativo e consciente sobre o nosso entorno.

Uma das experiências mais felizes com este exercício aconteceu na T4. Isso porque consegui realizar a atividade a partir dos objetos do acervo do Espaço Memória do Carandiru, dentro do laboratório do curso. Os alunos tiveram então oportunidade de analisar os objetos da coleção aplicando, também, seus conhecimentos da disciplina de conservação no manuseio cuidadoso das peças. Como essa turma apresentava um bom relacionamento interpessoal, coloquei como desafio final a criação coletiva de uma única exposição que acolhesse todos os objetos analisados. O envolvimento da sala foi total, com participação de todos os alunos que se exercitaram na produção de uma exposição bem planejada com os objetos do conjunto dos grupos.

---

<sup>36</sup> Curso de Especialização: Monitoria em Artes, MAC/USP, disciplina Teoria e Prática em Museus ministrado pela professora Christina Rizzi, no MAE/USP, no ano de 2002.



Fig. 7 - Exercício leitura de objetos com peças do acervo do EMC no laboratório da ETEC,  
20/março/2015.

Fonte: arquivo particular.



Fig. 8 - Exercício leitura de objetos com peças do acervo do EMC no laboratório da ETEC,  
20/março/2015.

Fonte: arquivo particular.

Outra atividade prática de leitura utilizada como estratégia de mediação cultural aconteceu com algumas turmas a partir de um grafite do artista Apolo Torres (Fig. 9), pintado num muro localizado na lateral do prédio da ETEC/Parque da Juventude, no espaço interno da escola. Desloquei-me com algumas turmas para fazer a leitura deste trabalho e essa foi outra atividade

muito bem recebida pelos alunos e que também considerei positiva pela possibilidade maior de exploração da mediação no encontro dos alunos com a obra. Novamente me senti bastante estimulada com o depoimento de alguns alunos no sentido de ter modificado sua relação com aquele trabalho que, avistado de forma displicente, diariamente na chegada à escola, agora se mostrava transformada, marcada indelevelmente pelo contato mediado e ativador de significâncias e sentidos na percepção atenta desse entorno.



Fig.9 - Parque da Juventude II - 6 x 32 m (aprox. 19.6 x 105 ft). Parque da Juventude – Antigo presídio do Carandiru; São Paulo – Brasil, 2013.

Fonte: [http://apolotorres.com/site/wp-content/uploads/2013/02/apolo\\_torres-site\\_specific-17.jpg](http://apolotorres.com/site/wp-content/uploads/2013/02/apolo_torres-site_specific-17.jpg)

### **3.2.7. Formação de educadores: postura profissional e dicas de atendimento ao público.**

De forma geral, em todas as turmas comecei a trabalhar os assuntos referentes à formação dos educadores após as experiências de visitas educativas que os alunos eram solicitados a fazer para observação e acompanhamento do trabalho dos educadores. Ao compartilharmos essas experiências, elencávamos alguns aspectos positivos e negativos das visitas. Conforme já relatado, na maioria das vezes, os problemas ou elogios relativos aos atendimentos vivenciados tinham a ver com aspectos concernentes à

formação dos educadores. Deste modo, surgiam muitas discussões sobre os modos de tratamento do público e postura profissional dos educadores das instituições visitadas. Muitas vezes acrescentava algumas orientações sobre dicas de um bom atendimento ao público, regras institucionais, postura profissional e outros tópicos como, por exemplo, expectativas em relação ao desempenho do educador, seus direitos e responsabilidades. Em decorrência das experiências de visita dos alunos, muitos desses tópicos provocavam inúmeras discussões com posicionamentos contrários em relação a um ou outro aspecto, animando os debates em sala de aula.

Um trabalho interessante para tratar destas questões é uma outra publicação da Percebe Educa, intitulada “Guia de Boas Práticas Profissionais – Como receber os públicos nos museus e exposições”, que aborda de forma divertida alguns destes aspectos. Como tem apenas dezesseis páginas, o conteúdo pode ser ampliado com muitas outras questões igualmente pertinentes sobre o tema. Novamente, esclareço que a experiência da professora mediadora e de alunos que já trabalham junto ao público na área educativa, bem como as visitas de observação, alimentaram intensamente as discussões em sala sobre o assunto.

Outra referência que recomendei às turmas ao tratar o tema da formação dos educadores foi a tese de mestrado da professora doutora Valéria Peixoto de Alencar, “O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte”, de 2008. Nesta pesquisa a professora traçou um perfil detalhado dos educadores atuantes na cidade de São Paulo naquele período, revelando muitas questões sobre os diferentes processos de formação e seus conteúdos oferecidos pelas instituições sobre profissionalização e o processo da mediação, entre outras.

Um relato de educador intitulado “Algumas palavras de um ex-monitor”, escrito por Ricardo Coelho, é um texto muito bom para abordar a formação dos educadores que ocorre em serviço. Retrata como o comportamento e mesmo as estratégias de trabalho com o público vão se alterando a partir das experiências de atendimento.

Ainda sobre formação de educadores, outra leitura indicada foi uma experiência de formação para uma exposição ocorrida no SESC Pompéia, elaborada por integrantes do GEENF e relatado num artigo que discorre de

forma bem detalhada sobre as escolhas dos temas para compor o curso de formação e o seu desenvolvimento, as propostas de formação continuada, o espaço para troca de experiências durante o período da exposição, bem como os resultados obtidos após o final do evento.

Um trabalho que considero, também, muito importante é “Ação educativa do Museu Histórico do Instituto Butantan: reflexões sobre os últimos três anos” de Adriana Mortara Almeida e Larissa Foronda. O texto descreve de forma bem minuciosa todo o processo de organização da ação educativa do Museu Histórico do Instituto Butantan, as questões que eles enfrentaram como, por exemplo, a escolha dos temas a serem tratados nas visitas, a fundamentação do trabalho feita a partir dos conceitos de educação patrimonial - centrada no objeto -, a definição do perfil, tamanho e formação inicial e continuada da equipe de educadores, desenvolvimento de atividades integradas e roteiros de visitação tanto para públicos agendados como espontâneos. Enfim, um texto que trata de forma prática e realista os vários assuntos e desafios surgidos pertinentes ao trabalho dos educadores nos museus.

### 3.3. PARCERIAS

Desde o início do curso Técnico em Museologia, a coordenação se empenhou para estabelecer relações de parceria entre a escola e algumas instituições museológicas na intenção de viabilizar algumas atividades pedagógicas planejadas para serem desenvolvidas pelos alunos. Assim, as aproximações criadas por esse intermédio tiveram por objetivo facilitar a promoção de métodos pedagógicos mais contundentes colaborando, entre outras coisas, no sentido de

motivar e despertar o interesse dos participantes, favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação, aproximar o participante da realidade, visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem, oferecer informações e dados, permitir a fixação da aprendizagem, ilustrar noções mais abstratas e desenvolver a experimentação concreta<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup>Trecho retirado do texto **Procedimentos didáticos para professores nota 10**, material disponível em site criado para disponibilizar material didático para professores do Centro Paula Souza.

Além do mais, essas parcerias também oportunizam possibilidades de trabalho em diferentes setores para os alunos egressos do curso.

### 3.3.1. Fundação Cultural Ema Gordon Klabin

Segundo o folder institucional<sup>38</sup>, a Fundação Cultural Ema Gordon Klabin - FCEGK surge oficialmente em 1978 como uma instituição sem fins lucrativos, de utilidade pública federal, voltada à promoção e difusão de atividades artísticas e culturais, bem como à transformação da residência de Ema Klabin em museu aberto à visitação pública.

Filha de um grande empresário da indústria do papel e da celulose no Brasil, Ema Klabin assumiu as atividades empresariais após a morte do pai em 1946, década em que inicia também sua coleção de arte, grande parte dela adquirida em galerias europeias, americanas e, também, de colecionadores brasileiros. Esse extenso acervo tem sua apresentação na sede da Fundação localizada no Jardim Europa, em residência projetada nos anos de 1950 especialmente para abrigar essa coleção e aberta para visitação pública desde 2007.

Atualmente, o setor educativo conta com cinco educadores, dois funcionários e três estagiários trabalhando diretamente junto ao curador da instituição. O jovem setor desenvolve projetos específicos para visitas agendadas de grupos escolares, sendo que alunos e professores da rede pública tem entrada franqueada. A FCEGK realiza extensa programação que abrange apresentações musicais, exposições, cursos, palestras, oficinas artísticas e visitas temáticas.

Durante o período destacado nesse relato e que vai do segundo semestre de 2013 até o final de 2015, tive a oportunidade de participar de uma parceria com o educativo da FCEGK em duas ocasiões com trabalhos desenvolvidos por eles no atendimento de duas turmas do curso: T4 e T5. De início achei necessário fazer uma pesquisa sobre a tipologia específica desse museu, selecionando e indicando aos alunos um texto intitulado “Casa-museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal” que, ao

---

<sup>38</sup> Disponível em:  
[http://emaklabin.org.br/wpcontent/uploads/2016/01/FolderInstitucional\\_20\\_01\\_2016\\_web.pdf](http://emaklabin.org.br/wpcontent/uploads/2016/01/FolderInstitucional_20_01_2016_web.pdf).  
 Acesso em: 21 jun. 2016.

mesmo tempo em que aclara as definições do termo “casa-museu”, revela o quanto elas são importantes no sentido das ações museológicas a serem empreendidas nestes espaços, entre elas a ação educativa. Na primeira turma (T4) a parceria começou com algumas indicações de leitura feita pelas educadoras da FCEGK. Foram sugeridos três textos<sup>39</sup> para serem lidos antes do grupo ir para o museu. No dia combinado para a atividade, as educadoras dispuseram alguns objetos (chave, fotos, vidro com conchas, entre outros) propondo aos alunos que desenvolvessem um exercício de mediação a partir de um objeto escolhido. No final dessa atividade foi proposta uma roda de conversa para compartilhamento das impressões sobre o processo da mediação e das relações que poderiam construir entre a atividade e os textos indicados. Depois dessa atividade, ainda aconteceria mais um encontro onde as educadoras iriam mediar a coleção para os alunos, porém, essa visita não ocorreu.

No semestre seguinte, a parceria com a FCEGK continuou, mas foi estruturada de forma diferente: com outros educadores e prevendo um número maior de encontros. No auditório da escola houve uma primeira reunião entre os educadores da FCEGK e os alunos de todos os módulos do curso, momento em que a coordenadora apresentou a todos a intenção da equipe da Fundação em propor parceria em atividades distintas para cada módulo. Para minha turma a proposta foi de quatro encontros, sendo que o primeiro deles aconteceu nesse mesmo dia, logo após essa breve reunião. Desta vez, a solicitação de parceria veio definida num documento entregue pelo educativo da Fundação, de forma antecipada, com a definição das atividades para estes quatro encontros, um no museu e três na ETEC.

Segundo esse documento, como um dos objetivos desta parceria apresentava-se “situar a atividade de mediação em discussões que competem ao estudo de conteúdos da Educação, propondo atenção as suas práticas em instituições culturais, por conceitos de educação democrática”. Lembrando ainda que essas atividades não teriam, por parte da instituição, nenhum caráter avaliativo.

---

<sup>39</sup> **Delicadeza**, de Maria Rita Kehl, **Notas sobre a experiência e o Saber da Experiência**, de Jorge Larrosa e **A arte como procedimento** de Viktor Chklovski

Para a primeira reunião a proposta era a leitura compartilhada de dois textos<sup>40</sup> para que, depois, os alunos desenvolvessem uma cronologia de sua formação individual aproximando-a do conceito de educação democrática. No fechamento da atividade a turma socializou as cronologias tentando criar relações com os conteúdos dos textos. Coincidentemente, já havia trabalhado com eles questões sobre educação democrática a partir de textos e vídeo, fato felicitado por alguns alunos que puderam, novamente, formular suas ponderações sobre o assunto.

O segundo encontro tinha como proposta uma visita mediada pelos educadores da FCEGK à coleção e introdução ao conceito de “experiência”. Na visita, uma abordagem crítica do processo de mediação na instituição com foco nas diferenças entre os públicos espontâneo e agendado, além de uma explanação mais completa sobre o educativo e suas ações. Nesse dia foi sugerida a leitura dos textos de Jorge Larrosa<sup>41</sup> para complementar as discussões e auxiliar na proposta da próxima reunião, que era uma visita ao Espaço Memória do Carandiru, dessa vez feita pelos alunos para os educadores da FCEGK.

---

<sup>40</sup>RIBEIRO, Renato Janine. “Memórias de si, ou...”. In: **Revista de Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas -FVG Arquivos Pessoais** v. 11, nº 21, 1998 e HECHT e Yaacov, “Aprendizagem pluralista - O aprendizado num mundo democrático. A busca pela originalidade pessoal”. In: **Revista Urbânia, Educação**, nº 5, Editora Pressa, 2014.

<sup>41</sup>BONDÍA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” - Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada em julho de 2001, por Leituras SME.



Fig. 10 - 2º Encontro parceria com educadores FCEGK – Visita mediada na Fundação Ema Klabin, 02/setembro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

Na preparação para a visita programei algumas atividades para que a turma toda se engajasse na elaboração e realização da visita ao EMC. Inicialmente pedi que a turma se reunisse em grupos menores, sendo que cada um deles deveria elaborar um roteiro de visita. Devo informar que os alunos já haviam estudado e tido contato com o acervo, no semestre anterior, durante as aulas de Conservação de Acervos Museológicos. Desse modo, essa atividade lhes dava nova oportunidade para o compartilhamento de informações e percepções sobre a coleção.

Com os alunos presentes foram organizados três grupos que receberam orientações específicas para os roteiros imaginados. Depois, reunimos os grupos e compartilhamos essas ideias. No momento seguinte, a turma deveria discutir e eleger um dos roteiros – ou mesmo uma fusão entre eles – para desenvolverem no intervalo de uma semana realizando posteriormente a visita programada. Durante esse período recebi o planejamento do roteiro final onde inseri orientações adicionais para o trabalho escolhido. No final eles apresentaram o roteiro por escrito, bem como parte da pesquisa feita para a realização da visita. O resultado foi extremamente satisfatório como exercício prático destes componentes curriculares, bem como da aproximação e ativação do acervo do EMC, mesmo que as ideias contidas no roteiro da turma não

fossem originais e sim, baseadas na exposição em cartaz no Museu da Casa Brasileira, onde parte desse acervo estava exposto.

No terceiro encontro, após a visita feita pelos alunos ao EMC, os educadores da FCEGK fizeram uma roda para saber a opinião da turma a respeito da experiência da mediação e, também, dos encontros, solicitando aos alunos que produzissem como fechamento uma síntese estética da experiência como um todo: as leituras, a visita acompanhada e a visita feita. O formato deste trabalho foi deixado em aberto, estimulando não apenas sínteses escritas, mas compostas em diferentes linguagens. Os trabalhos deveriam ser entregues para mim ou encaminhados diretamente ao educativo da Fundação.



Fig. 11 - Atividade visita educativa dos alunos para educadores da FCEGK, Percurso no Espaço Memória do Carandiru, 16/setembro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.



Fig. 12 - Atividade visita educativa dos alunos para educadores da FCEGK, Percurso no Espaço Memória do Carandiru, 16/setembro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.



Fig. 13 - Atividade visita educativa dos alunos para educadores da FCEGK, fechamento da visita e encerramento da parceria: roda de conversa- auditório ETEC, 16/setembro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

Em relação à programação inicial das atividades, ocorreram algumas alterações. No caso da visita conduzida pelos alunos, os educadores da Fundação haviam planejado escolher algumas peças do acervo do EMC e

propor maneiras de mediá-las. Para o último encontro na escola, os educadores iriam conduzir pessoalmente a produção da síntese. Em virtude das agendas, o último encontro foi substituído pelo fechamento antecipado no dia da visita feita pelos alunos com a recomendação do trabalho a ser encaminhado posteriormente.

Numa avaliação geral, a partir da manifestação dos alunos pude considerar que essa segunda experiência de parceria funcionou bem melhor do que a primeira, tanto pela melhor recepção da turma quanto pelo melhor planejamento e condução dos educadores envolvidos nas atividades. A oportunidade da turma em planejar uma visita ao Espaço Memória do Carandiru se mostrou uma experiência bastante rica, oportunizando valiosas orientações e maior consciência em relação às práticas desenvolvidas pelos mediadores em seus cotidianos nos museus.

No cotejamento das experiências vivenciadas nos dois espaços (a FCEGK e o EMC) que subsidiaram a composição do trabalho final, os alunos trouxeram importantes reflexões sobre o quanto um espaço considerado “da elite” pode trazer aos visitantes a sensação de exclusão ou distanciamento; o quanto estes espaços podem ser testemunhos de realidades sociais tão díspares; uma aproximação maior do EMC, percebendo seu acervo como “coleções de si”, numa referência a um dos textos trabalhados; sobre o quanto o contexto de exposição de um objeto pode interferir ou mesmo determinar as histórias que são contadas ou imaginadas a partir dele. E ainda, reflexões a respeito daquilo que dá caráter a um museu... seu acervo ou suas histórias?; as questões decorrentes das categorizações ou posições sociais daqueles espaços anteriormente habitados, entre outras mais.

Em relação à prática, a atividade também se mostrou bastante fecunda com ponderações sobre a postura e flexibilidade necessárias para condução de uma visita, a necessidade dos educadores lidarem com o controle do tempo da visita, dominar o assunto e mediar as opiniões divergentes e, finalmente, salientando a importância do exercício prático para o entendimento de várias questões pertinentes aos componentes curriculares e o quanto foi estimulante e enriquecedor traçar paralelos entre os dois espaços.

No encerramento deste item, ilustrarei essa feliz experiência com mais duas imagens de trabalhos plásticos, sínteses estéticas dessa parceria que, a meu ver, são muito representativos da potência dos encontros.



**Espaço Memória Carandiru**  
 ZN  
 casa de detenção  
 a gaiola  
 a privação da liberdade  
 banho de sol no pátio  
 quase não se mexer nem respirar  
 instituição pública punitiva  
 objetos inventados  
 ambiente prisional masculino  
 a desigualdade social

**Fundação Ema Klabin**  
 ZS  
 casa - lar  
 o ninho  
 o abrigo  
 o sol no jardim  
 o conforto  
 residência privada burguesa  
 obras de arte colecionadas  
 ambiente residencial feminino  
 a desigualdade social



Fonte da imagem: site Pontoqueiros



Fonte da imagem: site Designmodessia.pt



Fig. 14 e 15 - Trabalhos de alunos do curso, turma 5.

Fonte: arquivo pessoal.

### 3.4. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ORIENTAÇÃO

Conforme já registrado, durante o período de atuação nessa escola tive oportunidade de orientar as turmas em duas diferentes propostas de trabalho de conclusão de curso – TCC, uma delas denominada “Imersão” e a outra, “Projeto Educativo para Exposição”.

A proposta da Imersão consistia numa pesquisa aprofundada sobre todos os setores de um museu que os alunos, divididos em grupos, deveriam desenvolver ao longo dos primeiros dois semestres, finalizando no último módulo com a produção de um minucioso relatório crítico sobre a instituição. Cada um dos grupos era convidado a fazer essa pesquisa em diferentes instituições museológicas, algumas delas, parceiras da escola. Para orientá-los na direção daquilo que se considerava importante pesquisar, os professores responsáveis pelos componentes curriculares dos primeiros semestres deveriam fazer uma “lista de verificações”, um *checklist* encaminhando-o posteriormente para a coordenação. Para os professores, a única exigência era a de compor essa lista a partir de perguntas, obviamente, referentes aos assuntos do seu componente curricular. Depois de aprovado, o documento era encaminhado às turmas, sendo que as dúvidas que surgissem poderiam ser sanadas a partir de conversas direto com cada professor responsável.

Deste modo, logo que fui admitida, pude elaborar o *checklist* para as pesquisas relativas aos setores de educação dos museus. Mais tarde, no primeiro semestre de 2015, quando foi retomada a proposta da Imersão para os TCCs, tive oportunidade de rever e fazer algumas alterações nesse documento, sugerindo aos alunos a inclusão de questão sobre o trabalho desenvolvido em ambientes virtuais, produzidos e mantidos pelos setores de educação. Isso porque já se torna bastante frequente a utilização dos meios e plataformas tecnológicas para as mais variadas propostas educativas.

Na segunda proposta de TCC os alunos, também divididos em grupos, deveriam criar um projeto de exposição completo para uma das instituições museológicas ou culturais da cidade de São Paulo. Da minha parte eu teria de orientá-los na elaboração de um projeto educativo para a exposição criada que contivesse a apresentação da proposta educativa e sua fundamentação, além dos outros tópicos componentes do projeto, como sua justificativa, objetivos,

público-alvo, plano de ações com todas as atividades programadas incluindo contratação e formação da equipe educativa e avaliação.

Tanto para elaborar as questões do *checklist* quanto para fazer um “esquema básico” para o Projeto Educativo, utilizei parte da bibliografia sugerida no primeiro grupo de temas. Especificamente para o projeto educativo, fiz uma pesquisa mais ampla consultando alguns profissionais de empresas que trabalham com projetos de educação para exposições e, também, disponibilizei alguns materiais, como relatórios de projetos educativos, projeto inscritos em editais e outros tipos de roteiros de projetos, todos cedidos pela palestrante Rosa Maria Gonçalves, que atendendo a um pedido meu, reservou parte de seu encontro com a última turma para falar especialmente sobre Projeto Educativo, já que foram poucos os dias que consegui para orientá-los no TCC. Das cinco turmas atendidas, duas delas trabalharam a Imersão e duas, o Projeto Educativo. Na última turma a proposta foi alterada, sendo que eles fizeram o projeto de Imersão e também tiveram que elaborar um Projeto Educativo de exposição para a instituição pesquisada.

As orientações para as turmas aconteceram de modo diverso em decorrência do tempo despendido para essa atividade dentro da grade das aulas. Na T4, por exemplo, iniciei a orientação do Projeto Educativo a partir de um pequeno texto solicitado aos alunos e produzido pelos grupos em sala de aula, onde constava o tema da exposição, algumas palavras sobre o conceito curatorial (já definido e trabalhado no semestre anterior), as primeiras ideias sobre as ações educativas pensadas para o projeto, bem como a indicação das fases em que se encontrava o trabalho em outros aspectos: comunicação, museografia, entre outros. Minha orientação foi direcionada por meio de conversas particulares, acompanhando, opinando e fazendo sugestões no desenvolvimento das ideias de cada um dos grupos.

Para finalizar este item gostaria de comentar que uma das turmas que trabalhou com a proposta do Projeto Educativo criou uma exposição com o tema dos museus comunitários. Fui pesquisar, pois, confesso que não sabia muito a respeito do assunto. Coincidemente, pouco tempo depois, em meados do semestre seguinte, foi oferecido um curso sobre Museologia Social no Centro de Pesquisa e Formação do SESC. Para entender um pouco mais sobre o tema e melhor orientá-los resolvi fazer o curso, disponibilizando a

apostila “Uma introdução à Museologia Social - ministrado por Mário Chagas” para esta e para as turmas seguintes. Para esclarecimento, a orientação do TCC poderia seguir mesmo após a turma passar para o módulo seguinte, último do curso e momento da entrega e apresentação dos trabalhos.

### 3.5. PALESTRAS

Conforme já relatado, a cada início de semestre os professores deveriam sugerir à coordenadora os nomes de profissionais que poderiam contribuir oferecendo palestras ao longo de todo o período, em todos os módulos do curso. Recordo ainda que, muitas vezes, os palestrantes desenvolviam de forma mais detalhada e aprofundada alguns assuntos, tanto pelo fato do calendário escolar não contar com tempo hábil para este desenvolvimento, quanto por trazerem assuntos que demandavam conhecimentos mais específicos, que extrapolavam o domínio dos professores. Dependendo do profissional, no final das palestras ele poderia distribuir algum material educativo de interesse para as turmas ou mesmo, sugerir bibliografias sendo que todos eles, indistintamente, disponibilizaram seus contatos pessoais para os alunos. Cada participação era certificada com uma carta de agradecimento com timbre oficial da ETEC assinada pela coordenadora do curso, professora Cecília Machado. Neste item apresentarei alguns dados sobre os profissionais convidados, os temas de suas visitas e as contribuições trazidas pelos mesmos, finalizando com uma breve avaliação dessas experiências.

No primeiro semestre de trabalho (2.º semestre de 2013), para a T1 convidamos a educadora Margarete de Oliveira, responsável pelo atendimento de grupos com deficiências, do Programa Educativo para Públicos Especiais – PEPE e Valdir Alexandre, responsável pelo agendamento de visitas educativas para grupos, ambos funcionários do Núcleo de Ação Educativa – NAE, da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Os dois profissionais eram ex-colegas de trabalho com quem tive o prazer de conviver durante alguns anos, quando trabalhava como educadora na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Em 6 de novembro de 2013, Margarete de Oliveira fez uma apresentação digital sobre o tema da acessibilidade, contando ao grupo sobre sua experiência de trabalho no PEPE. Contribuiu com vários textos sobre o assunto para serem digitalizados e disponibilizados aos alunos.

No dia 27 de novembro do mesmo ano, Valdir Alexandre conversou com a turma sobre sua trajetória profissional como ex-aluno da ETEC da primeira turma do curso Técnico em Museologia, além de discorrer de forma detalhada

sobre o sistema de agendamentos em vigor na Pinacoteca do Estado de São Paulo e na Estação Pinacoteca, bem como todos os procedimentos necessários desde o primeiro contato até a chegada dos grupos ao espaço do museu. Além disso, ele também, é encarregado de agendar outras diversas atividades promovidas pelo NAE como encontros para professores, visitas para PEPE e Programa de Inclusão Sócio Cultural - PISC, entre outras.

Apesar de saber que as instituições apresentam condições bastante diversas para o agendamento de grupos, o encontro com uma pessoa com domínio do assunto e dos programas utilizados para execução e controle deste processo se mostrou muito pertinente, já que em muitos museus o próprio educador é incumbido do agendamento de visitas.

Da mesma forma que no semestre anterior, convidei para os encontros com a T2 dois grandes profissionais da área educativa com quem eu havia tido o privilégio de trabalhar e aprender: Paulo Portella Filho, no dia 17 de março de 2014 e Amanda Tojal, dia 19 de maio de 2014.

Trabalhei como orientadora de visitas e de ateliê no MASP sob a coordenação do professor Paulo Portella Filho no período em que ele reestruturou o Serviço Educativo deste museu. No primeiro encontro na ETEC, o professor Paulo (que nos prestigiou com outro encontro no semestre seguinte), conduziu um exercício prático bastante estimulante para que os alunos refletissem sobre vários aspectos envolvidos na estruturação de um serviço educativo, bem como nas ações pertinentes ao cotidiano dessa área.

No segundo encontro ocorrido no dia 13 de outubro de 2014, além de outra proposta prática reflexiva, o professor complementou a atividade compartilhando informações a respeito da história do MASP com riqueza de detalhes históricos. Falou do “Club Infantil” de Suzana Rodrigues (inaugurado em 1948), bem como do projeto do setor educativo do MASP em 1997 até as conquistas de 2007, que culminaram na contratação de uma equipe fixa para trabalhar no museu; descreveu as ações do setor com os programas de atendimento ao professor, de formação continuada da equipe, dos cursos de história da arte para professores e dos atendimentos noturnos. Para finalizar, também nos brindou com dados do período em que coordenou o setor

educativo da PESP, na época sob direção da professora Aracy Amaral. Nesse dia, o professor fez o sorteio de vários materiais educativos aos alunos que participavam do encontro, disponibilizando os arquivos com vários relatórios de atividades do educativo. Infelizmente, logo em seguida ele deixou a coordenação do educativo do MASP, de modo que essa foi sua última participação pública como coordenador do educativo deste museu. Atualmente, o serviço educativo do MASP foi totalmente reformulado e está com outra equipe e sob nova coordenação.



Fig. 16 - Segundo encontro com Paulo Portella Filho – atividade com as turmas, 13/outubro/2014.  
Fonte: arquivo pessoal.

A professora Amanda Tojal também é uma profissional referência nacional na área da Educação em Museus envolvendo questões de acessibilidade. Em 2002, tive oportunidade de fazer um curso de especialização no MAC onde ela e sua antiga assistente, Margarete Oliveira, ministram uma das disciplinas. Logo depois pude conviver de maneira mais próxima, quando – a convite do diretor Marcelo Araujo – ela assume o setor responsável pelo atendimento dos públicos especiais na Pinacoteca do Estado de São Paulo, o PEPE.

Atualmente fora da Pinacoteca do Estado, a professora Amanda é responsável pela empresa Arteinclusão Consultoria em Ação Educativa e Cultural, que presta consultoria em museus e instituições culturais concebendo, implantando e avaliando projetos de acessibilidade e ação educativa inclusiva, bem como todos os materiais envolvidos nessas ações: textos, materiais de apoio sensoriais, entre outros. Como contribuição ao curso técnico, a professora Amanda encaminhou o arquivo de sua apresentação.



Fig. 17 - Encontro com Amanda Tojal, 19/maio/2014.

Fonte: arquivo pessoal.

No segundo semestre de 2014, no dia 29 de setembro, o professor da rede pública estadual Alexandre Juliete Rosa conversou com os alunos da T3 para contribuir com os TCCs, cujo tema era o Carandiru. Formado em Ciências Sociais, o professor foi colega de trabalho, educador integrante da equipe do SESC/Itaquera - projeto Amazônia Mundi no qual eu também atuava. Mestrando do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP e dissertando sobre o tema de pesquisa “Literatura & manicômio”, ele conversou com os alunos sobre o tema de sua pesquisa bem como dos estudos que fez a respeito do Carandiru. Posteriormente enviou uma bibliografia para o aprofundamento de alguns assuntos tratados, principalmente sobre o *rap* e o *hip hop* na cidade de São Paulo.



Fig. 18 - Encontro com Alexandre J. Rosa, 29/setembro/2014.

Fonte: arquivo pessoal.

Ainda nesse semestre, em 20 de outubro, pudemos ter a felicidade de receber a profissional e professora Denyse Emerich, coordenadora do Programa de Atendimento ao Público Escolar e Geral - PAPEG, da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Denyse fez uma breve palestra de sua trajetória profissional apresentando em seguida o novo organograma do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, detalhando todos os seus programas em termos de objetivos e metodologias, entre outras informações. Também propôs um exercício de curadoria e criação de exposição a partir de objetos comuns que os participantes portavam. O exercício foi acolhido com bastante entusiasmo pelas turmas dos dois módulos participantes do encontro.



Fig. 19 - Encontro com Denyse Emerich – Atividade com as turmas, 20/outubro/2014.

Fonte: arquivo pessoal.

Para as aulas da T4 no primeiro semestre de 2015, as escolhas foram direcionadas, principalmente, para alguns assuntos que eu gostaria de ver discutidos com mais profundidade durante o curso. Nesse sentido convidei quatro outros renomados profissionais, alguns deles por mim já conhecidos pelos trabalhos realizados na PESP.

Uma das escolhas foi convidar a professora Camila Serino Lia, colega integrante do grupo de estudos do qual passei a fazer parte no início do mestrado, o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação – GPIHMAE. Em conversa com a Camila soube de sua grande experiência em projetos de educação e formação, bem como na coordenação dos projetos educativos junto ao Museu da Cidade de São Paulo, além de participante da equipe do Arteseducação Produções - AEP<sup>42</sup>, um coletivo de artistas, educadores e produtores que pesquisam e desenvolvem projetos artísticos e de mediação cultural.

O fato do Museu da Cidade de São Paulo ser uma instituição composta por uma rede de casas históricas com um acervo bastante diversificado, de ter educadores que trabalham em sistema de rodízio, bem como toda a experiência dessa profissional com trabalho de formação de mediadores foram os motivos que me despertaram o interesse de levar sua palestra aos alunos, no sentido de oferecer uma visão mais abrangente do trabalho do educador. Como seria o preparo, a formação desse profissional? Isso era um assunto importante. A conversa aconteceu em 30 de março de 2015, porém, nesse dia avalio que houve pouca participação dos alunos, tanto na presença em sala de aula quanto na interação com educadora.

No dia 2 de junho 2015 tivemos a grande chance de receber em nossa escola a professora e pesquisadora Adriana Mortara Almeida, atual diretora do Museu Histórico do Butantan. O interesse em convidá-la surgiu a partir da leitura de seus importantes estudos e pesquisas sobre receptores/visitantes, acreditando que esses temas seriam bastante esclarecedores no sentido das escolhas e redefinições das ações educativas oferecidas nos museus. Quando trabalhava na PESP tive a oportunidade de presenciar sua atuação numa extensa e detalhada pesquisa de público, cujos resultados foram responsáveis pelos novos rumos trilhados pelo setor educativo.

---

<sup>42</sup> Para conhecer o trabalho deles, acessar <http://www.arteducacaoproducoes.com.br/>.

Na ocasião da palestra ela compartilhou sua vasta bagagem de experiências contando sua trajetória profissional em detalhes desde o seu início e as situações enfrentadas no desenvolvimento dos trabalhos educativos na Fundação Instituto Butantan. Apesar do tema das pesquisas de público não ter sido abordado (na verdade, eu nem cheguei a manifestar esse interesse para a professora!), o encontro foi bastante proveitoso na revelação de muitas questões envolvidas no desenvolvimento da área educativa dos museus. A professora Mortara contribuiu com alguns textos e publicações a serem compartilhados com os alunos: o “Código de Ética do ICOM para Museus: versão lusófona”, de 2010; além de quatro artigos de sua autoria<sup>43</sup>, onde num deles discute os processos de comunicação estabelecidos a partir da exposição museológica e da ação educativa em museus. Os outros tratam dos museus universitários e seus públicos, no Brasil e internacionais.

Para falar sobre o tema dos jogos e propostas de atividades lúdicas elaboradas para exposições, convidei o educador Auber Betinelli que, junto com a educadora Thelma Loebel, realizaram o encontro. Ambos são integrantes do “Zebra 5”<sup>44</sup>, um coletivo de educadores que trabalha em instituições culturais na articulação entre jogo, arte e educação, atuando tanto na formação de educadores e equipes quanto na elaboração de propostas e materiais gráficos de caráter lúdico e artístico para exposições. O encontro com a turma aconteceu no dia 15 de junho de 2015 e foi desenvolvido a partir de uma proposta de dinâmica aplicada em sala de aula. Lamentavelmente, não pude estar presente neste dia.

No último semestre, por motivos burocráticos relativos a contrato de trabalho, uma decisão conjunta com a coordenadora do curso estabeleceu que as aulas dos componentes curriculares “Mediação em Museus” e “Laboratório de Práticas de Mediação em Museus” seriam pautadas em palestras com educadores/profissionais externos. Deste modo, os assuntos que pretendia trabalhar deveriam ser encaixados em temas específicos a serem solicitados

<sup>43</sup> **Sociedades de multimídia: dimensões comunicacionais da cultura museológica**, publicado em Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 7:99-107, 1997; **University art museums in Brazil: in search of new and old audiences**, no livro Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 2002, pgs. 109 a 118(em inglês); **Os públicos de museu universitários**, publicado na Rev. Do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 12:205-217, 2002 e **Université at musées au Brésil: une histoire à rebondissements**, disponível no Museum international (Paris, UNESCO), n.º206 (vol.52, n.º2, 2000); pgs. 28 a 32 (em francês).

<sup>44</sup> Para conhecer mais, acessar <http://www.zebra5.com.br/>.

aos palestrantes. Essa resolução resultou num semestre no qual tivemos sete encontros com a participação de nove profissionais, cada um deles desenvolvendo um tema de interesse para o curso.

O semestre iniciou com a palestra do dia 24 de agosto de 2015 com o educador Sidiney Peterson Lima, outro colega integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas, GPIHMAE. Como tema do encontro solicitei a ele que conversasse com a turma a respeito de suas experiências com formação de equipes de mediação e como educador, supervisor e coordenador em exposições.

Com o título “A formação e a atuação do mediador cultural: experiências,” sua palestra descreveu com detalhes sua trajetória profissional e as mais marcantes experiências de formação e mediação cultural em diferentes instituições. Os alunos se mostraram bastante interessados, já que haviam visitado a exposição Arnaldo Antunes acompanhados por um educador sob sua supervisão, cujo desempenho foi elogiado pelos alunos que o avaliaram satisfatoriamente. Na ocasião dessa visita, Sidiney também providenciou lanches, bem como catálogos, folderes e pôsteres da exposição para todos os alunos do nosso grupo.



Fig. 20 - Encontro com Sidiney Peterson Lima, 24/agosto/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

Em 31 agosto de 2015 o encontro foi com a artista educadora Marcela Tiboni, responsável pela empresa AContemporânea Cultural<sup>45</sup> que, segundo informações da página em rede social, é formada por artistas, educadores e produtores culturais que trabalham com projetos de mediação cultural em exposições, concepção de materiais educativos, elaboração de cursos de formação, formação continuada, oficinas e curadorias educativas.

Tive contato com a Marcela Tiboni durante o curso de formação da equipe de educadores no projeto Amazônia Mundi, do SESC Itaquera. Ela coordena vários projetos educativos de exposições em várias unidades dessa instituição trabalhando, também, com educadores-estagiários do CIEE, fato que interessou alguns alunos do curso, já que a maioria das instituições localizadas na cidade de São Paulo contratam somente mediadores graduados. Falou sobre seu trabalho artístico, sua atuação empresarial no SESC, sobre seu empenho no sentido de despertar nos educadores um processo de mediação que seja provocativo, instigante, e finalizou mostrando alguns dos materiais educativos produzidos para exposições de arte. Ela se mostrou bastante acessível disponibilizando seu contato para os alunos que quisessem encaminhar currículos de trabalho.



Fig. 21 - Encontro com Marcela Tiboni, 31/agosto/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

<sup>45</sup> Para conhecer mais, acessar <https://www.facebook.com/AContemporaneaCultural>.

No dia 14 setembro de 2015 foi a vez do nosso encontro com a educadora – e grande amiga! - Rosa Maria Gonçalves, arte-educadora e museóloga, especialista em arte-educação e mestre em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO. Além de sua grande experiência como educadora, ela coordenou por muitos anos os projetos socioeducativos para a Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM.

Para essa profissional, além de compartilhar sua trajetória e experiências, solicitei que parte de sua fala fosse voltada para as questões que deveriam ser pensadas e providenciadas no desenvolvimento de um projeto educativo, esquematizando com a turma um roteiro simplificado para ajudá-los nos projetos de TCC. A recepção desse encontro foi extremamente satisfatória, com grande interação entre os alunos e a palestrante.



Fig. 22 - Encontro com Rosa Maria Gonçalves, 14/setembro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

O encontro do dia 28 de setembro surgiu a partir do questionamento de uma aluna das primeiras turmas que observou o fato de haver poucas referências sobre o processo de mediação em espaços não artísticos. Como minha formação e prática profissional se desenvolveu sempre em museus de arte, reconheci que estava sendo tendenciosa nas minhas escolhas. A partir daí, passei a buscar mais dados sobre mediação em outros espaços, institucionais ou não.

Uma das ideias que me ocorreu foi ocupar um dos dias de palestra para promover um encontro-debate entre educadores de museus de tipologias diferentes. A ideia inicial era reunir mediadores das áreas de Artes, Ciências, História e Arqueologia para que os alunos percebessem como a mediação acontece nesses espaços e como este processo pode ser fundamentado e conduzido de modos diferentes, entre outros aspectos, na relação com os visitantes. Além disso, conhecer também quais as estratégias utilizadas por educadores/mediadores em museus de diferentes tipologias.

Como minha experiência prática se limita a museus de arte e o tempo das aulas não se mostrava suficiente para conduzir uma proposta de pesquisa sobre o assunto, resolvi apostar nesse encontro como um modo estratégico de abordar essas diferenças. Porém, apesar de meus esforços, em virtude de problemas com o calendário, não consegui a vinda do mediador em museu de arqueologia. Nessa data os educadores do Museu de Arte e Etnologia – MAE/USP estavam comprometidos com um congresso da área e, como não era possível remarcar com os outros educadores, mantive a data já agendada.

Outra medida que adotei foi solicitar aos alunos que, divididos em grupos, fizessem uma pesquisa sobre os educativos dos museus que participariam do encontro e formulassem questões para cada um dos educadores. Isso porque percebi que muitos dos encontros com os profissionais não estavam acontecendo com a interação desejada, pois na hora os alunos pareciam não se sentir encorajados a fazer perguntas. Dessa forma, entendi que eles deveriam ser orientados no sentido de melhor se prepararem para que o encontro com o profissional pudesse ser potencializado a partir dos questionamentos.

O evento “Encontro de Educadores” foi bem recebido pelos colegas profissionais dos museus, que não se recusaram a participar. Como o tema a ser debatido seria mesmo a prática da mediação nos museus de diferentes tipologias, aproveitei para pedir que cada um deles encaminhasse de forma antecipada um texto que considerassem referencial para o assunto. Deste modo os alunos teriam um material a mais para se aprofundar e formular questões, aproveitando o momento do encontro para interpelar os educadores naquilo que eles considerassem importante conhecer.

As instituições participantes, educadores e textos encaminhados foram: Museu de Arte - Pinacoteca do Estado de São Paulo, educadora Vera Farinha, texto: MORAES, Diogo de. A mediação como compartilhamento; Museu de Ciências – Museu Biológico do Instituto Butantan, educador Fábio Victor de Oliveira Baptista, texto: MARANDINO, Martha. Museus de Ciência, Coleções e Educação: relações necessárias; e Museu de História – Memorial da Resistência, educadora Alessandra Santiago, texto: RUBIALES, Ricardo. Habilidades del mediador.

No dia do encontro os alunos entregaram uma cópia das perguntas elaboradas e combinamos que após seguirmos o roteiro das perguntas, caso ainda sobrasse tempo, eventuais novas questões poderiam ser feitas. Esse procedimento garantiu uma dinâmica diferenciada já que, em virtude das pesquisas e leituras, os alunos estavam com um domínio maior do assunto para formular questões pertinentes ao tema. Creio que essa ideia pode ser retomada, instituindo de forma regular esse debate, pois se mostrou como um momento de grande troca entre os alunos e os profissionais da área educativa de museus.



Fig. 23 - Encontro com educadores, 28/setembro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

Em 5 de outubro de 2015 recebemos para o encontro a educadora, museóloga e gestora Telma Moskën, outra grande amiga e profissional que conversou com os alunos sobre vários assuntos. Um deles foi relacionado à parte administrativa do Núcleo de Ação Educativa da PESP. Na verdade um núcleo grandioso com várias vertentes de atuação deve ser bem gerido sob risco de sucumbir às inúmeras demandas de recursos, materiais e humanos. Telma trouxe para que os alunos observassem o Contrato de Gestão (e respectivos aditamentos) entre a Secretaria de Cultura e a Associação Pinacoteca Arte e Cultura, uma Organização Social responsável pela gestão da Pinacoteca do Estado de São Paulo, da Estação Pinacoteca e do Memorial da Resistência. Nestes documentos consta o detalhamento dos objetivos de cada um dos setores dos museus, bem como as estratégias de ação previstas, número e perfil dos funcionários envolvidos nos programas e públicos-alvo.

A partir de uma solicitação minha ela comentou e também disponibilizou para consulta dos alunos vários instrumentos avaliativos das diversas ações educativas empreendidas pelo NAE, cada um deles com uma formatação e diagramação diferenciadas, até mesmo com diferentes possibilidades de tempo para resposta. Alguns deles, por exemplo, eram respondidos somente com picotes em determinadas palavras ou símbolos. Essa diversidade de instrumentos amplia as oportunidades de pesquisa e avaliação das atividades deixando bem claro o quanto isso se mostra necessário nas continuidades ou redirecionamentos das ações educativas. Foi um encontro bastante produtivo na apresentação da faceta mais administrativa, essencial para o desenvolvimento de toda a área educativa.



Fig. 24 - Encontro com Telma Mosken, 5/outubro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

Em 21 outubro tivemos a palestra de Anny Christina Lima, educadora experiente e ex-coordenadora do setor educativo do museu Lasar Segall. Atualmente ela gerencia a empresa Verde Oliva Projetos Culturais – Educação em Museus e Gestão de Projetos, prestando assessoria e elaborando projetos e materiais educativos de forma independente ou em parcerias com diferentes instituições culturais. Atualmente, o mercado dos projetos culturais muitas vezes é ocupado por empresas de arte/educação que podem assumir o projeto na sua totalidade ou apenas parte dele como, por exemplo, formação de equipe, elaboração/criação de materiais educativos para uma exposição específica, entre outras atividades.

Diferente da empresa de Marcela Tiboni, ela comentou que sua empresa, formada apenas por ela é bastante recente e se coloca no mercado ainda de forma muito particular, por meio dos projetos que ela própria assume. Aproveitou o encontro para falar sobre sua trajetória profissional bem como de um particular momento de vida voltado para uma postura mais reflexiva diante das coisas. Nesse dia vieram poucos alunos não havendo, também, muita interação.



Fig. 25 - Encontro com Anny Christina Lima, 21/outubro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

O convite para o próximo e último encontro surgiu da necessidade fundamental de abordar o tema da acessibilidade e a escolha recaiu, novamente, para uma profissional com destaque nessa área: Viviane Panelli Sarraf. Tive oportunidade de trabalhar com ela na PESP e, também, de tê-la como formadora e responsável pelo projeto de acessibilidade da exposição Amazônia Mundi, no SESC Itaquera. Para o encontro, mais uma vez utilizei como estratégia solicitar aos alunos a elaboração de perguntas para a professora doutora Viviane Sarraf, especialista em acessibilidade. Este encontro aconteceu no dia 9 de novembro de 2015 e a professora discorreu de forma bastante aprofundada sobre o tema, disponibilizando o arquivo de sua apresentação para os alunos.

Viviane Sarraf gerencia uma empresa especializada em soluções de acessibilidade física, comunicacional, informacional e atitudinal, a Museus Acessíveis<sup>46</sup> sendo, também, responsável pelo gerenciamento da RINAM - Rede de Informação de Acessibilidades em Museus,<sup>47</sup> criada em 2007 com a finalidade de oferecer informações sobre acessibilidade em espaços culturais para pessoas da área cultural, com ou sem deficiência. Recentemente ela lançou um livro que é o resultado de sua tese de doutorado, intitulado

<sup>46</sup> Para conhecer mais, acessar <http://www.museusacessiveis.com.br/>.

<sup>47</sup> Para conhecer mais, acessar <https://acessibilidadcultural.wordpress.com/2011/09/06/rinam-%E2%80%93-rede-de-informacao-de-acessibilidades-em-museus/>.

“Acessibilidade em espaços culturais: mediação e comunicação sensorial”<sup>48</sup>, já incorporado como uma valiosa bibliografia sobre o tema.



Fig. 26 - Encontro com Viviane Panelli Sarraf, 09/novembro/2015.

Fonte: arquivo pessoal.

Finalizando esse tópico, avalio que os encontros com profissionais atuantes nas instituições culturais e museológicas são momentos fundamentais para o período de formação dos alunos deste curso. Das experiências que tive posso afirmar que a sistematização de um processo de pesquisa e elaboração de questões para interpelação dos palestrantes se mostrou bastante eficaz no sentido de criar situações mais dinâmicas onde a ocorrência das interações foram mais consistentes e oportunas.

---

<sup>48</sup> SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade em espaços culturais:** mediação e comunicação sensorial. São Paulo: EDUC : FAPESP, 2015.

#### 4. EPILOGOS (...)

##### 4.1. CONVERSAS FINAIS

Para concluir esse trabalho, coloco meus pensamentos em retrospectiva dos últimos anos, lembrando que cheguei às portas do mestrado com a firme ideia de me dedicar à pesquisa de investigação do trabalho do educador/mediador em museus e tendo como objetivo principal o embasamento teórico de sua prática. Após o primeiro encontro com minha orientadora, a Prof. Dra. Rejane Galvão Coutinho, com sua experiência me fez perceber que, de fato, o que nos estimula à pesquisa na verdade são questões bem particulares que nos incomodam e as quais gostaríamos de ver respondidas. Em suma, pesquisar e fundamentar as atividades do educador/mediador era, sem dúvida, algo que ainda ‘incomodava’ a mim mesma, como profissional.

A partir dessa simples revelação – para mim uma verdadeira “epifania”-, aproveitei a situação profissional em que me encontrava para tentar responder as questões que me afligiam, creio que desde os primeiros dias em que comecei meu trabalho com educação em museus. Passei a entender que me ressentia pelo fato de, muitas vezes, ter uma rotina de trabalho muito ocupada com inúmeros atendimentos e com pouco tempo dedicado à reflexão. Nem sempre encontrava oportunidades para verdadeiramente me aprofundar nas questões mais conceituais surgidas a partir das próprias questões práticas. Percebi que quase sempre, as demandas cotidianas é que impulsionavam a elaboração/criação de estratégias pedagógicas, muitas vezes escolhidas de modo intuitivo sem a necessária reflexão ou mesmo posterior avaliação. Os momentos de reflexão eram quase sempre isolados, pois nem sempre havia a possibilidade de dispor de horários coletivos para debater ou discutir com os colegas para aprofundar algumas questões. Também, uma vida pessoal muito atribulada com inúmeras responsabilidades familiares não me permitia uma maior dedicação extraordinária, além daquela destinada às pesquisas de conteúdos, já realizadas, costumeiramente, fora do horário de trabalho.

O mestrado, então, se mostrou como mais uma oportunidade de aproveitar minha prática como educadora/mediadora, ao mesmo tempo em que ministrava aulas sobre o assunto Mediação em Museus num curso técnico do

sistema formal de educação. Assim, logo meus esforços estavam voltados para estudar a formação do educador/mediador no âmbito deste curso técnico, o que me permitiu avançar nas pesquisas necessárias para a construção de um plano de aulas para os dois componentes curriculares, teórico e prático.

Na verdade, todo esse processo foi um desafio bastante estimulante, pois, o pouco tempo decorrido entre me candidatar e assumir as aulas fez com que eu estruturasse um plano de aulas “relâmpago” que foi sendo burilado, nas turmas seguintes, muito a partir do que eu recebia como devolutiva dos próprios alunos.

Claro que eu já tinha uma base sobre a qual eu agregaria novos e diferentes conteúdos, pois, conforme relatei, já havia trabalhado com formação de educadores no contexto não-formal. Mas tive a oportunidade de fazer uma seleção mais cuidadosa, revendo e relendo muitas das minhas referências de trabalho como educadora mediadora que me servem desde o final dos anos de 1990 até os dias atuais, já que continuo atuando como mediadora autônoma em atendimentos a um público diversificado. Desta forma, o encerramento deste trabalho, torna-se um momento, para mim, revestido de grande importância pelo fato de representar o fechamento de um ciclo de trabalho todo dedicado à tentativa de estabelecer uma “prática-reflexiva”, cuja resultante se mostra numa prática fundamentada e mais consistente.

A experiência com as turmas foi importante para me mostrar caminhos novos e mais dinâmicos para auxiliar o processo de formação de novos profissionais da mediação.

Quais tipos de conteúdos deveriam estar presentes nesta formação? De que modo estes conteúdos poderiam ser trabalhados? Seriam conteúdos fixos? Serviriam para os profissionais de qualquer museu/instituição cultural?

A estas perguntas iniciais que me fazia sempre que me colocava diante de desafios de formação de colegas mediadores, juntei os questionamentos revelados pelas expectativas que as turmas traziam em relação aos conteúdos das aulas.

De antemão afirmo que essas expectativas, em todo início do semestre, se mostravam bastante variadas. Alguns pensavam no aprendizado específico para poder trabalhar, aprimorar ou atualizar seus conhecimentos a respeito dessa área, enquanto que outros até se mostravam frustrados por descobrirem

que o curso Técnico em Museologia não era sobre história da arte ou de patrimônio histórico-cultural.

De um modo geral, no segundo semestre, em sua maioria, os grupos tinham certa consciência da importância da matéria para o cotidiano dos museus e muitas de suas expectativas estavam relacionadas à aprendizagem das práticas utilizadas no desenvolvimento do processo da mediação como, por exemplo, saber acolher os visitantes, aprender métodos e estratégias de mediação, formas adequadas de comunicação, compreender a forma de atuação do mediador, como transmitir informações sem interferir na percepção do visitante, como auxiliar o público a fazer suas próprias descobertas. Também, a produção prática de materiais: como desenvolver roteiro de visita, materiais e textos educativos.

Em relação à área educativa, os alunos mostraram interesse em conhecer como é composto um setor educativo, suas ações principais, seu funcionamento, como se relaciona com os outros setores do museu e como trabalha o “treinamento” de pessoas. Entender como o pessoal do educativo trabalha no dia a dia “desde o escritório até lidar com o público”<sup>49</sup>, conhecer os “bastidores” da área.

Em termos teóricos, interessava aos alunos conhecer as linhas de pensamento sobre mediação predominantes nos museus; aprender e discutir sobre os contextos educativos formal e não-formal, pensando o papel do educador fora da escola; sobre o histórico da prática no Brasil; debater os conceitos e propostas dos textos; acessar uma bibliografia e um vocabulário específicos.

Muitos queriam inovar! Discutir, debater, criar e propor novas possibilidades para esse tipo de prática, transformando “as formas de educativo e monitoria nos museu” e, além disso, também se inteirar do que já existe de inovador na área. Outros, numa postura mais crítica, queriam “deixar de associar o museu e monitoria com uma coisa chata, maçante e entediosa”. Nesse sentido, queriam vivenciar situações educativas práticas onde pudessem aplicar os conhecimentos e conceitos sobre mediação, em visitas ou em exercícios na sala de aula.

---

<sup>49</sup> Todas as frases destacadas e não referenciadas presentes neste item se referem a trechos de trabalhos dos alunos da T1, coletados no segundo semestre de 2013.

Uma das maiores preocupações e expectativas em relação às disciplinas era com os públicos. Os alunos queriam aprender formas, estratégias ou mesmo técnicas para despertar o interesse das pessoas pelo museu e suas exposições, buscando “desenvolver” o olhar dos diversos tipos de público.

Como instigar, despertar interesse, provocar e gerar reflexão, fazer a pessoa pensar sob diferentes perspectivas sobre um assunto? Existe algum conhecimento teórico para fazer o público se interessar em visitar museu? Como se constitui o trabalho da mediação com pessoas deficientes? Como tratar e agir na mediação com crianças? Como se dá a relação com novos públicos? Como acolher os grupos socialmente excluídos? Como identificar e suprir necessidades dos diferentes públicos e fazer o visitante ficar com vontade de voltar ao museu? Como tornar as visitas para adultos mais dinâmicas?

Diante de tantas expectativas e das primeiras experiências de trabalho com as turmas, tentei aprofundar algumas questões e elencar várias outras, todas pertinentes ao processo de formação de mediadores. Isso tudo me obrigou a pesquisar, a estudar, a buscar...

Agora, para continuar com essas reflexões finais, “convido para o diálogo” – conforme diria a professora Luiza Christov – o mestre Paulo Freire, em palavras presentes em seu livro “Pedagogia da Autonomia”.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.[...] enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011, p. 30-31).

Pois,

[...] o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. (FREIRE, 2011, p. 90)

Lembrando ainda, que “Como professor não me é possível ajudar o educando a superar a sua ignorância se não supero permanentemente a minha”. (FREIRE, 2011, p. 93).

Essas palavras povoavam meu horizonte de pensamentos e de trabalho. Ao pensar no processo de formação, eu tinha como certo que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 2011, p.16). Com isso, buscava melhorar meu desempenho como educadora e também como formadora. E que no processo de formação, “[...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 2011, p. 25).

Tendo claro que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011, p. 47), procurei criar situações mais favoráveis para que isso ocorresse. A proposta de promover aulas-debates foi avaliada de forma positiva por muitos alunos:

“Gostei muito das aulas e, principalmente, o método que elas foram aplicadas, por forma de discussões e conversas, combinou totalmente com a matéria”

“Achei o método interessante por fazer o aluno pensar, refletir e aparentemente é bem próximo da realidade do museu. A aula parece uma mediação em si, cabe ao aluno aproveitar desse momento.”

“As aulas de mediação foram bastantes comunicativas, abordando temas sempre relacionados com o educador de museu. Algumas vezes saiam debates incríveis, outras apenas conversas mas sempre com conteúdo. Todas as aulas foram mais mediações do que as aulas comuns e isso que tornava a aula legal, essa troca entre aluno e professor e foi uma experiência legal.”

“Foi sem dúvida a aula mais proveitosa e a que acrescentou em questão de conhecimento. As aulas foram recheadas de discussões, não só sobre a matéria em si, mas sobre questões políticas e sociais acerca da matéria, que resultou em ótimos debates. Além disso, foi a única aula a mudar o método clássico de aula e adotar um estilo mediado dando liberdade aos alunos de experimentar a sensação da mediação”.

Claro que essas avaliações não foram – e nem deveriam ser - unâнимes. Deste modo, recebi até dicas para um melhor “controle da sala”:

“Eu aprendi muito, dicas, toques, detalhes para a vida prática de mediação em museus. Participei ativamente das aulas, mas senti que a aula não rende em termos de quantidade de conteúdo. Talvez uma rigidez “light”, um maior controle da

turma, um controle do tempo de aula mais didática nos moldes antigos (...)"

Havia também aqueles que acreditavam que os debates deveriam ser menos estendidos, mas, de modo geral, todos comentaram sobre a pertinência dos assuntos trazidos, o compartilhamento das experiências práticas, as indicações de textos e sobre o fato dos temas se relacionarem com as outras disciplinas.

Na avaliação das atividades os alunos valorizaram as visitas aos espaços museológicos:

"Os trabalhos propostos, bem como as visitas exteriores trouxeram ainda mais conhecimento agregando experiência e trazendo muito mais clareza nessa área".

Porém, outros comentavam sobre as dificuldades decorrentes das restrições de horários por causa do trabalho, a redução do lazer aos finais de semana ou mesmo, percebiam esses eventos como situações que "diminuíam" os dias de aulas, restringindo as oportunidades de "discutir melhor os dilemas que envolvem o setor educativo".

Algumas críticas foram bastante importantes como indicativos de providências simples que poderiam melhorar o desenvolvimento das aulas como, por exemplo, em relação à antecedência das atividades programadas tanto no agendamento das visitas, quanto na seleção das leituras para debate em sala. Outras tiveram que ser relativizadas, como a do aluno que criticou a necessidade de fazer trabalhos em grupo:

"(...) não gostei, porque não é justo, um ou dois trabalham e a maioria fica nas costas, são oportunistas. Não só nessa disciplina eu tiraria trabalhos em grupo e nunca daria isso para meus alunos. É minha única crítica a disciplina"

Na verdade, numa das turmas o relacionamento interpessoal se mostrou tão difícil que quase comprometeu a continuidade desse grupo no módulo seguinte, em virtude do alto número de desistentes.

Apesar de todos os percalços, trago outra frase de Paulo Freire que considero muito pertinente para descrever a sensação trazida no desenvolvimento da prática em sala de aula:

É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido. (FREIRE, 2011, p. 139)

Esse querer bem e a alegria podem ser “ilustrados” a partir da transcrição de alguns trechos dos depoimentos de alunos, feitos em avaliações de semestre, sobre as disciplinas:

“Com suas aulas pude perceber o quanto o educador de museus tem um papel importante na educação, formando públicos livres de preconceitos e frequentador de espaços expositivos”.

“Sinto que consegui aprender a raiz, a essência de uma visita mediada, e poderei usar isso quando for trabalhar em uma instituição”.

“Apesar de ainda não aceitar que a mediação em museus é algo relevante para quem visita museus, penso que o setor educativo é imprescindível para que o ensino aprendizagem aconteça além das salas de aula; ajudou a refletir sobre diversos temas”.

“Fazer mediação e gostar de gente são coisas muito complexas pra mim, pelo menos agora entendo esse universo da mediação”.

“Sendo sincera, antes de conhecer mediação com sua matéria achava um horror ter alguém tirando sua “liberdade” no museu e garanto que mudou muito”.

“Mesmo já sendo formado em licenciatura em artes visuais e já ter trabalhado na função do educativo em museus, procurei saber o que a professora iria trazer, com um certo olhar preconceituoso por achar que estudaria algo que já soubesse. Me enganei profundamente e estudamos textos de filósofos e estudiosos da área de educação e mediação em museus. Só tenho a agradecer pela atenção e a dedicação da professora em passar todo um conteúdo muito claro e objetivo que está me ajudando no meu trabalho de mediação cultural”.

“Aprendi muito sobre o mundo do educativo, não conhecia muito o tema, com as aulas referentes à mediação comecei a ter uma nova visão do assunto”.

“O trabalho da professora ajudou a alargar minha percepção acerca do educativo e da relação público-museu. As experiências relatadas em sala de aula foram de grande importância, pois lançaram luz sobre vários aspectos essenciais desconhecidos pela maioria da turma, que não trabalha com educativo; através do trabalho da professora

pude concluir que se realmente eu for trabalhar com museus, será como educador. Através das aulas e dos debates propostos, pude tirar duvidas e partilhar das opiniões de colegas que já estão na área da museologia, e com isso o meu interesse pela área só aumentou”.

Continuando o diálogo com o mestre Paulo Freire, sei também que:

A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo, mas também de como o aluno entende como atuo. Evidentemente, não posso levar meus dias como professor a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. [...] Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente ‘lido’, ‘interpretado’, ‘escrito’ e “reescrito” (FREIRE, 2011, p. 95).

E podem acreditar que, nessa minha “leitura” do espaço pedagógico, tive a oportunidade de ler os mais variados textos, desde os mais poéticos até aqueles do mais cruel e impactante realismo. Porém, busquei apreender e aprender (com) todos eles. Afinal:

Como ser educador, sobretudo, numa perspectiva progressista, sem aprender com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem. Desrespeitado como gente no desprezo a que é relegada a prática pedagógica, não tenho porque desamá-la e aos educandos. Não tenho por que exercê-la mal. A minha resposta à ofensa à educação é a luta política, consciente, crítica e organizada contra ofensores. Aceito até abandoná-la, cansado, à procura de melhores dias. O que não é possível é, ficando nela, aviltá-la com o desdém de mim mesmo e dos educandos. (FREIRE, 2011, p. 66).

Para finalizar, sei que ainda estou trilhando este caminho, ainda falta. Mas, sei também que é nessa “inconclusão”, na consciência dela “que se funda a educação como processo permanente”, a que gera a tal “educabilidade” que Paulo Freire nos falou (2011, p. 57). A inconclusão que nos torna consciente e nos insere numa busca permanente, que nós educadores, trabalhando *com* os alunos, “inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, ‘programados, mas para aprender’”, exercitando “tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puro objetos do processo nos façamos” (FREIRE, 2011, p. 58).

E desse modo, ao mesmo tempo em que desperto, firmo meu caminhar pelo mundo, pois “me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente”. (FREIRE, 2011, p. 92).



Fig.27 - Visita educativa com crianças 2/3 anos,  
Exposição Amazônia Mundi-SESC Itaquera, 2015.

Fonte: arquivo pessoal.

#### 4.2. “IDÉIAS EM FORMAÇÃO” OU “EU E OS PÁSSAROS”

Me envolvi com a Educação...e comecei a “ver” idéias.  
Comecei a percebê-las a partir da luz que entrava pela  
minha janela.

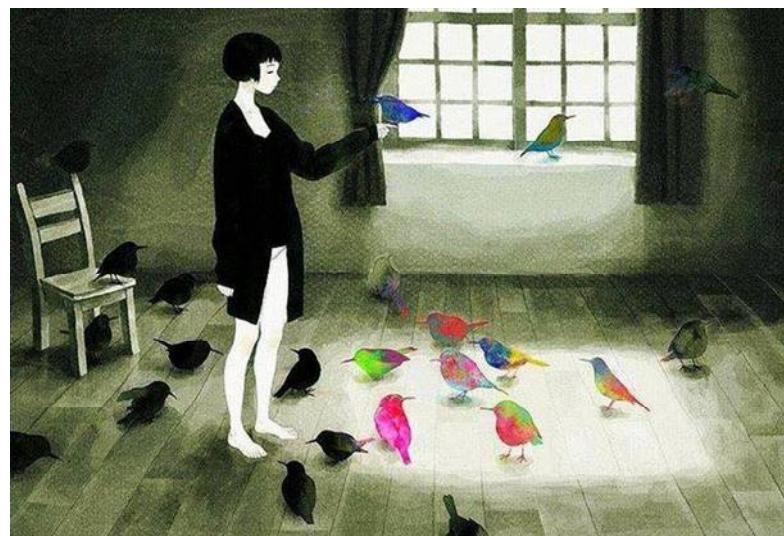


Fig. 28 - Fonte: [https://wherergs.files.wordpress.com/2014/06/tumblr\\_mdpgcloyax1qas1mto9\\_500.jpg](https://wherergs.files.wordpress.com/2014/06/tumblr_mdpgcloyax1qas1mto9_500.jpg)

Logo, elas começaram a habitar a minha “cabeça-gaiola”...  
Mas estavam presas como ela, limitadas...



Fig. 29 - Fonte: [http://3.bp.blogspot.com/-UhKHACibIhw/VloFMoFI7il/AAAAAAAAPo/wVjy22gx-4Q/s1600/passaro\\_gaiola.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-UhKHACibIhw/VloFMoFI7il/AAAAAAAAPo/wVjy22gx-4Q/s1600/passaro_gaiola.jpg)

Então, elas começaram a se expandir...para além dos limites da minha “cabeça-gaiola”!



Fig. 30 - Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/456130268483345757/>

Eu comecei a vê-las por detrás das “grades” da minha cabeça...me diverti ao observar a dinâmica de seus movimentos, a liberdade de seus volteios pelo ar!!



Fig.31-Fonte:<http://1.bp.blogspot.com/-7CcHjo4TLrY/U3FnlgJkOQI/AAAAAAAjRg/-5SxqJlpCT0/s1600/mulher+gaiola.jpg>

Com o tempo fui percebendo que eu as incorporava.  
Assimilando-as passavam a fazer parte de mim. E elas  
começavam a se desenvolver...

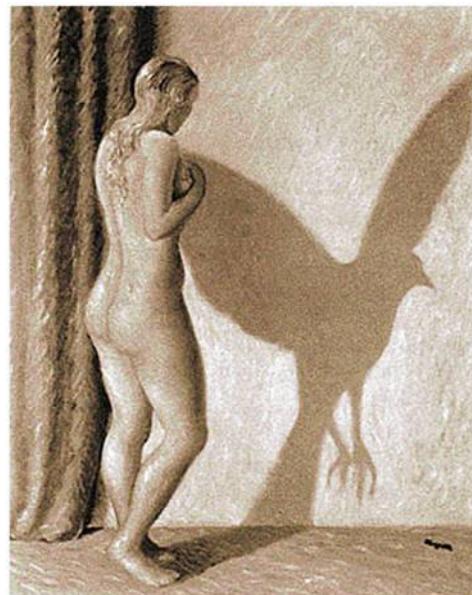


Fig. 32 - Fonte: <https://namastibet.files.wordpress.com/2010/04/avesso.jpg?w=310&h=400>

Em alguns momentos, as idéias chegavam a lugares onde eram proibidas de voar, ficando desta forma, pacificamente pousadas.



Fig.33-

Fonte:[http://www.humorbabaca.com/upload/fotos/fotos\\_5307\\_placa.jpg](http://www.humorbabaca.com/upload/fotos/fotos_5307_placa.jpg)

Logo se aborreciam e começavam a projetar novos vôos...imperceptíveis e mesmo, invisíveis para quem insistia em só vê-las paradas!!!



Fig. 34 – Fonte: Stéphane Rousseau – Disponível em <http://www.upsocl.com/comunidad/estas-45-sombras-cuentan-una-historia-muy-diferente-a-lo-que-todos-esperarian-ver/>

Então, começaram a se arriscar...  
É certo que tiveram sorte de voar, muitas vezes, em  
“céu de brigadeiro”!!!



Fig.35-

Fonte:[http://bp0.blogger.com/\\_fhUGUV9zVg0/RrPv7wAEWbI/AAAAAAA4I/xovDNq3WFiY/s400/AAAFE\\_RNAO+CAP.bmp](http://bp0.blogger.com/_fhUGUV9zVg0/RrPv7wAEWbI/AAAAAAA4I/xovDNq3WFiY/s400/AAAFE_RNAO+CAP.bmp)

E de planar tranquilamente em *dias brancos*:  
“Se você quiser e vier  
*Pro que der e vier comigo*” (como cantava Amelinha!)



Fig.36-Fonte:[http://lh5.ggpht.com/\\_wSuEQhOS3Fc/TIjm8jZlgPI/AAAAAAAACrU/X-a65JqLiA4/s1600/ai.jpg](http://lh5.ggpht.com/_wSuEQhOS3Fc/TIjm8jZlgPI/AAAAAAAACrU/X-a65JqLiA4/s1600/ai.jpg)

Mas, também, enfrentou grandes tempestades...



Fig.37-Fonte:  
[http://desviantes.blob.core.windows.net/desviantes/production/media/uploads/passaro\\_voando\\_baixo.png](http://desviantes.blob.core.windows.net/desviantes/production/media/uploads/passaro_voando_baixo.png)

Criou “pontas” para se defender...  
Sofreu e machucou. Bateu e levou!



Fig. 38 - Fonte: <https://atalmineira.files.wordpress.com/2014/11/passarinho.png>

Em alguns momentos, se agruparam em tão grande número ao redor da cabeça (agora não mais “gaiola”!!!), deixando-me confusa e impedindo uma clara visão das coisas...



Fig.39-

Fonte:[https://francinecanto.files.wordpress.com/2014/11/10544365\\_784985171552595\\_3005061755236667574\\_n1.jpg](https://francinecanto.files.wordpress.com/2014/11/10544365_784985171552595_3005061755236667574_n1.jpg)

Às vezes se “amalgamavam”, agigantando-se numa única projeção que ocupava quase totalmente o espaço onde foram geradas...  
E isso lhes dava força!!!



Fig. 40 - Fonte: [https://lh3.googleusercontent.com/Z\\_D-lwy-D2ejiw-wj\\_a6EGdl8-k7pG3bWXRkD20i2iDejOYciDH0mx5UemA1OkAcOSd9mw=s128](https://lh3.googleusercontent.com/Z_D-lwy-D2ejiw-wj_a6EGdl8-k7pG3bWXRkD20i2iDejOYciDH0mx5UemA1OkAcOSd9mw=s128)

Outras vezes, quando dava conta, já não se moviam mais... morriam. Simplesmente, morriam!



Fig. 41 - Fonte: <https://transversos.files.wordpress.com/2013/04/mulher-e-passaro.jpg>

Em alguns momentos, uma delas surgia determinada e confiante e, ao seu lado, ganhava coragem para seguir em frente...



Fig. 42 - Fonte: <http://terrorama.net/trma/wp-content/uploads/2015/03/tippi-hedren-the-birds-1.jpg>

Via-me entorpecida  
por elas...  
Mas as idéias, em  
formação constante  
(ou em constante  
formação???) são  
bastante variadas.

Tanto em seu caráter,  
quanto em sua  
ocorrência e  
intensidade. E só para  
imaginarem, durante  
esse período...



Fig. 43 - Fonte: [http://sp5.fotolog.com/photo/21/19/45/time\\_to\\_remember/13603263446501\\_f.jpg](http://sp5.fotolog.com/photo/21/19/45/time_to_remember/13603263446501_f.jpg)

...algumas me atormentaram...



Fig. 44 - Fonte: <http://apublica.org/wp-content/uploads/2013/06/Hitchcock01-os-passaros.jpeg>

...outras me chegaram feias e tristes...



Fig. 45 - Fonte: <http://folhadespaulo.tumblr.com/post/83538249642/p%C3%A1ssaro-e-mulher-procuram-comida-e-materiais>

Recordo que o caminho nem sempre foi tranqüilo. Tive desânimo e nesses momentos tentei ignorar seus apelos...



Fig.46-Fonte:<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/96/d6/15/96d6150b3a80e133a7a81fd10ddeccf7.jpg>

Mas outras  
idéias chegavam.

“Bellas e  
coloridas”  
vinham repousar  
em minha  
cabeça-ninho!!!



Fig.47-Fonte:  
[http://wl.static.fotolia.com/jpg/00/20/78/99/400\\_F\\_20789997\\_rTNf2NxlbRjunsZOvfLH4CkjAQPlInVS.jpg](http://wl.static.fotolia.com/jpg/00/20/78/99/400_F_20789997_rTNf2NxlbRjunsZOvfLH4CkjAQPlInVS.jpg)

Os momentos de maior crescimento foram aqueles em que elas se colocaram em confronto, a partir dos debates e das práticas!!!



Fig.

48

-

Fonte:

[http://4.bp.blogspot.com/-ezx\\_XGD9TE/VSWmhWPug6I/AAAAAAAAR6E/P4XPhRZbmAE/s1600/6.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-ezx_XGD9TE/VSWmhWPug6I/AAAAAAAAR6E/P4XPhRZbmAE/s1600/6.jpg)

Porém, muitas vezes, sumiam!!! E eu ficava a tecer ninhos para ver se as atraía novamente. Afinal, quando elas tornassem a surgir eu precisava acolhê-las de forma especial...



Fig. 49 - Fonte: <http://veja.abril.com.br/galeria-fotos/imagens-do-dia-01-de-junho/>

Alimentá-las e amá-las sempre, até o final dos meus dias!!



Fig. 50 - Fonte: <http://omicronfotografia.com.br/blog/wp-content/uploads/2013/10/bp30.jpg>

Tudo, para que elas não me abandonem e continuem o trabalho que iniciaram em minha cabeça. Afinal, parti para essa experiência, do ponto de uma “cabeça-gaiola” e conquistei uma “cabeça-ninho”! Sinto-me arrebatada e cada vez mais entregue em liberdade para apreciar a órbita progressivamente mais expandida desses vôos.



Fig.51-Fonte:

[http://data.whicdn.com/images/8192605/tumblr\\_liklx2wOb11qfoafwo1\\_500\\_.large.jpg?1300996773](http://data.whicdn.com/images/8192605/tumblr_liklx2wOb11qfoafwo1_500_.large.jpg?1300996773)

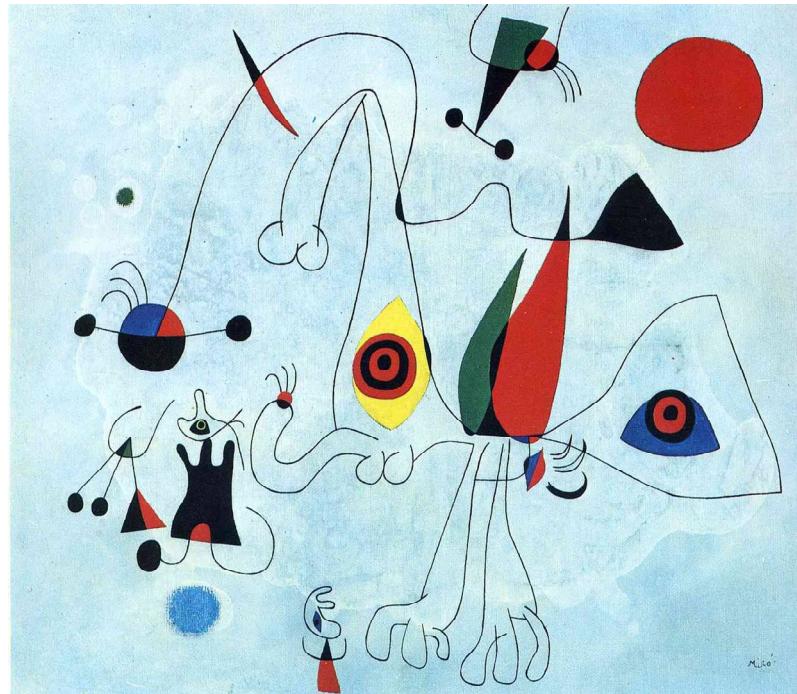
# O próximo passo?

Bem...



Fig. 52 - Fonte: <https://nina poesis.wordpress.com/2013/08/>

*Selfie: "Eu e os pássaros".*



Juan Miró, *Mulheres e passaros ao amanhecer*, 1949

Fig. 53 - Fonte: <http://pt.wahooart.com/A55A04/w.nsf/BuyPrint?Open&RA=BRUE-5ZKCVB>

*"Nunca haverá alguém que seja dono de qualquer coisa além dos seus próprios pensamentos. Através dos tempos, nunca conseguiremos conservar a posse de gente, lugares ou coisas. Podemos caminhar um pouco com eles, mas, mais cedo ou mais tarde, tomaremos, cada qual, posse apenas do que é nosso – o que aprendemos, como pensamos – e seguiremos separadamente os nossos caminhos solitários".*

Richard Bach em Fernão Capelo Gaivota

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, M.; SERRES, M. Y. P. J. Casa-museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal. In: **Contribuciones a las Ciencias Sociales**. Disponível em: <[www.eumed.net/rev/ccc30/casa-museu.html](http://www.eumed.net/rev/ccc30/casa-museu.html)>. Acesso em: 21. junho.2016.

ALENCAR, V. P. **O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte**. 2008.

ALMEIDA, A. M. de; FORONDA, L. **Ação Educativa do Museu Histórico do Instituto Butantan: reflexões sobre os últimos três anos**. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/281291451\\_ACAO\\_EDUCATIVA\\_DO\\_MUSEU\\_HISTORICO\\_DO\\_INSTITUTO\\_BUTANTAN\\_REFLEXOES\\_SOBRE\\_OS\\_ULTIMOS\\_TRES\\_ANOS](https://www.researchgate.net/publication/281291451_ACAO_EDUCATIVA_DO_MUSEU_HISTORICO_DO_INSTITUTO_BUTANTAN_REFLEXOES_SOBRE_OS_ULTIMOS_TRES_ANOS)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

ALMEIDA, A. M. de. **Avaliação de ações educativas em museus**. [S.l.:s.n.], 2007.

\_\_\_\_\_. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e arte. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.12 (suplemento), 2005. p.31-53.

AMARO, D. R.; TABOR, G. **Potencialidades do uso de recursos educativos: reflexões e práticas**. São Paulo: [s.n.], 2014. (Texto ainda não publicado).

BARBOSA, A. M. T. B. Arte/Educação Pós Colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular In: \_\_\_\_\_. **Tópicos Utópicos**. São Paulo: C/Arte Editora, 1998. p.30-51.

\_\_\_\_\_. Proposta ou Abordagem Triangular – uma breve revisão. In: BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.XXV-XXXIV. (Estudos; 126/dirigida por J. Guinsburg).

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, N. M.; OLIVEIRA, A. L. B. DE; TICLE, M. L. S. **Ação Educativa em Museus:** Caderno 4. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura e Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

Disponível em:

<[http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/4miolo\\_acao\\_educativa.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/4miolo_acao_educativa.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

BARRIGA, S. Plano de Acção Educativa: Alguns contributos para sua elaboração. In: \_\_\_\_\_; SILVA, S. G. da. (Coord.). **Serviços Educativos na Cultura.** Porto/Portugal: SETEPÈS, 2007. p. 43-56.

Disponível em: <<http://www.setepes.pt/Imgs/Coleccao%20Publicos%20-%20Servicos%20Educativos.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude:** conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BURNHAM, R.; KAI-KEE, E. A arte de ensinar no Museu. In: HELGUERA, P. (Org.). **Caderno de Mediação.** Tradução: Camila Pasquetti, Clara Meirelles, Gabriela Petit, Mônica Hoff e Natália Lucas. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. p.11-18.

CAPITAL Cultural: Pierre Bourdieu.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a3eO6-D4nHo>>.

CATÁLOGO NACIONAL DE CURSOS TÉCNICOS, 3 ed. Brasília. 2016.

Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=41271-cnct-3-edicao-pdf&category\\_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=41271-cnct-3-edicao-pdf&category_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 08 jul. 2016.

CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – CEDERJ; **A didática e a formação dos educadores em diferentes abordagens pedagógicas**, (Curso Pedagogia, aula 2, p. 17-38). Rio de Janeiro, 2014.

CHIOVATTO, M. **Ação Educativa: Mediação Cultural em Museus.** Jornadas Culturais, 2010 - Centro de memória Bunge. Palestra proferida em 18/08/2010 na Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG- Ponta Grossa/PR.

CLASSIFICAÇÃO Brasileira de Ocupações. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTitulo.jsf>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

COELHO, R. Algumas palavras de um ex-monitor. In: FUJISAWA, M. S. (Coord. Tec.). **Concepção de projetos para Montagem de Exposições de Arte-Caderno de experiências.** São Paulo: SENAC, 2007. p. 83-85.

COLL, C. Significado e Sentido na Aprendizagem Escolar: Reflexões em torno do Conceito de Aprendizagem Significativa. In: MONTOYA, A. O. D. (Org.). **Pedagogia cidadã:** cadernos de formação, psicologia da educação. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: UNESP, 2004.

COMO gerir um museu: manual prático. In: BOYLAN, P. J. (Ed. Coord.). **ICOM – Publicação Conselho Internacional de Museus.** Impressão: FRANLY S. A.. França, [s.n.], 2004. p. 129-144.

CONCEITOS-chave da Educação em Museus – Documento aberto para discussão. Disponível em: <[http://sisemsp.org.br/images/Vers%C3%A3o\\_final\\_Conceitos-chave\\_da\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_Museus\\_12-3.pdf](http://sisemsp.org.br/images/Vers%C3%A3o_final_Conceitos-chave_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_em_Museus_12-3.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2016.

COUTINHO, R. G. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: BARBOSA, A. M. T. B.; \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social.** São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 171-185.

DEMAI, F. M. O currículo escolar em educação profissional e a formação de parcerias: experiências e tendências do Centro Paula Souza. Memórias e História da Educação Profissional, 2011, p. 62-63. In: CARVALHO, M. L. (Org.). **1952 – Cultura, Saberes e Práticas:** Memórias e História da Educação Profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2011. 336 p.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Eds.) **Conceitos-chave de Museologia.** Tradução e comentários: Bruno Bralon Soares e Marília Xavier. Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. 2013. p. 53.

DEWEY e os Museus: teóricos da Educação para educadores de museu. In: *The museumologist*, 48. Tradução de parte do artigo: Peggy Ruth Cole. **Dewey and the galleries: educational theoric talk to museum educators.** [S.l.: s.n.]: p.12-14, 1985.

DEWEY, J. Tendo uma experiência . In: BOYDSTON, J. A. (Org.). **Arte como experiência/** John Dewey. Editora de texto: Harriet Furt Simon; Introdução: Abraham Kaplan; Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).

DICAS de Convivência. Instituto Mara Gabrilli. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MXIgquhB7GY>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

EDUCAÇÃO Proibida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t60Gc00Bt8>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

ESCOLA Técnica Estadual Parque da Juventude. Disponível em: <<http://www.etcparquedajuventude.com.br/Cursos/Museologia/Museologia.asp>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

FERNANDES, M. L. P. (Trad.). *Educação em Museus, Museums and Galleries Commission*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Fundação Vitae, 2001. (Série Museologia, 3).

Disponível em:  
<[http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download\\_arquivo/roteiro3.pdf](http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro3.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

FRANCOIO, Maria Angela Serri. **Museu de arte e ação educativa:** proposta de uma metodologia lúdica. São Paulo. 224p. Dissertação de mestrado. 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, V. A. Educação não-formal: um mosaico. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs.) **Palavras-chave em Educação Não-formal**. [Campinas]: Unicamp. p. 31- 52.

GRAVATÁ, A. et al. **Volta ao mundo em 13 escolas**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013. Disponível em: <[http://educacaosec21.org.br/wp-content/uploads/2013/10/131015\\_Volta\\_ao\\_mundo\\_em\\_13\\_escolas.pdf](http://educacaosec21.org.br/wp-content/uploads/2013/10/131015_Volta_ao_mundo_em_13_escolas.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

GUERRA, W. **Implementação do curso técnico em Museologia pela SEC**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira. Entrevista concedida a Silvia Lemos em 16 de maio de 2014.

GUIA de Boas Práticas Profissionais – Como receber os públicos nos museus e exposições.

Disponível em: <<http://www.percebeeduca.com.br/conteudos/visualizar/Como-receber-os-publicos-nos-museus-e-exposicoes>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

HEIN, G. E.. Learning in the museum. London: Routledge, 1998. p. 16-21. In: **Apostila Curso Ações Multiplicadoras**. [S.I.]: NAE/PESP, 2015. p.116-117.

HONORATO, C. **Status e funções da mediação educacional na arte**. Disponível em:

<[http://www.forumpermanente.org/event\\_pres/exposicoes/documenta-12-1/relato-sobre-palestra-debate-e-oficina-com-carmen-morsch](http://www.forumpermanente.org/event_pres/exposicoes/documenta-12-1/relato-sobre-palestra-debate-e-oficina-com-carmen-morsch)>. Acesso em: 25 jun. 2016.

HORTA, M. L.; Parreiras; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Rio de Janeiro: Museu Imperial/Iphan/MinC, 1999.

Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao\\_Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf)>.

Acesso em: 25 jun. 2016.

HOUSEN, A. Níveis de desenvolvimento estético.

INSTITUTO PAULO FREIRE. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

LAROSSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Tremores:** escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LODUCA, M. **Implementação dos primeiros cursos técnicos na ETEC/PJ.** São Paulo: ETEC Parque da Juventude. Entrevista concedida a Tatiana Suzuki e Agatha Ternoval em 22 de maio de 2014.

LOPES, M. M. **A favor da desescolarização dos museus.** Disponível em: <<http://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2016/04/A-favor-da-desescolariza%C3%A7%C3%A3o-dos-museus.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

MACHADO, C. L. F. **Implementação do curso técnico em Museologia na ETEC/PJ.** São Paulo: ETEC Parque da Juventude. Entrevista concedida a Tatiana Suzuki e Fernando Luccas em 19 de maio de 2014).

MACMANUS, P. **Educação em museus:** pesquisas e prática. Organizadoras: Martha Marandino e Luciana Monaco. São Paulo: FEUSP, 2013. Disponível em: <<http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2013/03/Educa%C3%A7%C3%A3o-em-Museus-versao-web.pdf.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

MARANDINO, M. (Org). **Educação em museus: a mediação em foco.** São Paulo: GEENF/FEUSP, 2008. Disponível em: <<http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>>. Acesso em 09 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Museu como lugar de cidadania.** Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012191.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Museus de Ciência, Coleções e Educação:** relações necessárias. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Marandino%202009\\_Museus%20de%20Ci%C3%A3ncias%20Cole%C3%A7%C3%A7%C3%A5o%20e%20Educa%C3%A7%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Marandino%202009_Museus%20de%20Ci%C3%A3ncias%20Cole%C3%A7%C3%A7%C3%A5o%20e%20Educa%C3%A7%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2016.

MARANDINO, M.; IANELLI, I. T. *Concepções Pedagógicas das Ações Educativas dos Museus de Ciência*. [São Paulo]: FE/USP.

MARTINS, L. C.; et al. **Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais.** São Paulo: Percebe, 2013. Disponível em: <<http://www.percebeeduca.com.br/conteudos/visualizar/Que-publico-e-esse-Formacao-de-publico-de-museus-e-centros-culturais>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

MARTINS, L. C. Como é criado o discurso pedagógico dos museus? Fatores de influência e limites para a educação museal. In: **Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**. 2014, p. 49-67.

MARTINS, M. C. (Org.). **Pensar juntos a Mediação Cultural:** [entre]laçando experiências e conceitos. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

MASSARANI, L.; MARZAGORA, M.; RODARI, P. **Diálogos & Ciência:** mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida, 2007. Disponível em: <[http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Mediacao\\_final.pdf](http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Mediacao_final.pdf)>. Acesso em: 09 jun. 2016.

MAYER, M. M. Conversas interessantes em Museus de arte. In: HELGUERA, P. (Org.). **Caderno de Mediação.** Tradução: Camila Pasquetti et al. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011 p. 18-23.

\_\_\_\_\_. Uma conversa sobre a aprendizagem centrada no objeto em Museus de Arte. In: HELGUERA, P. (Org.). **Cadernos de Mediação**. Tradução de Camila Pasquetti et al. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. p. 25-33.

MEDIAÇÃO cultural é social. In: BARBOSA, A. M. T. B.; COUTINHO, R. G. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.13-22.

MORAES, D. de. **A mediação como compartilhamento**. Disponível em: <<http://www.canalcontemporaneo.art.br/arteemcirculacao/archives/002646.html>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

NASCIMENTO, E. R. do. Os Nomes da Arte na Educação. In: BARBOSA, A. M. T. V. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001. p.41-43.

NICOLAU, E. C. Exposições de Arte e recepção educativa do público. In: FUJISAWA , M. S. (Coord. Tec.). **Concepção de projetos para Montagem de Exposições de Arte**. São Paulo: SENAC, 2007. p. 73-81. (Caderno de experiências, Apostila).

NOSSA ESCOLA. Disponível em: <<http://www.etcparquedajuventude.com.br/nossaescola.html>>. Acesso em: 19 out. 2015.

ORLOSKI, C. de S. C. Materiais gráficos e sala de aula: um diálogo possível? In: CHRISTOV, L. H. da S.; MATTOS, S. R. de (Org.). **Arte-Educação: Experiências, Questões, Possibilidades**. [S.I.]: Expressão & Arte Editora: 2011.

PACHECO, Eliezer (Org.). **Perspectivas da Educação Profissional Técnica de Nível Médio – Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais**, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação – Setec/MEC, Brasília, 2012; São Paulo: Ed.Moderna (2012).

PARSONS, M. **Compreender a arte**. Lisboa: Presença, 1992.

PASSOS, R.D.F. dos. **O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS): breve história e perspectivas.** *Dialogia*, São Paulo, v.5, p.67-71, 2006.

PAVÃO, A. C.; LEITÃO, A. Hands-on? Minds-on? Hearts-on? Social-on? Explainers-on!. In: MASSARANI, L.; MARZAGORA, M. RODARI, P. (Org.). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência.** Rio de Janeiro: Museu da Vida, 2007, p. 39-45. Disponível em: <[http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Mediacao\\_final.pdf](http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Mediacao_final.pdf)>. Acesso em: 09 jun. 2016.

PELIZZARI, A.; KRIEGL, M. L., BARON, M.P., FINCK, N.T.L., DOROCINSKI, S.I. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel** in Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. RELATÓRIOS TRIMESTRAIS. Disponível em: <<http://www.pinacoteca.org.br/pinacotecapt/Upload/file/Relat%C3%A3o%C2%B3rio%20do%201%C3%82%C2%BA%20Trimestre%20de%202016.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PINTO, J. R. **Da mediação cultural aos mecanismos de avaliação - o lugar da educação em museus de arte.**

Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/julia\\_rocha\\_pinto.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/julia_rocha_pinto.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PRO dia nascer feliz. Duração 1h28. Tambellini filmes; Fogo Azul filmes. Globo filmes. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=zKPIJG\\_rVzQ](https://www.youtube.com/watch?v=zKPIJG_rVzQ)>.

PROCEDIMENTOS didáticos para professores nota 10.

Disponível em: <<http://professoresnotadez.blogspot.com.br/2010/09/recursos-didaticos.html>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PROYETOS educativos y culturales em museos – Guía básica de planificación [do] Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Gobierno de España, Laboratorio Permanente de Público de Museos Edición, 2015. Editado pela Secretaria General Técnico – Subdirección General de Documentación y Publicaciones. Catálogo de publicaciones Del Ministerio. Disponível em: <<http://www.ibermuseus.org/wp-content/uploads/2015/09/GuiaBasica1.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

QUANDO sinto que já sei: duração: 1h18. Despertar filmes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>>.

RIBEIRO, M. DAS G.; FRUCCHI, G. Mediação – a linguagem humana dos museus. In: MASSARANI, L.; MARZAGORA, M. RODARI, P. (Org.). **Diálogos & Ciência**: mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida, 2007. p. 67-73.

Disponível em: <[http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Mediacao\\_final.pdf](http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Mediacao_final.pdf)>. Acesso em: 09 jun. 2016.

RIZZI, C. **Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte *Image Watching***.

Disponível em:  
<<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69322>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

ROSSI, M. H. W. A compreensão do desenvolvimento estético. In: PILLAR, A. D. (Org.). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. [S.I.]: Editora mediação. p. 25-35. (Caderno de Autorias. Vários autores).

\_\_\_\_\_. A compreensão das imagens da arte. In: PILLAR, A. D. (Org.). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. [S.I.]: Editora mediação. (Caderno de Autorias. Vários autores).

RUBIALES, Ricardo. Habilidades del mediador. In: \_\_\_\_\_. **Educación, aprendizaje y arte, taller**. [S.I.: s.n.]. p. 53-56 (em espanhol).

SARRAF, V. P. **Acessibilidade em espaços culturais**: mediação e comunicação sensorial. São Paulo: EDUC : FAPESP, 2015.

SCHÖN, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. Disponível em:

<[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/FORMAR\\_PROFESSORES\\_COMO\\_PROFIS SIONAIS\\_RE.pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/FORMAR_PROFESSORES_COMO_PROFIS SIONAIS_RE.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2016.

SINGER, H. **República de crianças**: sobre experiências escolares de resistência. ed. rev. e aum. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. (Coleção Educação e Psicologia em debate).

SOCIEDADE sem escolas.

Capítulo 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nj-YzoDymQI&list=PL0k4Oibql6p4HQ7DH0vaxY3LCYgwhgia9&index=4>>.

Capítulo 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EN8pfOfgsVY>>.

Capítulo 3. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=eB9hqDN2DsA&list=PL0k4Oibql6p4HQ7DH0vaxY3LCYgwhgia9&index=3>>.

TEIXEIRA; A. A pedagogia de Dewey (Esboço da teoria de educação de John Dewey). In: WESTBROOK, R. B. **John Dewey**. Organizadores: Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p.33-66. p. 136 il. (Coleção Educadores).

Disponível em:

<[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=205233](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205233)>. Acesso em: 23 jun. 2016.

TEXTOS nas exposições: escolha para se comunicar melhor com seus públicos.

Disponível em:

<[http://www.percebeeduca.com.br/files/uploads/downloads/download\\_3.pdf](http://www.percebeeduca.com.br/files/uploads/downloads/download_3.pdf)>.

Acesso em: 15 jun. 2016.

VIANNA, R. S. **Avaliação de Ações Educativas em Museus**. Fórum Permanente.

VÍDEOS Pra você ver: Paulo Freire.

**Vídeo 1.** Duração: 10min.35s.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VQwESXC55LE>>;

**Vídeo 2.** Duração: 7 min.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dcPsXRDhJMg>>;

**Vídeo 3.** Duração: 8min.58s.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vj8Vmz7xmWo>>.

VILLELA, M.; CHAIMOVICH, F.; LEYTON, D. et al. **Obras comentadas:** mediações. Designer gráfico: Janela Estúdio, Lia Assumpção. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2015.

#### BIBLIOGRAFIA

BIAGINI, J. **Reforma do Ensino:** A Lei de Diretrizes e Bases da Educação e Reestruturação Curricular do CEFET de Minas Gerais. São Paulo: s.n, 2005.

BISILLIAT, M. (Org.). **Aqui dentro, páginas de uma memória:** Carandiru. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Fundação memorial da América latina, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. **Documento Base.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec>> -Acesso em: 18.12.2015

BROTI, M. P. **O Ensino Superior no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza: sujeitos, experiências e currículo (1969-1976).** Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade. 2012.

CARVALHO, M. L. M. de; RIBEIRO, S. L. S. (Orgs.). **História Oral na Educação:** memórias e identidades. São Paulo: Centro Paula Souza, 2014. 289 p.

**Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Profissional e Tecnológica.** Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/#!departamentos/ciencias-da-educacao/grupos/grupo-de-estudos-e-pesquisas-em-educacao-profissional-e-tecnologica/>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

FARIA, M. L de; TEIXEIRA, G.; , VLACHOU, M.; FERREIRA, p. M. **Museus e Público Sênior**. Texto integrante da apostila do curso para educadores sociais, *Ações Multiplicadoras – o Museu e a inclusão sociocultural*, produzido pelo Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do estado de São Paulo –NAE/PESP, 11<sup>a</sup> ed. 2015. p. 166-178.

FRANCO, L. T. **A contribuição da memória no fortalecimento da reputação institucional**: o caso dos 45 anos do Centro Paula Souza. São Paulo: s.n, 2014. 93 f.

MACHADO, C. de L. F. et al. História da ETEC Parque da Juventude. In: **III Encontro de Memórias e História da Educação Profissional**: patrimônio, currículos e processos formativos. Eixo Temático: Difusão de Conhecimentos e Práticas Desenvolvidas na Cetec., São Paulo. 2014.

MEC. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto\\_7566\\_1909.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2016.

MENEZES, M. C. **Entre porões e sótãos**: O Patrimônio Histórico-Educativo em cena. Disponível em:

<<http://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723815282014223/3111>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

MÜLLER, M. T. **A educação profissionalizante no Brasil** – Das corporações de ofícios à criação do SENAI.

Disponível em:

<<http://www.estudosdotrabalho.org/8RevistaRET5.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

PASSOS, R.D.F. dos. O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS): breve história e perspectivas. **Dialogia**, São Paulo, v.5, p.67-71, 2006.

PENA, R. F. A. "Terceira Revolução Industrial"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilescola.com/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm>>. Acesso em 17 de novembro de 2015.

RAPPAPORT, C. R. Características gerais dos principais períodos de desenvolvimento. In: **Pedagogia Cidadã**: cadernos de formação: psicologia da

educação/ Adrián Oscar Dongo Montoya, org. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação. 2<sup>a</sup> ed. revista e ampliada. 2004. p. 51-58.

SENAI/SC-Jaraguá do Sul. In: **E-Tech: Atualidades Tecnológicas para Competitividade Industrial**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 77-86, 1<sup>o</sup> sem., 2008.

**SILVA, M. S. da. *Educar desde dentro: ações educativas em museus para seus trabalhadores*.** Texto integrante da apostila do curso para educadores sociais, *Ações Multiplicadoras – o Museu e a inclusão sociocultural*, produzido pelo Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do estado de São Paulo –NAE/PESP, 11<sup>a</sup> ed. 2015.(p. 191-198.

**SHOR, I. *Medo e Ousadia* – O cotidiano do professor.** Tradução de Adriana Lopez. revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

**SOUZA, F.C.de. *Educação Profissional: História e Ensino de História.*** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Estadual de Londrina -UEL, Londrina, 2010. 123 f.

**ZIBAS, D. M. L.** Uma visão geral do ensino técnico no Brasil. **A legislação, as críticas, os impasses e os avanços.**

**WILDER, G. S. *Inclusão Sociocultural: uma missão dos museus de arte.*** Texto integrante da apostila do curso para educadores sociais, *Ações Multiplicadoras – o Museu e a inclusão sociocultural*, produzido pelo Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do estado de São Paulo –NAE/PESP, 11<sup>a</sup> ed. 2015. p. 47-52.

WITTACZIK; L. S. Educação Profissional no Brasil: Histórico.

---

Disponível em:

<[http://www.uepg.br/formped/disciplinas/educacaoetrabalho/novas\\_diretrizes\\_ed\\_profs\\_ional.pdf](http://www.uepg.br/formped/disciplinas/educacaoetrabalho/novas_diretrizes_ed_profs_ional.pdf)>.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n58/a08v1658.pdf>>.

Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1713.htm>>.

Disponível em: <<http://www.cpscetec.com.br/memorias/historico2.html>>.

---

Disponível em:

<[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=14796](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=14796)>.

Disponível em: <[http://www.albertoferes.com.br/menu\\_esquerdo/historia/ceeteps.htm](http://www.albertoferes.com.br/menu_esquerdo/historia/ceeteps.htm)>.

Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/>>.

Todos com acesso em: 18.out.2015

---

Sobre o julgamento do Carandiru. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/04/ultimo-grupo-de-pms-e-condenado-por-massacre-do-carandiru.html>>.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-12/policiais-condenados-pela-morte-de-presos-no-carandiru-continuam-em>>. Acesso em: 20 out. 2015.

Sobre SISEM/SP e UPPM. Disponível em:  
<<http://www.sisemsp.org.br/index.php/sisem-67/o-que-e-o-sisem>>. Acesso em: 20 out. 2015.

Disponível em:

<<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.92dfa9ce23b5efef6d006810ca60c1a0/?vgnnextoid=7364378e515ea110VgnVCM100000ac061c0aRCRD&vgnnextchannel=7364378e515ea110VgnVCM100000ac061c0aRCRD>>. Acesso em: 20 out. 2015.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
Censo Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico / Instituto Nacional de  
Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: O Instituto, 2014.  
39 p.: tab.

**Perfil dos Cursos** é uma publicação do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia e responsável pelas Faculdades de Tecnologia (**Fatecs**) e Escolas Técnicas (**Etecs**) estaduais. 2011 e 2014.

Revista “Cidade”- Revista do Departamento do Patrimônio Histórico/DPH- Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, janeiro 1998, ano V, nº 5. Artigo : ***Penitenciária do Estado***, de Paulo Cesar Fernandes e Mauro Pereira de Paula Junior, p. 103.

**Público de museu**, Adriana Mortara Almeida; Texto integrante da apostila do curso para educadores sociais, *Ações Multiplicadoras – o Museu e a inclusão sociocultural*, produzido pelo Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do estado de São Paulo – NAE/PESP, 11.<sup>a</sup> Edição – ano 2015; (p. 280 a 282).

**Pessoas com deficiência:**

Textos: **Acessibilidade e Inclusão de públicos especiais em museus**, Amanda Fonseca Tojal, pgs.11 a 19 e **Acessibilidade em espaços expositivos: o direito de vir e ver**, Maria Elisabete Lopes e Luiz Carlos Lopes, pgs. 21 a 25, in Caderno de Acessibilidade: Reflexões e Experiências em Museus e Exposições. Tojal, Amanda Fonseca, et AL. (Textos); Regina Cassimiro (Design Gráfico). São Paulo: Expomus, 2010. 56 P.:IL.

**Manual de convivência – Pessoas com Deficiência e Mobilidade Reduzida – 2.<sup>a</sup> edição**, ampliada e revista, Realização Mara Gabrilli, Patrocínio ENPAVI.

**Dicas para quando você encontrar uma pessoa com deficiência**, Prefeitura.sp.gov. PRODAM- Acessibilidade.

**Texto palestrantes sobre Acessibilidade:**

Margarete de Oliveira- Apostila curso Ensino da Arte na Educação Especial e Inclusiva, 2013, pgs 20 a 49; 2.<sup>a</sup> aula: Aprendizagem Multissensorial e a Teoria das Inteligências Múltiplas, com os seguintes textos: **Multissensorialidade no Ensino de Desenho a cegos**, Jose Alfonso Ballester-Alvarez, **Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas e As inteligências múltiplas e seus estímulos** de Celso Antunes; 3.<sup>a</sup> aula: Públicos Especiais: características e potencialidades com textos sobre **Pessoas com deficiências e Públicos especiais** de Amanda Tojal.

Matéria da revista Enfoque: **Integração, Inclusão e Modalidades da Educação Especial – Mitos e Fatos** de Rosita Edler Carvalho.

Amanda Tojal e Viviane P. Sarraf disponibilizaram suas apresentações em ppt.

**Bebês e infantil: crianças de 0 a 3 anos e de 4 a 6 anos:**

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, setembro de 2010- RCNEI- Vol. 3., Artes Visuais.

Vídeos: I Seminários Bebês no Museu – Casa das Rosas

<https://www.youtube.com/watch?v=5OcDgJUI0uI>

<https://www.youtube.com/watch?v=DytHwHgU2EQ>

**ANEXO A**

• • • • •

## Plano de Trabalho Docente – 2015

---

### Ensino Técnico

Etec Parque da Juventude	
Código: 159	Município: São Paulo
Eixo Tecnológico: Produção Cultural e Design	
Habilitação Profissional: Curso Técnico em Museologia	
Qualificação: Técnico em Museologia	Módulo: 2º
Componente Curricular: Mediação em Museus	
C.H. Semanal: 5h	Professor: Ana Mírio

**I – Atribuições e atividades profissionais relativas à qualificação ou à habilitação profissional, que justificam o desenvolvimento das competências previstas nesse componente curricular.**

**3. AUXILIAR NA PREPARAÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVAS E/ OU CULTURAIS**

- Exercer serviços de monitoria.
- Auxiliar no estabelecimento de estratégias para públicos especiais.
- Participar de ações educativas e/ou culturais.
- Auxiliar no desenvolvimento de estudos de público-alvo.
- Auxiliar na preparação de material educativo.

**4. AUXILIAR NOS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO E DE DIFUSÃO DE ACERVOS**

- Auxiliar na divulgação de eventos na mídia.
- Interagir com outros profissionais e com o público da instituição.
- Manter *mailing* atualizado de escolas e de outras instituições.

**II – Competências, Habilidades e Bases Tecnológicas do Componente Curricular**

Componente Curricular: Mediação em Museu

Módulo: 2º

o	Competências	o	Habilidades	o	Bases Tecnológicas
	Identificar técnicas de elaboração e de avaliação de programas, roteiros, itinerários, atividades de educação, lazer, e de entretenimento.		Contatar diferentes fornecedores de programas, roteiros, itinerários e atividades e prestadores de serviços e provedores de infra-estrutura e de meios de apoio.		Técnicas de elaboração de programas, roteiros e itinerários..
	Identificar técnicas de captação de público em geral para os museus.		Organizar e manter cadastro de escolas, empresas e público em geral, e de fornecedores e contratantes, organizações de lazer e de entretenimento, autoridades, lideranças empresariais, profissionais e comunitárias.		Sistemas de agendamento.
	Identificar várias formas de educação desenvolvidas no Museu.		Definir metodologias e objetivos do programa educativo e elaborar cronogramas de atividades.		Técnicas para elaboração do plano de ação educativa. Etapas de elaboração e execução das propostas.
	Analizar as características do público utilizando resultados de pesquisas, de sondagens, indicadores socioeconômicos e informações referentes a museus e a instituições correlatas.		Adequar a oferta de serviços em museus aos interesses, aos hábitos, às atitudes, níveis de aprendizagem e às expectativas do público de museus.		Técnicas de organização operacional dos serviços educativos.
	Identificar as técnicas para recepção de público.		Utilizar dados de pesquisas sobre a recepção de diferentes públicos e sobre sua relação com os objetos		Técnicas de comunicação e de relacionamento com o público

Colaborar na coordenação de programas de visitas e eventos de museus e de instituições correlatas	Conhecer os públicos reais e potenciais para permanente proposição e reavaliação das ações desenvolvidas.		Caracterização socioeconômica, cultural, emocional , afetiva e cognitiva do público.
Identificar técnicas de elaboração e execução de programas de ação educativa para os diversos públicos do museu.	Elaborar e desenvolver diferentes propostas educativas.		Técnicas de coleta de dados e avaliação.

### III – Procedimento Didático e Cronograma de Desenvolvimento

Componente Curricular: Mediação em Museu

Módulo: 2º

Habilidade	Bases Tecnológicas	Procedimentos Didáticos	Cronograma / Dia e Mês
Contatar diferentes fornecedores de programas, roteiros, itinerários e atividades e prestadores de serviços e provedores de infra-estrutura e de meios de apoio.	Técnicas de elaboração de programas, roteiros e itinerários..	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> .	23/02 a 02/03

<p>Organizar e manter cadastro de escolas, empresas e público em geral, e de fornecedores e contratantes, organizações de lazer e de entretenimento, autoridades, lideranças empresariais, profissionais e comunitárias.</p>	<p>Sistemas de agendamento.</p>	<p>Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i>. Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.</p>	<p><b>03/03 a 31/03</b></p>
<p>Definir metodologias e objetivos do programa educativo e elaborar cronogramas de atividades.</p>	<p>Técnicas para elaboração do plano de ação educativa. Etapas de elaboração e execução das propostas.</p>	<p>Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i>. Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.</p>	<p><b>01/04 a 30/4</b></p>
<p>Adequar a oferta de serviços em museus aos interesses, aos hábitos, às atitudes, níveis de aprendizagem e às expectativas do público de museus.</p>	<p>Técnicas de organização operacional dos serviços educativos.</p>	<p>Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i>. Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.</p>	<p><b>01/05 a 15/05</b></p>
<p>Utilizar dados de pesquisas sobre a recepção de diferentes públicos e sobre sua relação com os objetos</p>	<p>Técnicas de comunicação e de relacionamento com o público</p>	<p>Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i>. Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.</p>	<p><b>16/05 a 31/05</b></p>

Conhecer os públicos reais e potenciais para permanente proposição e reavaliação das ações desenvolvidas.	Caracterização socioeconômica, cultural, emocional, afetiva e cognitiva do público.	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> . Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.	01/06 a 15/06
Elaborar e desenvolver diferentes propostas educativas.	Técnicas de coleta de dados e avaliação.	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> . Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.	16/06 a 03/07

**IV – Procedimentos de Avaliação**

Componente Curricular: **Mediação em Museus**

**Módulo: 2º**

Competência (por extenso)	Indicadores de Domínio	Instrumentos de Avaliação	Critérios de Desempenho	Evidências de Desempenho
------------------------------	------------------------	------------------------------	----------------------------	-----------------------------

Identificar técnicas de elaboração e de avaliação de programas, roteiros, itinerários, atividades de educação, lazer, e de entretenimento.	Colaborar na estruturação e consolidação de parâmetros e processos.	Relatório de visitas técnicas Avaliação prática em grupo Estudo de caso Observação direta Sinopses de consultas bibliográficas Simulações	Clareza Objetividade Criticidade Organização Fluência oral e escrita	Apresentação de trabalho que evidencie compreensão dos conceitos. Apresentação de resultado de atividade prática que evidencie a compreensão dos fluxos inerentes às diferentes etapas do aprendizado.
Identificar técnicas de captação de público em geral para os museus.	Auxiliar na elaboração, uso e tramitação de procedimentos, fluxos de trabalho e ferramentas para a implantação e manutenção de uma área educativa em museus	Relatório de visitas técnicas Avaliação prática em grupo Estudo de caso Observação direta Sinopses de consultas bibliográficas Simulações	Clareza Objetividade Criticidade Organização Fluência oral e escrita	Apresentação de trabalho que evidencie compreensão dos conceitos. Apresentação de resultado de atividade prática que evidencie a compreensão dos fluxos inerentes às diferentes etapas do aprendizado.
Identificar várias formas de educação desenvolvidas no Museu.	Auxiliar na elaboração, uso e tramitação de procedimentos, fluxos de trabalho e ferramentas para a implantação e manutenção de uma área educativa em museus	Relatório de visitas técnicas Avaliação prática em grupo Estudo de caso Observação direta Sinopses de consultas bibliográficas Simulações	Clareza Objetividade Criticidade Organização Fluência oral e escrita	Apresentação de trabalho que evidencie compreensão dos conceitos. Apresentação de resultado de atividade prática que evidencie a compreensão dos fluxos inerentes às diferentes etapas do aprendizado.

**V – Material de Apoio Didático para Aluno (inclusive bibliografia)**

FREIRE, Paulo; *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire*, São Paulo, Paz e Terra, 2011

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência/ Jorge Larrosa, Trad. Cristina Antunes, João W. Geraldi – 1ª Ed- Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*. Zahar, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. O Mestre Ignorante- cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. de Lilian do Valle- Belo Horizonte: Autentica, 2002.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). Arte/Educação como mediação cultural e social – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de Arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2010. (edição revisada)

BARBOSA, Ana Mae, *Tópicos Utópicos/Ana Mae Barbosa*.-Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (orgs.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação/*-São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). *Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos*.-São Paulo: Terracota Editora, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. 2ª edição- São Paulo: Intermeios, 2012.

Holt, John, 1923-1985. *Como as crianças aprendem / John Holt*; trad. Walther Castelli Jr. – Campinas, SP: Verus Editora, 2007.

ALENCAR, Valéria Peixoto de. *O Mediador Cultural*. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2008.

ARANHA, Carmen S.G. Exercícios do olhar: conhecimento e visualidade; assistentes de pesquisa Amauri C. Brito, Alex Rosato, Evandro C. Nicolau.- São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

MARANDINO,Martha (org.). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008.

McMANUS, Paulette. *Educação em museus: pesquisas e práticas*. Orgs. Martha Marandino e Luciana Monaco. São Paulo: FEUSP, 2013.

MARTINS, Luciana Conrado [et al.]. *Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais*. – 1ª Ed. Outros orgs.: NAVAS, Ana Maria; CONTIER, Djana; SOUZA, Maria Paula Correia de. – São Paulo: Percebe, 2013.

HELGREET, Pablo (org.). *Caderno de Mediação*; trad.de Camila Pasquetti, Clara Meirelles, Gabriela Petit, Mônica Hoff e Natália Lucas. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

MASSARANI, Luisa (org.). *Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência*. RJ: Museu da Vida / Casa de Osvaldo Cruz / Fio Cruz, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Ministério da Cultura, IPHAN; Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.

Seminários de capacitação museológica. Anais.... . – Belo Horizonte: Instituto Cultural/Flávio Gutierrez, 2004.

CARLETTO, Ana Claudia. *Manual de convivência – pessoas com deficiência e mobilidade reduzida*- 2ª edição, ampliada e revista. Realização: Mara Gabrilli.

DVD's "Percursos da arte na educação"; Ação Educativa.

**VI – Estratégias de Recuperação Contínua (para alunos com baixo rendimento/dificuldades de aprendizagem)**

Aos alunos que apresentarem dificuldades será proposta recuperação através de atividades diferenciadas com reorientação da aprendizagem.

A recuperação paralela será desenvolvida como processo, levando-se em consideração os aspectos formativos e os objetivos operacionalizados, sob forma do desempenho do discente.

Os alunos serão avaliados de acordo com a sua participação no padrão de execução, realização das atividades propostas, assiduidade às aulas.

O processo de avaliação será continuo, tendo por objetivo proporcionar ao aluno a assimilação das bases tecnológicas de forma satisfatória.

**VII - Identificação:**

Nome do professor: Ana Maria Minici Miro

Assinatura:

Data: 20/01/2015

**VIII - Parecer do Coordenador de Área:**

Nome do coordenador(a):

Assinatura:

Data:

## **ANEXO B**

• • • • • • •	<h2>Plano de Trabalho Docente – 2015</h2> <hr/>	
<h3>Ensino Técnico</h3>		
Etec Parque da Juventude		
159	Código: 159	Município: São Paulo
Eixo Tecnológico: Produção Cultural e Design		
Habilitação Profissional: Curso Técnico em Museologia		
Qualificação: Técnico em Museologia		Módulo: 2º
Componente Curricular: Laboratório de Práticas de Mediação em Museus		
C.H. Semanal: 2,5h	Professor: Ana Maria Minici Mirio	
<b>I – Atribuições e atividades profissionais relativas à qualificação ou à habilitação profissional, que justificam o desenvolvimento das competências previstas nesse componente curricular.</b>		
<b>5. AUXILIAR NA PREPARAÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVAS E / OU CULTURAIS</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Exercer serviços de monitoria.</li><li>• Auxiliar no estabelecimento de estratégias para públicos especiais.</li><li>• Participar de ações educativas e/ou culturais.</li><li>• Auxiliar no desenvolvimento de estudos de público-alvo.</li><li>• Auxiliar na preparação de material educativo.</li></ul>		
<b>6. AUXILIAR NOS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO E DE DIFUSÃO DE ACERVOS</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Auxiliar na divulgação de eventos na mídia.</li><li>• Interagir com outros profissionais e com o público da instituição.</li><li>• Manter <i>mailing</i> atualizado de escolas e de outras instituições.</li></ul>		

**II – Competências, Habilidades e Bases Tecnológicas do Componente Curricular**
**Componente Curricular: Laboratório de Práticas de Mediação em Museu**
**Módulo: 2º**

o	Competências	o	Habilidades	o	Bases Tecnológicas
	Identificar técnicas de elaboração e de avaliação de programas, roteiros, itinerários, atividades de educação, lazer, e de entretenimento.		Contatar diferentes fornecedores de programas, roteiros, itinerários e atividades e prestadores de serviços e provedores de infra-estrutura e de meios de apoio.		Técnicas de elaboração de programas, roteiros e itinerários..
	Identificar técnicas de captação de público em geral para os museus.		Organizar e manter cadastro de escolas, empresas e público em geral, e de fornecedores e contratantes, organizações de lazer e de entretenimento, autoridades, lideranças empresariais, profissionais e comunitárias.		Sistemas de agendamento.
	Identificar várias formas de educação desenvolvidas no Museu.		Definir metodologias e objetivos do programa educativo e elaborar cronogramas de atividades.		Técnicas para elaboração do plano de ação educativa. Etapas de elaboração e execução das propostas.
	Analisa as características do público utilizando resultados de pesquisas, de sondagens, indicadores socioeconômicos e informações referentes a museus e a instituições correlatas.		Adequar a oferta de serviços em museus aos interesses, aos hábitos, às atitudes, níveis de aprendizagem e às expectativas do público de museus.		Técnicas de organização operacional dos serviços educativos.

	Identificar as técnicas para recepção de público.	Utilizar dados de pesquisas sobre a recepção de diferentes públicos e sobre sua relação com os objetos		Técnicas de comunicação e de relacionamento com o público
	Colaborar na coordenação de programas de visitas e eventos de museus e de instituições correlatas	Conhecer os públicos reais e potenciais para permanente proposição e reavaliação das ações desenvolvidas.		Caracterização socioeconômica, cultural, emocional, afetiva e cognitiva do público.
	Identificar técnicas de elaboração e execução de programas de ação educativa para os diversos públicos do museu.	Elaborar e desenvolver diferentes propostas educativas.		Técnicas de coleta de dados e avaliação.

### III – Procedimento Didático e Cronograma de Desenvolvimento

Componente Curricular: Laboratório de Práticas de Mediação em Museu

Módulo: 2º

Habilidade	Bases Tecnológicas	Procedimentos Didáticos	Cronograma / Dia e Mês
Contatar diferentes fornecedores de programas, roteiros, itinerários e atividades e prestadores de serviços e provedores de infra-estrutura e de meios de apoio.	Técnicas de elaboração de programas, roteiros e itinerários..	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> .	20/02 a 28/02

Organizar e manter cadastro de escolas, empresas e público em geral, e de fornecedores e contratantes, organizações de lazer e de entretenimento, autoridades, lideranças empresariais, profissionais e comunitárias.	Sistemas de agendamento.	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> . Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.	01/03 a 31/03
Definir metodologias e objetivos do programa educativo e elaborar cronogramas de atividades.	Técnicas para elaboração do plano de ação educativa. Etapas de elaboração e execução das propostas.	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> . Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.	01/04 a 30/04
Adequar a oferta de serviços em museus aos interesses, aos hábitos, às atitudes, níveis de aprendizagem e às expectativas do público de museus.	Técnicas de organização operacional dos serviços educativos.	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> . Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.	01/05 a 15/05
Utilizar dados de pesquisas sobre a recepção de diferentes públicos e sobre sua relação com os objetos	Técnicas de comunicação e de relacionamento com o público	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> . Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.	16/05 a 31/05

Conhecer os públicos reais e potenciais para permanente proposição e reavaliação das ações desenvolvidas.	Caracterização socioeconômica, cultural, emocional, afetiva e cognitiva do público.	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> . Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.	01/06 a 15/06
Elaborar e desenvolver diferentes propostas educativas.	Técnicas de coleta de dados e avaliação.	Aulas teóricas. Leitura de textos previamente escolhidos pelo professor. Exercícios práticos realizados em sala de aula. Apresentação de vídeos e aplicativos <i>online</i> . Visitas técnicas e conversas com profissionais da área.	16/06 a 03/07

**IV – Procedimentos de Avaliação**

**Componente Curricular:** Laboratório de Práticas de Mediação em Museu

**Módulo:** 2º

Competência (por extenso)	Indicadores de Domínio	Instrumentos de Avaliação	Critérios de Desempenho	Evidências de Desempenho
------------------------------	------------------------	------------------------------	----------------------------	-----------------------------

Identificar técnicas de elaboração e de avaliação de programas, roteiros, itinerários, atividades de educação, lazer, e de entretenimento.	Colaborar na estruturação e consolidação de parâmetros e processos.	Relatório de visitas técnicas Avaliação prática em grupo Estudo de caso Observação direta Sinopses de consultas bibliográficas Simulações	Clareza Objetividade Criticidade Organização Fluência oral e escrita	Apresentação de trabalho que evidencie compreensão dos conceitos. Apresentação de resultado de atividade prática que evidencie a compreensão dos fluxos inerentes às diferentes etapas do aprendizado.
Identificar técnicas de captação de público em geral para os museus.	Auxiliar na elaboração, uso e tramitação de procedimentos, fluxos de trabalho e ferramentas para a implantação e manutenção de uma área educativa em museus	Relatório de visitas técnicas Avaliação prática em grupo Estudo de caso Observação direta Sinopses de consultas bibliográficas Simulações	Clareza Objetividade Criticidade Organização Fluência oral e escrita	Apresentação de trabalho que evidencie compreensão dos conceitos. Apresentação de resultado de atividade prática que evidencie a compreensão dos fluxos inerentes às diferentes etapas do aprendizado.
Identificar várias formas de educação desenvolvidas no Museu.	Auxiliar na elaboração, uso e tramitação de procedimentos, fluxos de trabalho e ferramentas para a implantação e manutenção de uma área educativa em museus	Relatório de visitas técnicas Avaliação prática em grupo Estudo de caso Observação direta Sinopses de consultas bibliográficas Simulações	Clareza Objetividade Criticidade Organização Fluência oral e escrita	Apresentação de trabalho que evidencie compreensão dos conceitos. Apresentação de resultado de atividade prática que evidencie a compreensão dos fluxos inerentes às diferentes etapas do aprendizado.

**V – Material de Apoio Didático para Aluno (inclusive bibliografia)**

FREIRE, Paulo; *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire*, São Paulo, Paz e Terra, 2011

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência/ Jorge Larrosa, Trad. Cristina Antunes, João W. Geraldi – 1ª Ed- Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*. Zahar, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. O Mestre Ignorante- cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. de Lilian do Valle- Belo Horizonte: Autentica, 2002.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). Arte/Educação como mediação cultural e social – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de Arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2010. (edição revisada)

BARBOSA, Ana Mae, *Tópicos Utópicos/Ana Mae Barbosa*.-Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (orgs.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*,-São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). *Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos*.-São Paulo: Terracota Editora, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. 2ª edição- São Paulo: Intermeios, 2012.

Holt, John, 1923-1985. *Como as crianças aprendem / John Holt*; trad. Walther Castelli Jr. – Campinas, SP: Verus Editora, 2007.

ALENCAR, Valéria Peixoto de. *O Mediador Cultural*. Considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Artes/UNESP, São Paulo, 2008.

ARANHA, Carmen S.G. Exercícios do olhar: conhecimento e visualidade; assistentes de pesquisa Amauri C. Brito, Alex Rosato, Evandro C. Nicolau.- São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

MARANDINO,Martha (org.). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008.

McMANUS, Paulette. *Educação em museus: pesquisas e práticas*. Orgs. Martha Marandino e Luciana Monaco. São Paulo: FEUSP, 2013.

MARTINS, Luciana Conrado [et al.]. *Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais*. – 1ª Ed. Outros orgs.: NAVAS, Ana Maria; CONTIER, Djana; SOUZA, Maria Paula Correia de. – São Paulo: Percebe, 2013.

HELGREET, Pablo (org.). *Caderno de Mediação*; trad.de Camila Pasquetti, Clara Meirelles, Gabriela Petit, Mônica Hoff e Natália Lucas. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

MASSARANI, Luisa (org.). *Diálogos & Ciência*: mediação em museus e centros de ciência. RJ: Museu da Vida / Casa de Osvaldo Cruz / Fio Cruz, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Ministério da Cultura, IPHAN; Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.

Seminários de capacitação museológica. Anais.... . – Belo Horizonte: Instituto Cultural/Flávio Gutierrez, 2004.

CARLETTTO, Ana Claudia. *Manual de convivência – pessoas com deficiência e mobilidade reduzida*- 2ª edição, ampliada e revista. Realização: Mara Gabrilli.

DVD's "Percursos da arte na educação"; Ação Educativa.

**VI – Estratégias de Recuperação Contínua (para alunos com baixo rendimento/dificuldades de aprendizagem)**

Aos alunos que apresentarem dificuldades será proposta recuperação através de atividades diferenciadas com reorientação da aprendizagem.

A recuperação paralela será desenvolvida como processo, levando-se em consideração os aspectos formativos e os objetivos operacionalizados, sob forma do desempenho do discente.

Os alunos serão avaliados de acordo com a sua participação no padrão de execução, realização das atividades propostas, assiduidade às aulas.

O processo de avaliação será contínuo, tendo por objetivo proporcionar ao aluno a assimilação das bases tecnológicas de forma satisfatória.

**VII - Identificação:**

Nome do professor: Ana Maria Minici Mirio

Assinatura:

Data: 20/01/2015

**VIII - Parecer do Coordenador de Área:**

Nome do coordenador(a):

Assinatura:

Data:

## **ANEXO C**

### Ementa do Curso

Origem e desenvolvimento e organização dos setores de educação dos museus e instituições culturais. Evolução sistemas de comunicação utilizados nas atividades educativas. Estudo e estratégias de captação dos públicos de museus; parcerias e sistemas de avaliação das atividades.

Formação do profissional mediador. Estudo dos objetivos educacionais como norteadores da ação educativa. Análise dos setores e ações educativas oferecidas pelas instituições culturais e museológicas da atualidade.

### Plano de Ensino

#### 7. AUXILIAR NA PREPARAÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVAS E/ OU CULTURAIS

- Exercer serviços de monitoria.
- Auxiliar no estabelecimento de estratégias para públicos especiais.
- Participar de ações educativas e/ou culturais.
- Auxiliar no desenvolvimento de estudos de público-alvo.
- Auxiliar na preparação de material educativo.

#### 8. AUXILIAR NOS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO E DE DIFUSÃO DE ACERVOS

- Auxiliar na divulgação de eventos na mídia.
- Interagir com outros profissionais e com o público da instituição.
- Manter *mailing* atualizado de escolas e de outras instituições

#### 1.5 SISTEMA DE AVALIAÇÃO:

- ✓ Atividades e debates em sala de aula;
- ✓ Elaboração de relatórios de observação de atividades educativas;
- ✓ Produção textos; exposição oral, planejamento atividades educativas.
- ✓ Trabalhos individuais e em grupo.

### PLANO DE AULA

D atas	Forma de desenvolvimento e Conteúdo Previsto
23/ FEV	Apresentação disciplina: avaliações, exercícios, visitas técnicas. Roda de conversa sobre experiências com educativo de museus. Solicitação visita educativa com roteiro de observação. Entrega: 23/MAR.
02/ MAR	Museus e Função educativa; Etapas de elaboração de um setor educativo. Textos (a serem selecionados) Orientação TCC.
09/ MAR	(Cont.) Museus e Função educativa; Etapas de elaboração de um setor educativo. Textos (a serem selecionados) Orientação TCC.
16/ MAR	Contextos educacionais: formal, não-formal e informal; Videos sobre educação ( <i>Quando sinto que já sei e</i>

	<i>Sociedade sem escolas) Discussão sobre Educação</i>
23/ MAR	(Cont.) Contextos educacionais: formal, não-formal e informal; Vídeos sobre educação ( <i>Quando sinto que já sei</i> e <i>Sociedade sem escolas</i> ) Discussão sobre Educação. Entrega relatório de visita com roteiro.
30/ MAR	Palestra Camila Lia – Museu da Cidade de São Paulo (Formação de educadores, trabalho com diferentes acervos)
06/ ABR	Ensino da arte no Brasil/ arte/educação no Brasil; Proposta triangular Ana Mae Barbosa; Vídeos sobre arte-educadores; Leitura texto Ana Mae (selecionar).
13/ ABR	John Dewey e Paulo Freire: textos e vídeo; Leitura e discussão em sala.
20/ ABR	Não haverá aula.
27/ ABR	(Cont.) John Dewey e Paulo Freire: textos e vídeo; Leitura e discussão em sala.
04/ MAI	A partir das visitas educativas observadas iniciar discussão coletiva para levantamento de pontos positivos e negativos da experiência; reflexão conjunta sobre aspectos geradores das situações relatadas; Educador: perfil, formação, vínculos empregatícios (tese Valéria Peixoto) X Educação/trabalho educador museus.
11/ MAI	(Cont.) Educador: perfil, formação, vínculos empregatícios; Educação/trabalho educador museus.
18/ MAI	Mediação cultural - Leitura e discussão de textos (a serem selecionados)
25/ MAI	Mediação cultural - Leitura e discussão de textos (a serem selecionados)
01/ JUN	Palestra: Adriana Mortara – Estudos sobre receptores/visitantes; Textos: Leiva, João. Cultura SP: Hábitos culturais dos paulistas / org. João Leiva. – São Paulo Tuva Editora, 2014 + texto palestrante a ser selecionado.
08/ JUN	Produção texto sobre a Educação em Museus e o trabalho do educador. Entrega em 29/jun/15. Min: 30 linhas.
15/ JUN	Palestra <i>Auber Bettinelli</i> (Zebra5).
22/ JUN	Regras de visitação e agendamentos – Exercício de pesquisa sites museus/instituições; leitura e discussão conjunta. Dicas de atendimento/postura profissional.
29/ JUN	Fechamento semestre: avaliação da disciplina e autoavaliação.

**Bibliografia Produção:**

BITTENCOURT, José Neves ET AL (Orgs.). *Museus, ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional 2007.

CURY, Marília Xavier. *Comunicação museológica*. Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MAST Colloquia. *Museu: Instituição de Pesquisa*. Rio de Janeiro: MAST, 2005. v. 7.

ARESTIZÁBAL, Irma; PIVA, Antonio. *Musei in transformazione: prospettive della museologia e della museografia*. Milano: Mazzota, 1991.

DAVIES, Stuart. *Plano diretor*. São Paulo: Edusp; Fundação Vitae, 2001. Série Museologia: roteiros práticos- 1.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 21ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre Arte e Ciência*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo, Iluminuras, 1999.

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Tradução de Roberto Schwarz. 2.ed. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1992.

ARNAUT, Jurema Kopke; ALMEIDA, Cícero A . Fonseca (Org.). *Museografia: a linguagem dos museus a serviço da sociedade e de seu patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: IPHAN : OEA, 1997.

ARNHEIN, Rudolf. *Intelecto e intuição na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da educação artística*. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

**Bibliografia Complementar:**

BARBOSA, Ana Mae & SALES, Heloisa Margarido (orgs.). *O ensino da arte e sua história*. São Paulo: MAC/USP, 1990.

BICKNELL, Sandra; FARMELO, Graham (Ed.). *Museum visitor studies in the 90s*. London: Science Museum, 1993.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e comunicação*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996.

MUSEUMS, Libraries and Archives Council. *Educação em museus*. São Paulo: EDUSP / Fundação Vitae, 2005. vol.3. Série Museologia – roteiros práticos.

DURBIN, Gail; MORRIS, Susan; WILKISON, Sue. *A teacher's guide to learning from objets*. London: English Heritage, 1990. Tradução: Denise Grinsepum.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Ministério da Cultura, IPHAN; Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.

## **ANEXO D**

### Ementa do Curso

Origem e desenvolvimento e organização dos setores de educação dos museus e instituições culturais. Evolução sistemas de comunicação utilizados nas atividades educativas. Estudo e estratégias de captação dos públicos de museus; parcerias e sistemas de avaliação das atividades.

Formação do profissional mediador. Estudo dos objetivos educacionais como norteadores da ação educativa. Análise dos setores e ações educativas oferecidas pelas instituições culturais e museológicas da atualidade.

### Plano de Ensino

#### 9. AUXILIAR NA PREPARAÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVAS E/ OU CULTURAIS

- Exercer serviços de monitoria.
- Auxiliar no estabelecimento de estratégias para públicos especiais.
- Participar de ações educativas e/ou culturais.
- Auxiliar no desenvolvimento de estudos de público-alvo.
- Auxiliar na preparação de material educativo.

#### 10. AUXILIAR NOS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO E DE DIFUSÃO DE ACERVOS

- Auxiliar na divulgação de eventos na mídia.
- Interagir com outros profissionais e com o público da instituição.
- Manter *mailing* atualizado de escolas e de outras instituições.

#### 1.6 SISTEMA DE AVALIAÇÃO:

- ✓ Atividades e debates em sala de aula;
- ✓ Elaboração de relatórios de observação de atividades educativas;
- ✓ Produção textos; exposição oral, planejamento atividades educativas.
- ✓ Trabalhos individuais e em grupo.

### PLANO DE AULA

D atas	Forma de desenvolvimento e Conteúdo Previsto
20/ FEV	Dinâmica de apresentação alunos e professor/apresentação disciplina: avaliações, exercícios, seminários, visitas técnicas. (Espaço Memória Carandiru??)
27/ FEV	Leitura de obra: exercício prático utilizando imagens bidimensionais. Exercício individual de leitura imagens – produção texto. Entrega no dia.
06/ MAR	Orientação da visita/trabalho na Fundação Cultural Ema Klabin..
13/ MAR	Vídeo do Instituto Mara Gabrilli- Dicas de convivência; Orientação sobre trabalho em grupo sobre Públicos de museu: produção de texto e apresentação de seminário para entrega em: 17/abr/15.
20/ MAR	Exercício em grupo de leitura objetos – exposição oral e entrega exercício escrito no dia.(Espaço Memória Carandiru)

27/ MAR	Visitas educativas: estrutura, tipos e modelos de comunicação; Construção de roteiros e material de apoio.
03/ ABR	Feriado – Não haverá aula.
10/ ABR	Ação educativa: cursos, ateliês, atividades extramuros.
17/ ABR	Seminário: exposição e entrega dos textos
24/ ABR	Seminário: exposição e entrega dos textos
01/ MAI	FERIADO – Não haverá aula.
08/ MAI	Em grupo: Exercícios iniciais de construção de roteiro de visita e material de apoio para trabalho com acervo do espaço Memória Carandiru; Condução de visitas educativas a serem realizadas no espaço memória Carandiru nos dias 19 e 26 de junho.
15/ MAI	Textos e materiais educativos: análise de materiais. (composição de um pequeno acervo de materiais para consulta e pesquisa dos alunos do curso)
22/ MAI	(Cont.) Textos e materiais educativos: análise de materiais. (composição de um pequeno acervo de materiais para consulta e pesquisa dos alunos do curso)
29/ MAI	Exercício individual texto educativo sobre peças acervo (Memória Carandiru).
05/ JUN	Não haverá aula.
12/ JUN	Finalização dos roteiros de visita e material de apoio para trabalho com acervo do espaço Memória Carandiru.
19/ JUN	Visitas Educativas ao espaço Memória Carandiru
26/ JUN	Visitas Educativas ao espaço Memória Carandiru
03/ JUL	Fechamento semestre: avaliação da disciplina e autoavaliação.

#### **Bibliografia Produção:**

BITTENCOURT, José Neves ET AL (Orgs.). *Museus, ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional 2007.

CURY, Marília Xavier. *Comunicação museológica*. Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MAST Colloquia. *Museu: Instituição de Pesquisa*. Rio de Janeiro: MAST, 2005. v. 7.

ARESTIZÁBAL, Irma; PIVA, Antonio. *Musei in transformazione: prospettive della museologia e della museografia*. Milano: Mazzota, 1991.

DAVIES, Stuart. *Plano diretor*. São Paulo: Edusp; Fundação Vitae, 2001. Série Museologia: roteiros práticos-1.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 21ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre Arte e Ciência*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo, Iluminuras, 1999.

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Tradução de Roberto Schwarz. 2.ed. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1992.

ARNAUT, Jurema Kopke; ALMEIDA, Cícero A . Fonseca (Org.). *Museografia: a linguagem dos museus a serviço da sociedade e de seu patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: IPHAN : OEA, 1997.

ARNHEIN, Rudolf. *Intelecto e intuição na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da educação artística*. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

**Bibliografia Complementar:b**

BARBOSA, Ana Mae & SALES, Heloisa Margarido (orgs.). *O ensino da arte e sua história*. São Paulo: MAC/USP, 1990.

BICKNELL, Sandra; FARMELO, Graham (Ed.). *Museum visitor studies in the 90s*. London: Science Museum, 1993.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e comunicação*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996.

MUSEUMS, Libraries and Archives Council. *Educação em museus*. São Paulo: EDUSP / Fundação Vitae, 2005. vol.3. Série Museologia – roteiros práticos.

DURBIN, Gail; MORRIS, Susan; WILKISON, Sue. *A teacher's guide to learning from objets*. London: English Heritage, 1990. Tradução: Denise Grinsepum.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Ministério da Cultura, IPHAN; Rio de Janeiro: Museu Imperial, 1999.